



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Engenharia

Cine-Teatros

Percorrendo a Beira Interior

Ana Cláudia Cardoso Brás

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura
Mestrado Integrado em Arquitectura
(2º ciclo de estudos)

Orientador: Prof. Doutor Luís Soares Carneiro
Co-orientador: Prof. Doutor Michael Mathias

Covilhã, 24 de Outubro de 2011

Agradecimentos

Em primeiro lugar devo um especial e grande agradecimento ao professor doutor Luís Soares Carneiro pela pronta disponibilidade e motivação que apresentou em orientar a minha dissertação e por todo o apoio e compreensão demonstrados.

Ao professor doutor Michael Mathias pela co-orientação e à professora doutora Ana Lídia Virtudes que me despertou o interesse pelo tema exposto.

Dada a necessária pesquisa e recolha dos processos referentes aos Cine-Teatros aqui apresentados não poderia deixar de referir o contributo essencial prestado pela Inspeção Geral das Actividades Culturais (IGAC) a quem agradeço pela autorização da consulta dos processos arquivados nas pessoas do Sr^o Eng^o Joaquim Valente, Director da Equipa Multidisciplinar de Recintos de Espectáculos de Natureza Artística, à Sr^a Eng^a Salete Mendes, Arqta Rita Canelhas e Sr^a Helena pela disponibilidade e amabilidade que sempre apresentaram para me receber. Refiro ainda o contributo dos funcionários da Câmaras e Arquivos Municipais da Guarda, Seia, Covilhã e Castelo Branco, bem como os dos Cine-Teatros que se encontram activos e possibilitaram a visita à generalidade dos espaços e ainda a contribuição histórica que se disponibilizaram a referir.

Agradeço ainda ao Edgar por todas as palavras, companhia e paciência.

À Adriana, à Débora e à Marília pelos conselhos e por terem proporcionado uma grande amizade durante este percurso aqui finalizado que nem sempre foi fácil, e a todos os amigos que estiveram constantemente presentes.

Aos arquitectos Pedro Leitão e Paulo Borges pelo apoio e disponibilidade com que sempre se encontraram.

Aos meus pais e irmão por simplesmente existirem e ainda pelas pacientes viagens ao encontro dos Cine-Teatros.

Resumo

No século XIX o teatro era uma importante forma de lazer e cultura para quase toda a sociedade. No entanto, nos inícios do século XX, com o decorrer do tempo e com o surgimento de outras actividades culturais, como o cinema, levou a que as anteriores formas de divertimento e lazer fossem deixadas um pouco no esquecimento, surgindo a necessidades de novos equipamentos culturais aptos para o cinema sem esquecerem o teatro: os Cine-Teatros.

Do grande número de edifícios deste tipo realizados por todo o país, registam-se situações em que estes equipamentos funcionaram ilustremente durante alguns anos, outros que ainda continuam com actividade, e ainda aqueles que estão em situação de potencial desaparecimento devido à sua contínua degradação e abandono. Apesar da sua frequente condição de propriedade privada, as memórias culturais da sua função e as suas localizações centrais tem levado algumas autarquias a interessar-se por eles e a planear recuperá-los e adaptá-los a novos usos e aos requisitos técnicos actuais.

Com efeito, nos anos 60, a vulgarização da televisão e o aparecimento de novas formas de lazer tornaram o cinema independente dos anteriores equipamentos urbanos centrais e, por essa razão, os grandiosos Cine-Teatros do século XX decaíram, sendo muitos deles deixados ao abandono, gerando assim um vazio cultural, como o verificado em casos como o do Cine-Teatro da Guarda ou o do Cine-Teatro Gardunha, no Fundão.

Contudo, apesar da degradação e obsolescência, o essencial destes edifícios permanece: “(...) Apenas 60 anos (ou menos) após a sua edificação, muitos dos cinemas tornaram-se velhos, decrépitos e na maior parte abandonados; (...) No entanto, ainda lá se encontra tudo, ainda era [é] possível salvar tudo.”¹

Palavras-chave: Lazer, cultura, teatro, cinema, equipamento cultural, centralidade, Cine-Teatro.

¹ DIETRICH, Jochen. *Cine Teatros de Portugal. Catálogo Bilingue da exposição Cine Teatros em Portugal*. Leiria: Edição Teatro José Lúcio da Silva e Museu da Imagem, 1998.p.23.

Abstract

In the nineteenth century the theater was an important form of recreation and culture for the whole society. However, in the early twentieth century, with the passage of time and with the emergence of other cultural activities such as cinema, meant that the previous forms of entertainment and leisure were left by the wayside a bit, resulting in the need for new equipment cultural fit for the cinema theater without forgetting: the Cine-Theatre.

The large number of buildings of this type carried out throughout the country, there are situations in which this equipment works by illustrating some years, others who are still active, and even those who are in a situation of potential loss due to their continuous degradation and abandonment. Despite its frequent condition of private property, the cultural memories of their function and their central locations, has led some municipalities to get involved in planning them and retrieve them and adapt them to new uses and the current technical requirements.

Indeed, in 60 years, the popularization of television and the emergence of new forms of leisure became independent cinema of the former central urban facilities and for this reason, the grandiose Cine-Theatre of the twentieth century waned, many of them neglected to thus creating a cultural vacuum, as seen in cases like the Cine-Teatro Guarda or the Cine-Teatro Gardunha in Fundão.

However, despite the deterioration and obsolescence, the bulk of these buildings remains: "(...) Only 60 years (or less) after its construction, many theaters have become old, decrepit and mostly abandoned, (...) However, there is still everything was still [is] able to save everything."²

Key words: Leisure, culture, theatre, cinema, cultural equipment, centrality, Cine-Theatre.

² *Idem*, p.23.

Índice

Índice de figuras	7
INTRODUÇÃO.....	14
CAPITULO I - O CINEMA NA SOCIEDADE E NA CIDADE	19
1.1 - O Cinema na sociedade	19
1.2 - Do animatografo aos grandes Cine-Teatros	23
1.3 - Relação com as malhas urbanas.....	28
CAPITULO II - EQUIPAMENTOS CULTURAIS NA BEIRA INTERIOR	31
2.1 - O DISTRITO DA GUARDA.....	31
2.1.1 - Cine-Teatro Gouveia (1942)	31
2.1.2 - Cine-Teatro Guarda (1953-1987)	39
2.1.3 Cine-Teatro S. Luís - Pinhel (1968).....	45
2.1.4 - Cine-Teatro Jardim - Seia (1984).....	54
2.2 - O DISTRITO DE CASTELO BRANCO	60
2.2.1 - Cine-Teatro Avenida - Idanha-a-Nova (1953 - 1987)	60
2.2.2 - Cine-Teatro Avenida - Castelo Branco (1954)	66
2.2.3 - Cine-Teatro Covilhã (1954)	77
2.2.4 - Cine-Teatro Gardunha - Fundão (1958-1987).....	83
CAPÍTULO III - ENSAIO PARA PROPOSTA DE RECUPERAÇÃO	91
3.1 - Causas e consequências do abandono dos Cine-Teatros	91
3.1.1 - O aparecimento da televisão.....	91
3.1.2 - Os centros comerciais e as novas salas de cinema.	95
3.1.3 - Novas formas de sociabilização. A internet.....	97
3.1.4 - Património decadente	100
3.2- Novas oportunidades: Cine-Teatro da Guarda.	102
3.2.1 - Programa, forma, função original	103
3.2.2 - Programa, forma, função a propor	114
REFLEXÕES FINAIS.....	125
FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	132
ANEXOS	138
Amarelos e vermelhos do projecto de intervenção.....	138

Índice de figuras

FIG. 1 - " <i>EVENING AT THE SOIREE</i> ", PINTURA DE JEAN BERAUD. HTTP://MICHELECHRISTINE.WORDPRESS.COM/PINTURAS/JEAN-BERAUD/	19
FIG. 2 - REAL COLISEU NA RUA DA PALMA EM LISBOA. HTTP://RESTOSDECOLECCAO.BLOGSPOT.COM/2010/11/COLISEUS-DE-LISBOA.HTML	20
FIG. 3- MOMENTO CONVÍVIO DURANTE O INTERVALO DE UMA SESSÃO DE CINEMA. HTTP://WWW.JORNALLIVRE.COM.BR/310306/TEATRO-MUNICIPAL-DE-SAO-JOAO-DA-BOA.HTML	20
FIG. 4 - CENA DO PRIMEIRO FILME DOS IRMÃOS LUMIERE: " <i>LA SORTIE DE L'USINE LUMIÈRE À LYON</i> ". HTTP://PT.WIKIPEDIA.ORG/WIKI/FICHEIRO:SORTIEUSINELUMIERE.JPG	21
FIG. 5 - ROYAL-CINE DA GRAÇA - LISBOA. HTTP://RESTOSDECOLECCAO.BLOGSPOT.COM/2010/06/ANTIGOS-CINEMAS-DE-LISBOA-3.HTML	22
FIG. 6 - SALÃO IDEAL NA RUA DO LORETO EM LISBOA. HTTP://CITIZENGRAVE.BLOGSPOT.COM/P/ISTO-E-ERA-O-CINEMA-LIZ-NA-ALMIRANTE.HTML	24
FIG. 7 - ENTRADA DO SALÃO IDEAL NA RUA DO LORETO EM LISBOA. HTTP://CITIZENGRAVE.BLOGSPOT.COM/P/ISTO-E-ERA-O-CINEMA-LIZ-NA-ALMIRANTE.HTML	24
FIG. 8 - SALA DE PROJECCÕES DO INÍCIO DO SÉCULOXX. HTTP://CAPITULOSDECINEMA.BLOGS.SAPO.PT/	24
FIG. 9 - CINEMA TIVOLI. AVENIDA DA LIBERDADE, EM LISBOA. HTTP://APS-RUASDELISBOACOMHSTRIA.BLOGSPOT.COM/2010/11/AVENIDA-DA-LIBERDADE-XVIII.HTML	27
FIG. 10 - TEATRO HERMÍNIO. GUERRINHA, JOSÉ. <i>GOUVEIA (SERRA DA ESTRELA)</i> . COIMBRA: EDIÇÃO DO AUTOR, 2005. P.212.....	31
FIG. 11 - ANTIGO JARDIM DE S. LAZARO. GUERRINHA, JOSÉ. <i>GOUVEIA (SERRA DA ESTRELA)</i> . COIMBRA: EDIÇÃO DO AUTOR, 2005. P.291.	32
FIG. 12 - TEATRO-CINE DE GOUVEIA. PLACA DE INAUGURAÇÃO. IMAGEM DO AUTOR. MARÇO DE 2011.	32
FIG. 13 - CINEARTE DE LISBOA. HTTP://WWW.SKYSCRAPERCITY.COM/SHOWTHREAD.PHP?T=1008147	32
FIG. 14 - TEATRO-CINE DE GOUVEIA. FACHADA LATERAL DIREITA. GUERRINHA, JOSÉ. <i>GOUVEIA (SERRA DA ESTRELA)</i> . COIMBRA: EDIÇÃO DO AUTOR, 2005. P.292	32
FIG. 15 - TEATRO-CINE DE GOUVEIA. PLANTA AO NÍVEL DA PLATEIA. PROJECTO DE 1942. ARQ. AMILCAR PINTO.IGAC33	
FIG. 16 - TEATRO-CINE DE GOUVEIA. ALÇADO PRINCIPAL. PROJECTO DE 1942. ARQ. AMILCAR PINTO. IGAC	33
FIG. 17 - TEATRO-CINE DE GOUVEIA. PLANTA AO NÍVEL DO BALCÃO. PROJECTO DE 1942. ARQ. AMILCAR PINTO. IGAC	34
FIG. 18 - TEATRO-CINE DE GOUVEIA. PLANTA AO NÍVEL DA CABINE DE PROJECCÃO E DA GERAL. PROJECTO DE 1942. ARQ. AMILCAR PINTO. IGAC	34
FIG. 19 - JORNAL "O SÉCULO", 8 DE MAIO DE 1946.IGAC	35
FIG. 20 - DIÁRIO DE COIMBRA. 30 DE MAIO DE 1989.IGAC	36
FIG. 21 - TEATRO-CINE DE GOUVEIA. PLANTA AO NÍVEL DA PLATEIA. PROJECTO DE RECUPERAÇÃO DE 1992. PLABI GABINETE DE PLANEAMENTO DA BEIRA INTERIOR.IGAC	37
FIG. 22 - TEATRO-CINE DE GOUVEIA. FACHADA LATERAL DIREITA. EVIDÊNCIA DO CORPO ENVIDRAÇADO. HTTP://UXUKALHUS.BLOGSPOT.COM/2010/04/UXU-KALHUS-EM-GOUVEIA-TEATRO-CINE-10.HTML	37

FIG. 23 - TEATRO-CINE DE GOUVEIA. SALA DE ESPECTÁCULOS.	38
IMAGEM DO AUTOR. MARÇO DE 2011.	38
FIG. 24 - TEATRO-CINE DE GOUVEIA. PLANTA AO NÍVEL DOS CAMAROTES. PROJECTO DE RECUPERAÇÃO. 1992. PLABI - GABINETE DE PLANEAMENTO DA BEIRA INTERIOR.IGAC.....	38
FIG. 25 - TEATRO-CINE DE GOUVEIA. AUDITÓRIO NO ANTIGO LUGAR DA GERAL.....	38
IMAGEM DO AUTOR. MARÇO DE 2011.	38
FIG. 26 - COLISEU DA BEIRA. GUARDA. FERREIRA, JAIME. <i>A GUARDA FORMOSA NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX.</i> GUARDA: CÂMARA MUNICIPAL, 2000.P.141.....	39
FIG. 27 - CINE-TEATRO DA GUARDA. PLANTA DE IMPLANTAÇÃO. 1947. ARQ. MANUEL LIMA MAGALHÃES. IGAC.....	40
FIG. 28 - CINE-TEATRO DA GUARDA. 1963. HTTP://WWW.ORIGENS.PT/EXPLORAR/DOC.PHP?ID=2031	41
FIG. 29 - CINE-TEATRO DA GUARDA. PLANTA AO NÍVEL DA PLATEIA. PROJECTO DE 1953. ARQ. MANUEL LIMA MAGALHÃES.IGAC.....	42
FIG. 30 - CINE-TEATRO DA GUARDA. PLANTA AO NÍVEL DO PRIMEIRO BALCÃO. PROJECTO DE 1953. ARQ. MANUEL LIMA MAGALHÃES.IGAC.....	43
FIG. 31 - CINE-TEATRO DA GUARDA. PLANTA AO NÍVEL DO SEGUNDO BALCÃO. PROJECTO DE 1953. ARQ. MANUEL LIMA MAGALHÃES.IGAC.....	43
FIG. 32 - CINE-TEATRO DA GUARDA. ACTUALIDADEIMAGEM DO AUTOR. MARÇO DE 2011.....	45
FIG. 33 - CONVENTO DE CLARISSAS. SEM DATA. IGAC.....	45
FIG. 34 - TEATRO S. LUÍS. PLANTA TOPOGRÁFICA.	45
SEM DATA. SEM REFERÊNCIA AO AUTOR. IGAC.....	45
FIG. 35 - TEATRO S. LUÍS. PLANTA AO NÍVEL DA PLATEIA. PROJECTO INICIAL.IGAC.....	46
FIG. 36 - TEATRO S. LUÍS. CORTE LONGITUDINAL. PROJECTO INICIAL.IGAC.....	46
FIG. 37 - SALÃO RECREATIVO DA CASA DO POVO. PLANTA AO NÍVEL DA PLATEIA. PROJECTO DE 1958. ENG.º FERNÃO PEREIRA.IGAC.....	47
FIG. 38 - CINE-TEATRO S. LUÍS. ALÇADO SOBRE A TRAVESSA DO CLUB. FOTOGRAFIA DE 1997.IGAC.....	48
FIG. 39 - CINE-TEATRO S. LUÍS. CORPO ANEXO E POSTERIOR AO EDIFÍCIO. FOTOGRAFIA DE 1997.IGAC.....	48
FIG. 40 - CINE-TEATRO S. LUÍS. ALÇADO VOLTADO PARA A RUA ANTÓNIO JOSÉ D'ALMEIDA. LEVANTAMENTO DO PROJECTO DA INTERVENÇÃO DE 1968. ARQ. JOÃO RAFAEL.IGAC.....	49
FIG. 41 - CINE-TEATRO S. LUÍS. CORTE LONGITUDINAL. LEVANTAMENTO DO PROJECTO DA INTERVENÇÃO DE 1968. ARQ. JOÃO RAFAEL.IGAC.....	49
FIG. 42 - CINE-TEATRO S. LUÍS. ALÇADO SOBRE O PASSEIO 5 DE OUTUBRO. LEVANTAMENTO DO PROJECTO DA INTERVENÇÃO DE 1968. ARQ. JOÃO RAFAEL.IGAC.....	49
FIG. 43 - CINE-TEATRO S. LUÍS. ENTRADA PRINCIPAL POUCO EVIDENCIADA. FOTOGRAFIA DE 1997.IGAC.....	49
FIG. 44 - CINE-TEATRO S. LUÍS. PLANTA AO NÍVEL DA PLATEIA. LEVANTAMENTO DO PROJECTO DA INTERVENÇÃO DE 1968. ARQ. JOÃO RAFAEL.IGAC.....	50
FIG. 45 - CINE-TEATRO S. LUÍS. SALA DE ESPECTÁCULOS. FOTOGRAFIA DE 1997.IGAC.....	50
FIG. 46 - CINE-TEATRO S. LUÍS. <i>FOYER</i> . AO FUNDO A PORTA DE INGRESSO NA PLATEIA. FOTOGRAFIA DE 1997.IGAC.....	50
FIG. 47 - CINE-TEATRO S. LUÍS. FOSSE DE ORQUESTRA. FOTOGRAFIA DE 1997.IGAC.....	51
FIG. 48 - CINE-TEATRO S. LUÍS. BALCÃO COM A ÚNICA ENTRADA DO LADO DIREITO. DO ESQUERDO O ACESSO ÀS CABINES DE PROECÇÃO E TRADUÇÃO. FOTOGRAFIA DE 1997.IGAC.....	51

FIG. 49 - CINE-TEATRO S. LUÍS. NOVA CONFIGURAÇÃO DO ALÇADO SOBRE A TRAVESSA DO CLUB. PROJECTO DE EXECUÇÃO. 1997. ARQ. JOÃO RAFAEL.IGAC	52
FIG. 50 - CINE-TEATRO S. LUÍS. ENTRADA PRINCIPAL EVIDENCIADA. FOTOGRAFIA DE 2011. HTTP://WWW.CM-PINHEL.PT/FALCAOEMPRESAMUNICIPAL/CINE-TEATRO/PAGINAS/DEFAULT.ASPX	52
FIG. 51 - CINE-TEATRO S. LUÍS. SALA DE ESPECTÁCULOS RENOVADA. FOTOGRAFIA DE 2011. HTTP://WWW.CM-PINHEL.PT/FALCAOEMPRESAMUNICIPAL/CINE-TEATRO/PAGINAS/DEFAULT.ASPX	52
FIG. 52 - CINE-TEATRO S. LUÍS. PLANTA AO NÍVEL DA CAVE. PROJECTO DE EXECUÇÃO. VERMELHOS E AMARELOS. 1997. ARQ. JOÃO RAFAEL.IGAC.....	53
FIG. 53- CINE-TEATRO S. LUÍS. PLANTA AO NÍVEL DA PLATEIA. PROJECTO DE EXECUÇÃO. VERMELHOS E AMARELOS. 1997. ARQ. JOÃO RAFAEL.IGAC	53
FIG. 54 - CINE-TEATRO S. LUÍS. BOCA DE CENA DEMOLIDA. ASPECTO ATÉ 1997.IGAC	53
FIG. 55 - CINE-TEATRO S. LUÍS. PERSPECTIVA DA NOVA BOCA DE CENA. PROJECTO EXECUÇÃO.1997. ARQ. JOÃO RAFAEL.IGAC	53
FIG. 56 - CINE-TEATRO S. LUÍS. PLANTA AO NÍVEL DO BALCÃO. PROJECTO DE EXECUÇÃO. VERMELHOS E AMARELOS. 1997. ARQ. JOÃO RAFAEL.IGAC	54
FIG. 57 - CINE-TEATRO JARDIM DA CASA MUNICIPAL DA CULTURA DE SEIA. PLANTA DE IMPLANTAÇÃO. PROJECTO DE SEGURANÇA CONTRA INCÊNDIOS. 2007. CÂMARA MUNICIPAL DE SEIA.IGAC.....	55
FIG. 58 - CINE-TEATRO JARDIM DA CASA MUNICIPAL DA CULTURA DE SEIA. ALÇADO NASCENTE. PROJECTO DE OBRAS DE ALTERAÇÃO. 2009. ARQ. MIGUEL KRIPPAHL.IGAC	56
FIG. 59 - CINE-TEATRO JARDIM DA CASA MUNICIPAL DA CULTURA DE SEIA. ALÇADO NORTE. PROJECTO DE OBRAS DE ALTERAÇÃO. 2009. ARQ. MIGUEL KRIPPAHL.IGAC	56
FIG. 60 - CINE-TEATRO JARDIM DA CASA MUNICIPAL DA CULTURA DE SEIA. PLANTA AO NÍVEL DA PLATEIA. PROJECTO DE OBRAS DE ALTERAÇÃO. 2009. ARQ. MIGUEL KRIPPAHL.	56
FIG. 61 - CINE-TEATRO JARDIM DA CASA MUNICIPAL DA CULTURA DE SEIA. ALÇADO POENTE. PROJECTO DE SEGURANÇA CONTRA INCÊNDIOS. 2007. CÂMARA MUNICIPAL DE SEIA.IGAC.....	57
FIG. 62 - CINE-TEATRO JARDIM DA CASA MUNICIPAL DA CULTURA DE SEIA. SALA DE REUNIÕES.	57
IMAGEM DO AUTOR. MARÇO DE 2011	57
FIG. 63 - CINE-TEATRO JARDIM DA CASA MUNICIPAL DA CULTURA DE SEIA. GALERIAS DE EXPOSIÇÃO.	58
IMAGEM DO AUTOR. MARÇO DE 2011.	58
FIG. 64 - CINE-TEATRO JARDIM DA CASA MUNICIPAL DA CULTURA DE SEIA. FACHADA VOLTADA A NORTE. CONTRASTE ENTRE A AMPLIAÇÃO E O EXISTENTE REVESTIDO A PEDRA. HTTP://WWW.SKYSCRAPERCITY.COM/SHOWTHREAD.PHP?T=783880	58
FIG. 65 - CINE-TEATRO JARDIM DA CASA MUNICIPAL DA CULTURA DE SEIA. ESPAÇO INTERNET. IMAGEM DO AUTOR. MARÇO DE 2011.	58
FIG. 66 - CINE-TEATRO JARDIM DA CASA MUNICIPAL DA CULTURA DE SEIA. FOYER DA PLATEIA. IMAGEM DO AUTOR. MARÇO DE 2011.	59
FIG. 67 - CINE-TEATRO JARDIM DA CASA MUNICIPAL DA CULTURA DE SEIA. FACHADA CURVA VOLTADA A NASCENTE. EVIDÊNCIA DA CONSTRUÇÃO EM METAL PRETO E VIDRO. IMAGEM DO AUTOR. MARÇO DE 2011.	59
FIG. 68 - AVENIDA CINEMA DE IDANHA-A-NOVA. PLANTA TOPOGRÁFICA. 1933. SEM REFERÊNCIA AO AUTOR. IGAC	60
FIG. 69 - AVENIDA CINEMA DE IDANHA-A-NOVA. PLANTA DA PLATEIA. 1933. SEM REFERÊNCIA AO AUTOR.	

IGAC	60
FIG. 70 - AVENIDA CINEMA DE IDANHA-A-NOVA. PERFIL LONGITUDINAL E TRANSVERSAL. 1933. SEM REFERÊNCIA AO AUTOR.IGAC.....	60
FIG. 71 - CINE-TEATRO AVENIDA DE IDANHA-A-NOVA. PLANTA DE IMPLANTAÇÃO. 1949. TEC. ENG ^a . CIVIL JOÃO MANUEL D'OLIVEIRA.IGAC.....	62
FIG. 72 - CINE-TEATRO AVENIDA DE IDANHA-A-NOVA. FACHADA PRINCIPAL IMAGEM DO AUTOR. DEZEMBRO DE 2010.....	63
FIG. 73 - CINE-TEATRO AVENIDA DE IDANHA-A-NOVA. ALÇADO PRINCIPAL. 1951. TEC. ENG ^a . CIVIL JOÃO MANUEL D'OLIVEIRA.IGAC.....	63
FIG. 74 - CINE-TEATRO AVENIDA DE IDANHA-A-NOVA. ALÇADO LATERAL ESQUERDO. 1951. TEC. ENG ^a . CIVIL JOÃO MANUEL D'OLIVEIRA.IGAC.....	63
FIG. 75 - CINE-TEATRO AVENIDA DE IDANHA-A-NOVA. FACHADA LATERAL ESQUERDA. ESTABELECIMENTO COMERCIAL.IMAGEM DO AUTOR. DEZEMBRO DE 2010.....	63
FIG. 76 - CINE-TEATRO AVENIDA DE IDANHA-A-NOVA. PLANTA AO NÍVEL DA PLATEIA. 1951. TEC. ENG ^a . CIVIL JOÃO MANUEL D'OLIVEIRA.IGAC.....	64
FIG. 77 - CINE-TEATRO AVENIDA DE IDANHA-A-NOVA. PLANTA AO NÍVEL DO BALCÃO. 1951. TEC. ENG ^a . CIVIL JOÃO MANUEL D'OLIVEIRA.IGAC.....	65
FIG. 78 - CINE-TEATRO AVENIDA DE IDANHA-A-NOVA. PLANTA AO NÍVEL DA CABINE DE PROJECCÃO. 1951. TEC. ENG ^a . CIVIL JOÃO MANUEL D'OLIVEIRA.IGAC.....	65
FIG. 79 - CINE-TEATRO AVENIDA CASTELO BRANCO. PLANTA TOPOGRÁFICA. PROJECTO DE LICENCIAMENTO. 1949. ARQ. RAUL CALDEIRA E ALBERTINO ROXO.IGAC	67
FIG. 80 - CINE-TEATRO AVENIDA DE CASTELO BRANCO. NOTÍCIA DE INAUGURAÇÃO.IGAC.....	67
FIG. 81 - CINE-TEATRO AVENIDA CASTELO BRANCO. ALÇADO SOBRE A RUA DO SAIBREIRO. PROJECTO DE 1949. ARQ. RAUL CALDEIRA E ALBERTINO ROXO.ARQUIVO MUNICIPAL DE CASTELO BRANCO.....	68
FIG. 82 - CINE-TEATRO AVENIDA CASTELO BRANCO. ALÇADO SOBRE A AVENIDA GENERAL HUMBERTO DELGADO. PROJECTO DE 1949. ARQ. RAUL CALDEIRA E ALBERTINO ROXO. ARQUIVO MUNICIPAL DE CASTELO BRANCO.....	69
FIG. 83 - CINE-TEATRO AVENIDA CASTELO BRANCO. PLANTA AO NÍVEL DA PLATEIA. PROJECTO DE 1949. ARQ. RAUL CALDEIRA E ALBERTINO ROXO.IGAC	70
FIG. 84 - CINE-TEATRO AVENIDA CASTELO BRANCO. PLANTA AO NÍVEL DO BALCÃO. PROJECTO DE 1949. ARQ. RAUL CALDEIRA E ALBERTINO ROXO.IGAC	71
FIG. 85 - CINE-TEATRO AVENIDA CASTELO BRANCO. PLANTA AO NÍVEL DOS CAMAROTES. PROJECTO DE 1949. ARQ. RAUL CALDEIRA E ALBERTINO ROXO.IGAC	71
FIG. 86 - CINE-TEATRO AVENIDA CASTELO BRANCO. PLANTA DA GERAL. PROJECTO DE 1949. ARQ. RAUL CALDEIRA E ALBERTINO ROXO.IGAC	71
FIG. 87- CINE-TEATRO AVENIDA CASTELO BRANCO. ASPECTO DA FACHADA ORIGINAL RECUPERADA. IMAGEM DO AUTOR. DEZEMBRO DE 2010.....	73
FIG. 88 - CINE-TEATRO AVENIDA CASTELO BRANCO. ALÇADO SOBRE A RUA DO SAIBREIRO. PROJECTO DE 1997. GITAR - GABINETE DE ESTUDOS E PROJECTOS, LDA IGAC.....	73
FIG. 89 - CINE-TEATRO AVENIDA CASTELO BRANCO. ALÇADO SOBRE A AVENIDA GENERAL HUMBERTO DELGADO. PROJECTO DE 1997. GITAR - GABINETE DE ESTUDOS E PROJECTOS, LDA.IGAC	73

FIG. 90 - CINE-TEATRO AVENIDA CASTELO BRANCO. PLANTA AO NÍVEL DO SUB-PALCO. PROJECTO DE 1997. GITAR - GABINETE DE ESTUDOS E PROJECTOS, LDA.	74
FIG. 91 - CINE-TEATRO AVENIDA CASTELO BRANCO. PLANTA AO NÍVEL DA PLATEIA. PROJECTO DE 1997. GITAR - GABINETE DE ESTUDOS E PROJECTOS, LDA.	74
FIG. 92 - CINE-TEATRO AVENIDA CASTELO BRANCO. CABINE DE PROJECCÃO. IMAGEM DO AUTOR. DEZEMBRO DE 2010.	75
FIG. 93 - CINE-TEATRO AVENIDA CASTELO BRANCO. SALA DE ESPECTÁCULOS. IMAGEM DO AUTOR. DEZEMBRO DE 2010.	75
FIG. 94 - CINE-TEATRO AVENIDA CASTELO BRANCO. PLANTA AO NÍVEL DO BALCÃO. PROJECTO DE 1997. GITAR - GABINETE DE ESTUDOS E PROJECTOS, LDA. IGAC.	75
FIG. 95 - CINE-TEATRO AVENIDA CASTELO BRANCO. PLANTA DE ESCOLA DE MÚSICA. PROJECTO DE 1997. GITAR - GABINETE DE ESTUDOS E PROJECTOS, LDA. IGAC.	76
FIG. 96 - À DIREITA A CASA ONDE FUNCIONOU O ANIMATÓGRAFO MORÃO, HUMBERTO CORREIA. RECORTES DE HISTÓRIA DA COVILHÃ. P.171.	77
FIG. 97 - TEATRO COVILHANENSE. MORÃO, HUMBERTO CORREIA. RECORTES DE HISTÓRIA DA COVILHÃ. P. 173.	77
FIG. 98 - TEATRO-CINE DA COVILHÃ. PLANTA DE TOPOGRÁFICA. PROJECTO DE 1945. ARQ. RODRIGUES LIMA. IGAC .	78
FIG. 99 - TEATRO-CINE DA COVILHÃ. TORRE.	79
IMAGEM DO AUTOR. ABRIL DE 2011.	79
FIG. 100 - TEATRO-CINE DA COVILHÃ. ALÇADO PRINCIPAL. PROJECTO DE 1945. ARQ. RODRIGUES LIMA.	79
À ESQUERDA DA TORRE, A PENSÃO MONTALTO E À DIREITA O TEATRO CINE.IGAC .	79
FIG. 101 - TEATRO-CINE DA COVILHÃ. PLANTA AO NÍVEL DOS ESTABELECIMENTOS. PROJECTO DE 1945. ARQ. RODRIGUES LIMA. IGAC .	80
FIG. 102 - TEATRO-CINE DA COVILHÃ. ESCADARIA DO FOYER PRINCIPAL. IMAGEM DE DANIELA SANTOS. 2011.	80
FIG. 103 - TEATRO-CINE DA COVILHÃ. TAPEÇARIA ALUSIVA ÀS SETE ARTES. IMAGEM DO AUTOR. ABRIL DE 2011.	80
FIG. 104 - TEATRO-CINE DA COVILHÃ. PLANTA AO NÍVEL DO SUB-PALCO. PROJECTO DE 1945. ARQ. RODRIGUES LIMA. IGAC .	81
FIG. 105 - TEATRO-CINE DA COVILHÃ. SALA DE ESPECTÁCULOS. HTTP://WWW.CM-COVILHA.PT/SIMPLES/?F=4815 .	81
FIG. 106 - TEATRO-CINE DA COVILHÃ. PLANTA AO NÍVEL DA PLATEIA. PROJECTO DE 1945. ARQ. RODRIGUES LIMA. IGAC .	81
FIG. 107 - TEATRO-CINE DA COVILHÃ. PLANTA AO NÍVEL DO BALCÃO. PROJECTO DE 1945. ARQ. RODRIGUES LIMA. IGAC .	82
FIG. 108 - TEATRO-CINE DA COVILHÃ. PLANTA AO NÍVEL DA CABINE DE PROJECCÃO. PROJECTO DE 1945. ARQ. RODRIGUES LIMA. IGAC .	82
FIG. 109 - CINE-TEATRO GARDUNHA DO FUNDÃO. PLANTA TOPOGRÁFICA. PROJECTO DE 1954. ARQ. WILLY BRAUN..	84
FIG. 110 - CINE-TEATRO GARDUNHA. EVIDÊNCIA DA TORRE. HTTP://PT.WIKIPEDIA.ORG/WIKI/FICHEIRO:CINE-TEATRO_GARDUNHA.JPG .	84
FIG. 111 - CINE-TEATRO GARDUNHA DO FUNDÃO. FACHADA SOBRE A AVENIDA SALAZAR. PROJECTO DE 1954. ARQ. WILLY BRAUN. IGAC .	85

FIG. 112 - CINE-TEATRO GARDUNHA DO FUNDÃO. FACHADA SOBRE A RUA JORNAL DO FUNDÃO. PROJECTO DE 1954. ARQ. WILLY BRAUN. IGAC	85
FIG. 113 - CINE-TEATRO GARDUNHA DO FUNDÃO. PLANTA AO NÍVEL DO BALCÃO. PROJECTO DE 1954. ARQ. WILLY BRAUN. IGAC	86
FIG. 114 - CINE-TEATRO GARDUNHA DO FUNDÃO. PLANTA AO NÍVEL DO BALCÃO. PROJECTO DE 1954. ARQ. WILLY BRAUN. IGAC	87
FIG. 115 - CINE-TEATRO GARDUNHA DO FUNDÃO. <i>PROMENOIR</i> DO BALCÃO, SITUADO NO EXTREMO OPOSTO AO PALCO. IMAGEM DOS ARQ. ^{tos} PEDRO LEITÃO E PAULO BORGES.	87
FIG. 116 - CINE-TEATRO GARDUNHA DO FUNDÃO. <i>FOYER</i> DO BALCÃO COM PORTA DE ACESSO AOS CAMARINS. IMAGEM DOS ARQ. ^{tos} PEDRO LEITÃO E PAULO BORGES.	87
FIG. 117 - CINE-TEATRO GARDUNHA DO FUNDÃO. PLANTA AO NÍVEL DA CABINE DE PROJECÇÃO. PROJECTO DE 1954. ARQ. WILLY BRAUN. IGAC	88
FIG. 118 - CINE-TEATRO GARDUNHA DO FUNDÃO. ALÇADO PRINCIPAL. PROJECTO DE RECUPERAÇÃO E AMPLIAÇÃO DO CINE-TEATRO. 1992. CAIRES, ATELIER LDA. IGAC	89
FIG. 119 - CINE-TEATRO GARDUNHA DO FUNDÃO. ALÇADO PRINCIPAL. PROJECTO DE RECUPERAÇÃO E READAPTAÇÃO DO CINE-TEATRO. 2008. BERNARDO E BERNARDO, CONSULTORES ASSOCIADOS, LDA. IGAC	90
FIG. 120 - DIA DA APRESENTAÇÃO EXPERIMENTAL DA TELEVISÃO NA FEIRA POPULAR DE LISBOA, NA PALHAVA. TEVES, VASCO HOGAN. <i>RTP 50 ANOS DE HISTÓRIA</i> . TIPOGRAFIA PERES, OUTUBRO DE 2007. P.31.	91
FIG. 121 - AGLOMERADO DE PESSOAS EM TORNO DO TELEVISOR.	92
TEVES, VASCO HOGAN. <i>RTP 50 ANOS DE HISTÓRIA</i> . TIPOGRAFIA PERES, OUTUBRO DE 2007. P.32.	92
FIG. 122 - CINE-TEATRO DA GUARDA. ENTRADA PARA A CAIXA E FOSSO DE ORQUESTRA. LOCALIZAÇÃO NA PLANTA A VERMELHO. IMAGEM DO AUTOR. MARÇO DE 2011.	106
FIG. 123 - CINE-TEATRO DA GUARDA. CAIXA. LOCALIZAÇÃO NA PLANTA A AZUL. IMAGEM DO AUTOR. MARÇO DE 2011.	106
FIG. 124 - CINE-TEATRO DA GUARDA. PLANTA DO PISO -1. EXISTENTE.	106
FIG. 125 - CINE-TEATRO DA GUARDA. PLANTA DO PISO 0. EXISTENTE.	107
FIG. 126 - CINE-TEATRO DA GUARDA. SALA DE ESPECTÁCULOS. LOCALIZAÇÃO NA PLANTA A AZUL. IMAGEM DO AUTOR. MARÇO DE 2011	107
FIG. 127 - . CINE-TEATRO DA GUARDA. ENTRADA PARA OS CAMARINS. LOCALIZAÇÃO NA PLANTA A VERMELHO. IMAGEM DO AUTOR. MARÇO DE 2011.	107
FIG. 128 - CINE-TEATRO DA GUARDA. BAR. LOCALIZAÇÃO NA PLANTA A AMARELO. IMAGEM DO AUTOR. MARÇO DE 2011.	107
FIG. 129 - CINE-TEATRO DA GUARDA. GABINETE DA GERÊNCIA. LOCALIZAÇÃO NA PLANTA A VERMELHO. IMAGEM DO AUTOR. MARÇO DE 2011.	108
FIG. 130 - CINE-TEATRO DA GUARDA. ENTRADA DA VARANDA DE ACESSO AO CORPO DE CAMARINS. LOCALIZAÇÃO NA PLANTA A AZUL. IMAGEM DO AUTOR. MARÇO DE 2011.	108
FIG. 131 - CINE-TEATRO DA GUARDA. PLANTA DO PISO 1. EXISTENTE	108
FIG. 132 - CINE-TEATRO DA GUARDA. PLANTA DO PISO 2. EXISTENTE.	109
FIG. 133 - CINE-TEATRO DA GUARDA. FOTOGRAFIA DA ENTRADA DE ACESSO AO 2º BALCÃO. LOCALIZAÇÃO NA PLANTA A VERMELHO. IMAGEM DO AUTOR. MARÇO DE 2011	109

FIG. 134 - CINE-TEATRO DA GUARDA. FOTOGRAFIA DA ZONA DE CIRCULAÇÃO. LOCALIZAÇÃO NA PLANTA A VERDE. IMAGEM DO AUTOR. MARÇO DE 2011.....	109
FIG. 135 - CINE-TEATRO DA GUARDA. FOTOGRAFIA DO CORREDOR DO 2º BALCÃO. LOCALIZAÇÃO NA PLANTA A AZUL. IMAGEM DO AUTOR. MARÇO DE 2011.	109
FIG. 136 - CINE-TEATRO DA GUARDA. PLANTA DO PISO 3. EXISTENTE.	110
FIG. 137 - CINE-TEATRO DA GUARDA. PLANTA DE COBERTURA. EXISTENTE.	110
FIG. 139 - . CINE-TEATRO DA GUARDA. ALÇADO PRINCIPAL. EXISTENTE.....	111
FIG. 140 - CINE-TEATRO DA GUARDA. FOTOGRAFIA FACHADA PRINCIPAL. IMAGEM DO AUTOR. MARÇO DE 2011	111
FIG. 138 - CINE-TEATRO DA GUARDA. ALÇADO PRINCIPAL. EXISTENTE.	111
FIG. 141 - CINE-TEATRO DA GUARDA. FOTOGRAFIA FACHADA POSTERIOR. IMAGEM DO AUTOR. MARÇO DE 2011.	111
FIG. 142 - CINE-TEATRO DA GUARDA. ALÇADO LATERAL ESQUERDO. EXISTENTE.	112
FIG. 143 - CINE-TEATRO DA GUARDA. ALÇADO LATERAL DIREITO. EXISTENTE	112
FIG. 144 - CINE-TEATRO DA GUARDA. CORTE AA'. EXISTENTE.....	113
FIG. 145 - CINE-TEATRO DA GUARDA. CORTE BB'. EXISTENTE.	113
FIG. 146 - CINE-TEATRO DA GUARDA. PLANTA PISO -1. PROPOSTA.....	117
FIG. 147 - CINE-TEATRO DA GUARDA. PLANTA PISO 0. PROPOSTA.....	118
FIG. 148- CINE-TEATRO DA GUARDA. PLANTA DO PISO 1. INTERVENÇÃO.....	119
FIG. 149- CINE-TEATRO DA GUARDA. PLANTA DO PISO 2. INTERVENÇÃO.....	120
FIG. 150- CINE-TEATRO DA GUARDA. PLANTA DE COBERTURA. INTERVENÇÃO.....	121
FIG. 151 - CINE-TEATRO DA GUARDA. ALÇADO PRINCIPAL. INTERVENÇÃO.....	122
FIG. 152- CINE-TEATRO DA GUARDA. ALÇADO POSTERIOR. INTERVENÇÃO.....	122
FIG. 153 - CINE-TEATRO DA GUARDA. ALÇADO LATERAL ESQUERDO. INTERVENÇÃO.	123
FIG. 154 - CINE-TEATRO DA GUARDA. ALÇADO LATERAL DIREITO. INTERVENÇÃO.....	123
FIG. 155- CINE-TEATRO DA GUARDA. CORTE AA'. INTERVENÇÃO.	124
FIG. 156- CINE-TEATRO DA GUARDA. CORTE BB'. INTERVENÇÃO.	124

Introdução

No dia-a-dia, a passagem pelas mais diversas cidades do país, permite verificar a existência de Cine-Teatros disseminados um pouco por todo o território.

É possível constatar a existência de diferentes realidades entre eles.

Encontraram-se Cine-Teatros activos e em bom estado de conservação, outros com piores condições de funcionamento, e ainda casos de inactividade e degradação.

Através da importância que desempenharam nas cidades e nas sociedades, a par da escassez de informações existente, considerou-se oportuna a abordagem destes edifícios no presente estudo.

Pretendeu-se contribuir para o aumento de referências da arquitectura portuguesa, de iniciativa privada, destinada ao lazer, realizada no século XX.

Perceber as razões que levaram ao seu aparecimento, o significado que a sociedade lhe atribuía, a forma como se implantaram nos centros urbanos, a sua constituição programática e as diferentes necessidades de adaptações e dificuldades a que se sujeitaram.

O papel que actualmente vêm a desempenhar, as transformações ocorridas na fruição dos tempos livres, e as possíveis causas que levaram a que muitos deles representem actualmente um vazio na malha urbana.

Os Cine-Teatros não surgiram por acaso.

O aparecimento do cinema em Portugal desencadeou a necessidade de espaços apropriados para as suas projecções.

O Estado Novo, que vigorava na época, promulgou em 1927, o Decreto-Lei nº13:564, que obrigava ao complemento dos programas cinema e teatro.

Introduzia-se uma nova tipologia arquitectónica que se destinava sobretudo ao cinema, mas tinha de complementar o palco, sub-palco, fosso de orquestra e camarins, mesmo que se apresentassem com dimensões reduzidas, como se verificará no capítulo II, nos casos do Cine-Teatro Avenida, em Idanha-a-Nova e no Cine-Teatro Gardunha, no Fundão.

Edificados sobretudo desde o final dos anos 20 até aos anos 70, surgiram através da iniciativa privada e destinavam-se ao lazer e fruição dos tempos livres.

Porém, verifica-se a existência de recintos construídos após os anos 70, como é o caso do Cine-Teatro Jardim de Seia (1984), que foi aqui considerado por se inserir na mesma base programática dos restantes.

Considerando o limite temporal, a limitação e o modelo de apresentação deste trabalho, foi necessário restringir o número de casos abordados apenas a uma zona territorial.

Percorrendo a Beira Interior surge pelo facto de os últimos cinco anos terem, inconscientemente, proporcionado o encontro e a percepção da realidade dos Cine-Teatros.

Assim, considerou-se adequada a abordagem desta região, sendo ainda uma forma de terminar este percurso com um contributo que valorize os seus equipamentos culturais.

Para que este estudo se verificasse da forma mais completa possível, foi necessário proceder à recolha dos projectos de cada Cine-Teatro abordado e, naturalmente, à sua visita, de forma a melhor compreender os espaços a estudar.

A relevância adquirida por estes equipamentos culturais, o contexto e a iniciativa pela qual surgiram, tornou necessária a análise de uma variada bibliografia.

Abordaram-se as temáticas cinematográfica, histórica e arquitectónica, e os hábitos de sociabilidade.

A fase de pesquisa iniciou-se pelas Bibliotecas e Arquivos das Câmaras Municipais de Castelo Branco, Idanha-a-Nova, Fundão, Covilhã, Gouveia, Seia e Guarda, que se conjugou com a visita aos Cine-Teatros.

Contudo, a informação recolhida revelou-se insuficiente, e para alguns casos nula.

Porém, o percurso por estas localidades permitiu a observação das memórias históricas dos habitantes e dos funcionários. Revelaram ser um contributo fundamental para a percepção e construção da parte teórica do presente trabalho, especialmente nos casos em que não existe outro tipo de informação, como o do Cine-Teatro de Seia, abordado no capítulo II que, apesar de ser o mais recente, não possuía qualquer referência ao seu passado.

Ainda assim, após a pesquisa destes equipamentos, confirma-se que alguns recintos destinados ao espectáculo não são aqui considerados por não se enquadrarem na mesma realidade. Quer se trate do tipo de promoção, da questão temporal ou ainda da grandiosidade, pois por vezes intitulam-se como Cine-Teatro porque englobavam actividade cinematográfica e, no entanto, não possuíam independência programática necessária para ser considerados como tal, ou ainda por não passarem de um pavilhão com auditório, como é o caso do Cine-Teatro Unidos, do Tortosendo.

Numa segunda fase, passou-se à consulta dos dossiers referentes aos Cine-Teatros arquivados na Divisão de Recintos de Espectáculos da Inspeção-Geral das Actividades Culturais (IGAC), tendo sido aqui recolhida a informação que se revelou imprescindível à realização deste trabalho.

De modo a analisar os casos de estudo, consideram-se os documentos, projectos de licenciamento e respectivas Memórias Descritivas e Justificativas, como peças fundamentais à sua análise.

Muitas vezes, ocorrem situações em que os projectos encontrados nos arquivos da IGAC não correspondem na íntegra à realidade construída. Situação verificada no Cine-Teatro Avenida, em Idanha-a-Nova, no Cine-Teatro Gardunha, no Fundão, e no Cine-Teatro da Guarda.

Por fim, foram consultadas as Bibliotecas Municipal Central/Palácio das Galveias e a Municipal Orlando Ribeiro onde, essencialmente na primeira, foi possível encontrar as referências bibliográficas respeitantes às origens cinematográficas e aos hábitos socioculturais.

Em contrapartida, quando se trata de referências históricas e arquitectónicas, o panorama é bastante diferente.

A quantidade de documentos encontrados acerca destes edifícios é muito inferior à que se esperava.

Além da Dissertação de Mestrado de Susana Constantino, que refere a evolução e registo dos Cine-Teatros construídos durante o Estado Novo, estes são também mencionados em alguns estudos que englobam a arquitectura realizada durante o século XX. Porém, os últimos, são, geralmente, meros apontamentos que referem pouco mais do que o ano de construção, o seu autor e a lotação, acompanhados de fotografias e pequenas descrições, que ficam aquém daquilo que estes edifícios são na realidade.

Ainda assim, estas fontes revelaram-se fundamentais para a abordagem dos Cine-Teatros.

O trabalho apresenta-se em três capítulos que estruturam uma sequência de acontecimentos temporais.

No capítulo I, refere-se o aparecimento do cinema enquanto evento de promoção social e o estatuto que conferiam a quem se deslocava a estes locais, que para além de ver tinha como objectivo ser visto. A relevância que teve na alteração dos hábitos socioculturais e de ocupação dos tempos livres, o contexto em que os Cine-Teatros surgiram e o papel de centralidade que desempenharam nas malhas urbanas.

No capítulo II, mais extenso e importante deste trabalho, abordam-se os estudos de caso.

A análise realizada ao conjunto recolhido encontra-se dividida por distrito e organizada em termos temporais, do mais antigo até ao mais recente. Esta separação deveu-se sobretudo à facilidade de enquadramento dos casos, e à criação de uma sequência temporal entre eles.

Procurou-se seguir uma lógica de itens pré-definidos, de forma a igualar e facilitar o processo de análise de cada um.

Os aspectos considerados foram:

- As pré-existências relacionadas com o cinema em cada localidade;
- Os promotores dos Cine-Teatros;
- O autor e data dos projectos;
- As companhias com que foram inaugurados;
- Análise e descrição dos espaços arquitectónicos;
- Os momentos ingloriosos pelos quais passaram, e
- As fases de encerramento.

Para os que continuam em actividade, considerou-se ainda a descrição dos projectos de recuperação e o tipo de actividade que recebem actualmente.

Neste capítulo, são abordados os Cine-Teatros dos distritos da Guarda (Cine-Teatro de Gouveia - 1942, Cine-Teatro da Guarda - 1953, Cine-Teatro S. Luís de Pinhel - 1968, Cine-Teatro Jardim de Seia - 1984) e de Castelo Branco (Cine-Teatro Avenida - Idanha-a-Nova - 1953, Cine-Teatro Avenida - Castelo Branco - 1954, Teatro-Cine da Covilhã - 1954, Cine-Teatro Gardunha - Fundão - 1958).

No capítulo III, referem-se as causas e consequências do declínio dos Cine-Teatros, e apresenta-se uma hipótese de alteração de programa para o Cine-Teatro da Guarda.

Considerou-se o aparecimento da televisão, dos centros comerciais e da internet como os precursores da alteração dos hábitos socioculturais que, a par das novas salas de cinema, levaram, inevitavelmente, ao encerramento e decadência de alguns destes equipamentos.

Foi elaborada uma análise dos três casos de inactividade (Cine-Teatro Avenida, de Idanha-a-Nova, Cine-Teatro Gardunha, do Fundão e Cine-Teatro da Guarda) bem como das infra-estruturas culturais de cada cidade, com o objectivo de apresentar uma hipótese de alteração programática para um destes edifícios.

O Cine-Teatro da Guarda revelou ser o mais interessante arquitectonicamente e o que possuía maior área, permitindo uma maior flexibilidade na distribuição do programa.

A adaptabilidade do edifício considerou as necessidades da sociedade actual, sem esquecer as memórias passadas e o programa inicial. De forma a valorizar a Sala de Espectáculos, o Cine-Teatro foi adaptado a Academia de Dança.

A introdução de um grande número de imagens pretende facilitar a sua compreensão e, por isso, são colocadas a par com as informações do texto.

Os desenhos de arquitectura apresentam-se reproduzidos, de modo a facilitar a compreensão da descrição dos espaços, acompanhados sempre que possível com imagens actuais, para clarificar a situação dos edifícios.

Caso se omitissem, o entendimento das descrições tornava-se mais complexo e custoso para o leitor.

O facto de grande parte das imagens apresentar alguma falta de qualidade deve-se ao envelhecimento natural dos documentos consultados.

Por outro lado, a utilização de um grande número de referências de rodapé pretende mencionar as fontes das informações que são, na generalidade, os autos de vistoria e correspondências trocadas entre a IGAC e os seus delegados locais ou os proprietários dos Cine-Teatros.

Constituem as reflexões finais um conjunto de conclusões inerentes a todo o processo que envolveu o aparecimento e, mais tarde, o declínio e reactivação de alguns Cine-Teatros.

Por fim, o conjunto de fontes e referências bibliográficas é composto por “Arquivos”, “Obras citadas e consultadas”, “Artigos em periódicos” e “Endereços electrónicos”, de modo a distinguir o tipo de fontes.

É importante aqui realçar que o objectivo principal deste trabalho não foi a realização de um projecto de adaptação para um destes edifícios, mas o estudo de um conjunto de equipamentos que foram tão representativos a nível social como arquitectónico e que ainda não foram minuciosamente analisados. Por esta razão, os desenhos relativos à proposta apresentam-se a uma escala reduzida, e foram tratados apenas ao nível do novo programa.

Desta forma torna-se em mais um contributo para as poucas referências bibliográficas que estudam este tipo de edifícios. Permite que, aos poucos, vão surgindo estudos sobre o património arquitectónico, de iniciativa privada, do século XX.

Pretende ainda ser um ponto de partida para a continuação desta análise detalhada, ao nível das restantes regiões do país, para que, juntamente com a Tese de Doutoramento de Luís Soares Carneiro, sobre *Teatros portugueses de raiz italiana*, se venha a constituir o levantamento dos equipamentos culturais portugueses.

CAPITULO I - O CINEMA NA SOCIEDADE E NA CIDADE

1.1 - O Cinema na sociedade

Até à Revolução Industrial o tempo livre era uma exclusividade da alta burguesia e da nobreza. Considerava-se sinónimo de riqueza e poder. Por outro lado, a falta de tempo livre era um sinal de pobreza, ou denunciava a mentalidade desprezível³.

A alta sociedade exibia os seus rituais de divertimento e socialização. Herdados de gerações anteriores, passavam pela realização de viagens e pela organização de bailes privados e *soirées* (Fig.1).

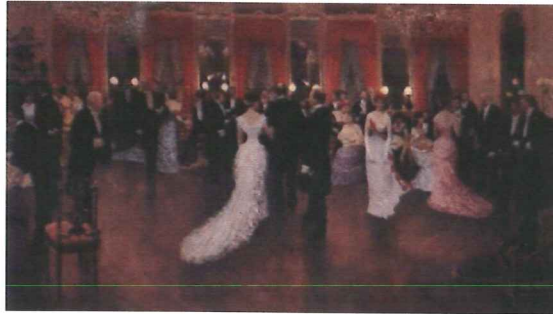


Fig. 1 - " *Evening at the Soiree*", pintura de Jean Beraud.

<http://michelechristine.wordpress.com/pinturas/jean-beraud/>

Mais tarde, com aquela revolução, a classe trabalhadora conquista o tempo livre. Passam a reservar o domingo para descanso e, posteriormente, alcançam o pagamento do período de férias.

O lazer desta classe deixa de complementar apenas as distrações caseiras. Com novos costumes no aproveitamento do tempo alterou-se a componente de socialização.

A ascensão do nível de vida e de formação escolar contribuíram para a diversificação das práticas de lazer e para o desenvolvimento de novos espectáculos e bens culturais.

No século XIX, a grande actividade de lazer era o teatro que necessitava de espaços próprios inseridos na cidade. A difusão deste tipo de edifícios deu-se após a construção do Teatro D. Maria II, em 1846. Inicialmente nas grandes cidades e nas capitais de distrito e, mais tarde, nas cidades médias e de província.

Porém, no final do século XIX, surge pelas mãos dos irmãos Lumière a primeira máquina de filmar. Impulsionadora de um novo entretenimento - o cinema - iria de tal modo fascinar a sociedade que deixaria todos rendidos ao seu espectáculo. Em 1896 chegava a

³ PORTER, Roy - *Os ingleses e o lazer*. In CORBIN, Alain. *História dos Tempos Livres*. Lisboa: Teorema, 2001.p.21.

Portugal com apresentação da primeira fita no Real Coliseu da Rua da Palma (Fig.2), pela mão do electricista húngaro Edwin Rousby.

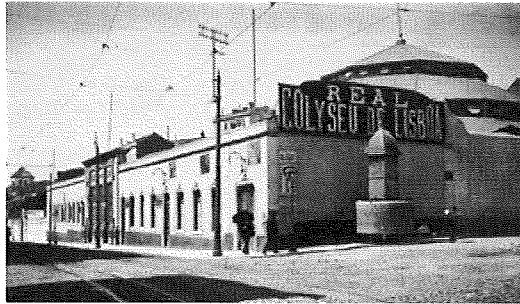


Fig. 2 - Real Coliseu na Rua da Palma em Lisboa.
<http://restosdecoleccion.blogspot.com/2010/11/coliseus-de-lisboa.html>

A grande aceitação deste novo espectáculo, sucessor de feiras, circos e teatros, introduz algumas alterações aos hábitos de entretenimento, até então gozados pela sociedade. O tempo livre passa a ser dedicado à sociabilidade, à diversão e ao conhecimento de outros espectáculos.

Cada vez mais presente na sociedade, a ida ao cinema tornava-se num “acto social e de convívio, que implicava rituais de trajar”⁴, onde as pessoas iam para exhibir o corpo e o traje de festa. Do espectáculo também faziam parte os intervalos e as entradas e saídas, onde as pessoas se cruzavam, sobretudo para ver e serem vistas (Fig.3).

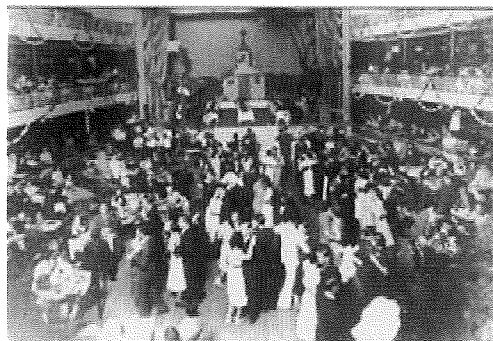


Fig. 3- Momento convívio durante o intervalo de uma sessão de cinema.
<http://www.jornallivre.com.br/310306/teatro-municipal-de-sao-joao-da-boa.html>

Inicialmente, apesar de mudo e sem grande qualidade, todas as pessoas se rendiam ao cinema onde era feita uma clara distinção dos níveis sociais através do lugar ocupado e principalmente da frequência nas sessões.

⁴ FRANÇA, José-Augusto. *Os anos vinte em Portugal*. Lisboa: Editorial Presença, 1992.p.404.

Independentemente das diferenças, do mais modesto ao mais soberano, todos mostravam o desejo de ir ao cinema. Começava a tornar-se num hábito essencial do qual não queriam prescindir.

As primeiras imagens apresentadas prendiam-se com cenas do dia-a-dia, que mostravam a saída do pessoal operário da fábrica Lumière (*La sortie de l'usine Lumière à Lyon*) (Fig.4). Exibiam um cenário em que as personagens não eram ficcionais e, a par da gradual popularização do cinema, é introduzida uma nova realidade a que os espectadores assistiam e aceitavam como verdade.

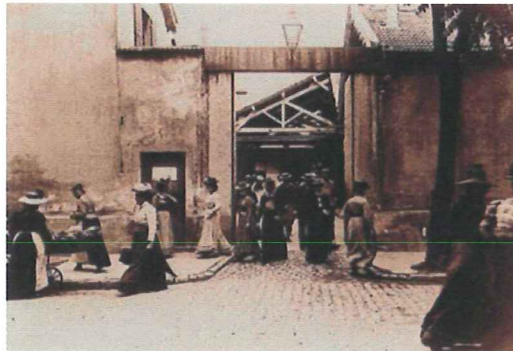


Fig. 4 - Cena do primeiro filme dos irmãos Lumière: "*La Sortie de l'Usine Lumière à Lyon*".

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Sortieusinelumiere.jpg>

O cinema surgia como uma forma de alargar o conhecimento dos espectadores, através da divulgação dos costumes de outros povos ainda desconhecidos.

A partir daqui, e através das cenas expostas nas telas, as figuras públicas consideradas importantes pela sociedade da época passavam a ser mais conhecidas e próximas dos espectadores.

Da mesma forma, tornava-se num divertimento cada vez mais atractivo, capaz de mostrar locais longínquos que muitas vezes não podiam ser visitados.

Alargava os horizontes dos espectadores e fornecia a "possibilidade de «viajar» para além do limitado mundo das suas cidades"⁵.

A capacidade que o cinema tinha em transmitir novidades constituía-o num repositório de dados, onde se cruzavam diferentes visões da realidade com imagens reais.

Aos poucos, o melhoramento das suas técnicas traduzia-se no aumento da qualidade das projecções e, consecutivamente no aumento do número de espectadores.

⁵ TORGAL, Luís Reis. *O cinema sob o olhar de Salazar*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000.p.94.

Por volta dos anos 20, pelo mundo fora, aparecia o sonoro e os filmes começavam a falar, mas só dez anos mais tarde chega a Lisboa, ao Royal-Cine da Graça (Fig.5).



Fig. 5 - Royal-Cine da Graça - Lisboa.
<http://restosdecoleccion.blogspot.com/2010/06/antigos-cinemas-de-lisboa-3.html>

Contudo, quando, em 1932, Salazar toma conta do poder, condiciona drasticamente a vida económica, social e cultural do país.

A forte componente de divulgação do cinema leva o ditador a torná-lo numa forma de exibir as ideias do regime, onde vai transmitir a sua propaganda.

A partir desta altura, o cinema, bem como as outras artes e meios de comunicação social, ficam subordinadas ao organismo criado para propaganda do Estado Novo, e são reservadas à sua política.

Surgem as formas de cultura que o regime entende como educativas. Pretendem formar política e historicamente, com filmes políticos e históricos, e curtas-metragens de “difusão ou esclarecimento de departamentos oficiais”⁶, sob a orientação da censura.

Salazar considerava o cinema como um instrumento importante para propaganda do regime. Assim, em 1933 desponta o Secretariado de Propaganda Nacional (SPN), liderado por António Ferro. O seu objectivo era “vigiar e promover o cinema numa perspectiva moral e social”⁷.

Por esta altura, com a taxa de analfabetismo mais elevada da Europa⁸, os filmes tinham um conteúdo estilizado. Só se mostrava aquilo que convinha à censura e o que esta entendia como moral e educativo.

O cinema afastava-se do espectáculo popular e divertido que devia ser.

A fácil acessibilidade enquanto meio de comunicação, o poder de sedução e a força de penetração que as imagens possuem, incomparáveis a qualquer outro meio, tornavam o

⁶ PINA, Luís de. *Panorama do Cinema Português*. Lisboa: Terra Livre, Janeiro de 1978.p.30.

⁷ TORGAL, Luís Reis. *O cinema sob o olhar de Salazar*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000.p.67

⁸ RIBEIRO, C. P. (Dezembro de 2010). O cinema do SPN/SNI - o ideal de Ferro, a realidade de chumbo. *O olho da história*, p.2.

espectador num ser passivo e desarmado⁹, pelo que o cinema era considerado a melhor forma de “influência para criar realidades alternativas”¹⁰.

Tal como no resto da Europa, em países como a Rússia, França, Alemanha, Inglaterra, Holanda e Suíça, também em Portugal o Estado cria as sessões de cinema ambulante, gratuitas, de forma a educar o povo.

Ofereciam o visionamento de documentários nacionalistas e procuravam realçar as virtudes do regime, com projecções cinematográficas realizadas nas juntas de freguesia ou sociedades recreativas¹¹, semanal ou mensalmente.

De facto, a escolha das ocupações para o tempo livre reflectia o estatuto de classe através da promoção social. O cinema, como a última novidade destinada ao lazer, adquire um papel de importância enquanto forma de entretenimento na sociedade até ao final dos anos 50.

Nesta altura, surge a televisão que lhe subtrai o anterior protagonismo. Capta as atenções da população e do governo, que a considera um instrumento mais fácil de controlar do que o cinema.

1.2 - Do animatógrafo aos grandes Cine-Teatros

Inicialmente o cinema apresentado sob a designação de animatógrafo, podia-se referir às máquinas de projecção ou às Salas de Espectáculo.

Sem autonomia própria e como forma de inserção, de uma forma gradual, começou a fazer parte integrante da programação dos espectáculos existentes. Tornava-se num complemento dos programas de circo, teatro ou variedades musicais.

Deste modo, no início do século XX, nas grandes cidades era considerado “um espectáculo de feira, a preços bastante económicos, funcionando em (...) espaços improvisados nas feiras dos bairros”¹².

De forma diferente, nas médias e pequenas cidades apresentava-se como um espectáculo deambulante, que se instalava por um certo período de tempo. Utilizava

⁹ FERRO, António - *Teatro e Cinema*. Lisboa: SNI, 1950. P.44 Cit. por SILVA, Susana Constantino Peixoto da. *Arquitectura de Cine-Teatros: Evolução e Registo (1927-1959)*. Edições Almenida, 2010.p.36

¹⁰ SILVA, Susana Constantino Peixoto da. *Arquitectura de Cine-Teatros: Evolução e Registo (1927-1959)*. Edições Almenida, 2010.p.36.

¹¹ RIBEIRO, C. P. (Dezembro de 2010). O cinema do SPN/SNI - o ideal de Ferro, a realidade de chumbo. *O olho da história*, p.7.

¹² SILVA, Susana Constantino Peixoto da. *Arquitectura de Cine-Teatros: Evolução e Registo (1927-1959)*. Edições Almenida, 2010.p.22.

construções apropriadas ou adaptadas, que muitas vezes não passavam de barracões, sem as mínimas condições, de madeira ou até mesmo em tendas sem pavimento.

Os primeiros espaços dedicados ao animatografo são impulsionados por empresários da projecção cinematográfica, grupos especializados e fotógrafos, por vezes associados a comerciantes e investidores¹³. O que se verifica no caso da primeira sala com instalação de projecções cinematográficas, o Salão Ideal (Fig.6 e 7), na Rua do Loreto em Lisboa.

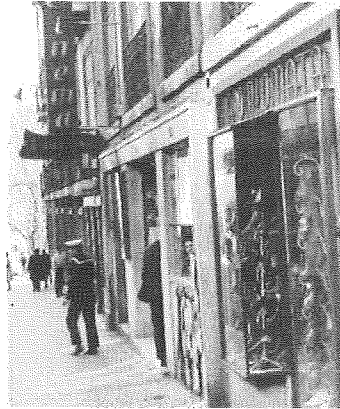


Fig. 6 - Salão Ideal na Rua do Loreto em Lisboa.
<http://citizengrave.blogspot.com/p/isto-e-era-o-cinema-liz-na-almirante.html>



Fig. 7 - Entrada do Salão Ideal na Rua do Loreto em Lisboa.
<http://citizengrave.blogspot.com/p/isto-e-era-o-cinema-liz-na-almirante.html>

Como em muitos outros casos, a sua caracterização arquitectónica e espacial não é significativa.

Ocupavam uma pequena frente urbana, e a sala de projecções resumia-se a um espaço com cadeiras dispostas em função do ecrã, com a máquina de projecção em posição oposta (Fig.8).

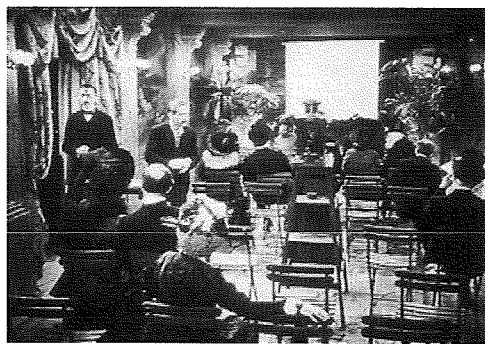


Fig. 8 - Sala de projecções do início do séculoXX.

<http://capitulosdecinema.blogs.sapo.pt/>

¹³ *Idem*.p.61

Na segunda década do século XX, o aparecimento do sonoro requeria novas condições técnicas, que introduziam a necessidade de um espaço apropriado para as projecções cinematográficas.

De forma a colmatar a inexistência destes espaços, ocupava-se de forma improvisada garagens, salões de jogos e até as “grandes salas dos edifícios destinados a outros espectáculos (...), onde os teatros são (...) os mais atingidos”¹⁴. Na maioria dos casos sofriam alterações para receber a cabine de projecção.

Por vezes, passavam a destinar-se exclusivamente à nova actividade, alterando para isso a sua nomenclatura. O que se verificou nos teatros S. Luís e Ginásio, em Lisboa, que passaram a denominar-se S. Luís Cine e Cine Ginásio, e no Teatro S. João, no Porto, que passava a denominar-se S. João Cine.

A conversão destas grandes salas de teatro em cinema era como que um benefício para o último. Desta forma, podiam ter capacidade compreendida entre os 1000 e 2000 lugares, como era o caso do S. João Cine.

As regulamentações de segurança contra incêndios implicavam alterações estruturais nos edifícios. Obrigavam a isolar a cabine de projecção, que devia ser construída com materiais incombustíveis, selada com portas de ferro e ventilada directamente para o exterior, através de uma chaminé.

A licença de exploração de filmes sonoros só se verificava com a ratificação destas circunstâncias e, com o aumento do número de audiências e com a chegada das produções europeias e americanas, vai-se introduzindo a necessidade de criação de um novo espaço apropriado para o cinema.

Na segunda metade dos anos 20 e inícios de 30, a crescente utilização do betão armado, conjugada com a publicação do Decreto-Lei nº13.564, de 1927, permite o aparecimento e proliferação de uma nova tipologia arquitectónica.

Esta nova legislação vai “modelar e instituir os Cine-Teatros”¹⁵, através da inserção de regras para a sua construção, que passava pela utilização de materiais incombustíveis.

A partir daqui, as salas de cinema tinham que incluir o programa teatro num só edifício, que não podia ser utilizado para outros fins. Situação contrária às restantes cidades da Europa, onde os cinemas ocupavam a cave ou o rés-do-chão de edifícios de habitação ou comércio¹⁶.

¹⁴ FERNANDES, José Manuel. *Cinemas de Portugal*. Inapa, Julho de 1995.p8.

¹⁵CARNEIRO, Luís Soares. *Teatros Portugueses de Raiz Italiana*. Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, Porto, 2002. p.1222.

¹⁶ CONSTANTINO, Susana. *Arquitectura de Cine-Teatros, as Beiras e Keil*. In BANDEIRINHA, José António. *Keil do Amaral - Obras de arquitectura na Beira*. Lisboa: Argumentum, 2010. p.78.

As saídas eram dimensionadas e localizadas consoante a lotação do edifício, o que obrigava à implantação em lotes com mais do que um acesso.

A sua imagem exterior era influenciada pela distribuição física interna, através da distinção entre zonas públicas e técnicas.

Várias salas destinadas ao cinema foram sendo construídas. Inicialmente nas grandes cidades e, mais tarde, nas cidades província, que geralmente deviam incluir o programa teatro.

Os Cine-Teatros vão adquirindo independência e escala, e tornavam-se capazes de atrair multidões, ao ponto do cinema ser reconhecido como o “espectáculo urbano por excelência”¹⁷.

De maior ou menor dimensão, uns adaptados de antigos teatros e outros construídos de raiz, são encontrados na maioria dos centros urbanos das pequenas e médias cidades. Nestes casos, os pedidos para a construção de cinemas isolados eram indeferidos, com excepção das localidades onde já existissem casas de espectáculos destinadas ao teatro.

A obrigatoriedade de construção destes edifícios prejudicava de certa forma a sua correcta fruição em termos de espectáculo.

Idealizados para responder primeiramente programa ao cinema, tiveram de se adaptar à conjugação de dois programas distintos, sem se prender especificamente a um deles. Construía-se um cinema com palco, caixa de palco, teia, pano de ferro, fosso de orquestra e camarins¹⁸.

A grande dificuldade prendia-se com a organização dos lugares.

No cinema, os melhores lugares eram os das últimas filas, onde a visibilidade para o ecrã não sofria deformações. Pelo contrário, os da frente, que tinham a visibilidade condicionada devido à proximidade ao ecrã, eram reservados para as classes sociais mais desfavorecidas e, por isso, mais baratos.

No teatro, considerando a visibilidade e audibilidade condicionada pela voz humana, os espectadores preferiam as filas mais próximas ao palco. Neste caso, os lugares mais baratos, eram os das últimas filas.

Afirmava-se assim uma clara distinção entre classes sociais. Assim, os melhores lugares não se mantinham fixos pois dependiam do espectáculo que se ia assistir.

Com a distinção que se vivia entre classes, verificava-se, dentro do mesmo recinto, a existência de espaços distintos para as mesmas funções. Assim, as diferentes zonas da sala de espectáculos tinham o seu próprio *foyer*, bar, e Wc.

¹⁷ FERNANDES, José Manuel. *Cinemas de Portugal*. Inapa, Julho de 1995.p.9.

¹⁸ CONSTANTINO, Susana. *Arquitectura de Cine-Teatros, as Beiras e Keil*. In BANDEIRINHA, José António. *Keil do Amaral - Obras de arquitectura na Beira*. Lisboa: Argumentum, 2010. p.34.

Para que não ocorressem encontros entre os diferentes grupos de espectadores, verifica-se a utilização da geral situada, frequentemente, no último piso. Com acesso independente do restante edifício, tinha a pior visibilidade da Sala de Espectáculos. O que se verifica nos casos do Cine-Teatro da Guarda e do Cine-Teatro Avenida de Castelo Branco, abordados no capítulo II.

De facto, o regime instaurado pelo Estado Novo não interveio directamente na construção de espaços destinados ao lazer.

Ocupava-se com a construção de equipamentos públicos para instalar os seus serviços, como as Câmaras Municipais, Correios ou Palácios da Justiça, deixando a edificação de equipamentos culturais a cargo de particulares.

Contudo, as legislações que publicou não permitiam a construção de pequenas salas populares e, nos grandes centros urbanos condicionava os cinemas em edificios mistos.

Preferia os grandes cinemas de luxo¹⁹, em edifício próprio, onde não era possível a utilização de outras funções.

Como referência, construído de raiz e destinado à alta burguesia, surge em Lisboa, em 1924, o primeiro equipamento apropriado às projecções cinematográficas, o Cinema Tivoli (Fig.9), com lotação de cerca de 1140 lugares.

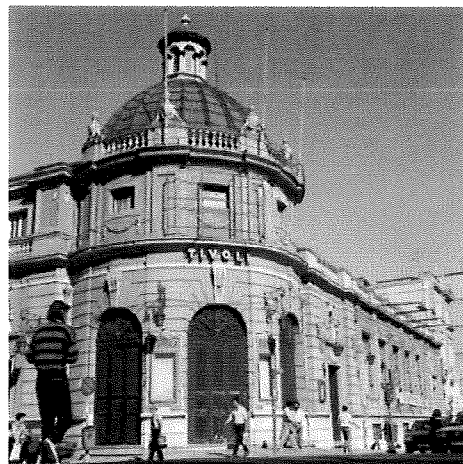


Fig. 9 - Cinema Tivoli. Avenida da Liberdade, em Lisboa. <http://aps-ruasdelisboacomhistrria.blogspot.com/2010/11/avenida-da-liberdade-xviii.html>

A partir dos anos 40, aumenta o número de iniciativas privadas que tomaram conta da construção dos equipamentos de lazer.

¹⁹ PINA, Luís de. *Panorama do Cinema Português*. Lisboa: Terra Livre, Janeiro de 1978.p.79.

De forma a dotar a sua cidade com um equipamento com este carácter, empresários isolados ou associados, e até pessoas relacionadas com o espectáculo procuravam alcançar fundos e locais para a sua construção.

Os equipamentos destinados ao lazer associavam-se, em geral, a usos informais por se reservarem à fruição dos tempos livres. Igualmente aos promovidos pelo regime, transmitiam a sua monumentalidade onde a sociedade se revia e identificava.

Assim, um pouco por todo o país, ocorre a difusão destes equipamentos culturais. Dependia da importância da localidade onde ia ser instalado, do número de habitantes e turistas e da frequência e número de espectáculos realizados.

Contudo, e apesar das dificuldades que advinham da construção e manutenção destes equipamentos, a obrigatoriedade da sua construção introduziu uma nova tipologia que se afirmou pela sua diversidade e permanência²⁰.

Nos anos 50, quando a televisão chega a Portugal, fortifica-se a necessidade dos “ecrãs gigantes” que exigem uma nova dimensão espacial de forma a tornarem o espectáculo grandioso em relação ao “pequeno ecrã” e continua a verificar-se a dispersão de Cine-Teatros pelo país.

1.3 - Relação com as malhas urbanas

Dadas as dimensões com que foram surgindo, os equipamentos destinados ao cinema ocupavam inicialmente, e sem grandes ostentações, uma pequena frente urbana. Organizavam-se num espaço amplo, com cadeiras dispostas sobre um fundo branco. Ainda assim, através da forte componente social que acartavam eram já considerados referências na malha urbana.

Nas grandes cidades, os clubes, cafés e os teatros localizavam-se nos seus polos centrais. Contudo, o destaque que as salas de cinema adquiriam e, por se encontrarem deslocadas do perímetro em que se desenvolviam os hábitos citadinos, alargavam os limites da centralidade anteriormente imposta, abrindo-a até ao novo espaço de convívio.

Nas cidades médias e de província, quando se já existia um teatro, era adaptava-se a cinema. Nos casos em que estes não existiam e, de forma cumprir o Decreto-Lei nº 13:564,

²⁰ SILVA, Susana Constantino Peixoto da. *Arquitectura de Cine-Teatros: Evolução e Registo (1927-1959)*. Edições Almenida, 2010.p97.

era construído um novo cinema que, obrigatoriamente devia complementar o teatro. Tornavam-se nos equipamentos urbanos de província, com forte desempenho social e urbano.

Os Cine-Teatros construídos de raiz localizam-se preferencialmente em gavetos, com frente para praças centrais e, pela sua dimensão, tornavam-se capazes de definir quarteirões inteiros.

A importância atribuída a estes equipamentos e a sua escala verificavam-se pela lotação. Mesmo fora das capitais de distrito, rondavam muitas vezes os 1000 lugares para, segundo os legisladores, “servir toda a população (...) de uma pequena vila, ou ainda de uma cidadezinha local”²¹.

Principalmente nas cidades província, os Cine-Teatros eram tidos como equipamentos de prestígio, com componentes sociais, culturais e educativas.

A vontade de centralizar verificava-se através da implantação próxima a outros edifícios públicos, de forma a concentra-los nas suas proximidades.

Funcionavam como um elemento de referência urbana e destacavam-se em relação aos que o envolviam, através dos seus elementos de caracterização exterior, que lhe conferiam o carácter de edifício público e traduziam a sua própria funcionalidade.

A distribuição interna das funcionalidades dos Cine-Teatros é reflectida na sua imagem exterior.

As extensas fachadas cegas evidenciam a Sala de Espectáculos que, por vezes, suportavam os cartazes publicitários dos filmes em exibição, devendo “o alçado de uma casa de espectáculos (...) ser um elemento de publicidade permanente, (...), ser um espectáculo de formas e de luz que impressionem o espírito do público que as vê”²².

Verificava-se um maior investimento na fachada principal, onde se localizavam a entrada principal, os *foyers*, salões de festas e vestíbulos. Estes espaços também faziam parte de todo o espectáculo que envolvia a ida ao cinema, por se dedicaram à sociabilização. Encontram-se num maior contacto com o exterior, através dos seus envidraçados e varandas, voltados para as ruas e praças principais.

²¹ FERNANDES, J. Manuel - *Cine-Teatros de Portugal: arquitectura - imaginária?* In DIETRICH, Jochen - “*Cine-Teatros de Portugal*”. *Catálogo Bilingue da Exposição Cine-Teatros em Portugal*. Coordenação de Vítor Lourenço. Leiria: Edição Teatro José Lúcio da Silva e Museu da Imagem. 1998. Cit por SILVA, Susana Constantino Peixoto da. *Arquitectura de Cine-Teatros: Evolução e Registo (1927-1959)*. Edições Almenida, 2010.p.61.

²² PINTO, Paulo Tormenta - “*Cassiano Branco, 1887-1970 - Arquitectura e artifício*”. Casal de Cambra: Caleidoscópico - Edição e Artes Gráficas, S.A., 2007.p.92. Cit por SILVA, Susana Constantino Peixoto da. *Arquitectura de Cine-Teatros: Evolução e Registo (1927-1959)*. Edições Almenida, 2010.p.130.

Como refere Susana Constantino, os Cine-Teatros foram capazes de assumir o seu estatuto de edifício público, através das configurações dos seus volumes, empenas lisas ou trabalhadas e com os elementos modernistas que os enquadrava na envolvente, geralmente da mesma época, como as palas, janelas de canto e vitrinas publicitárias. Em paralelo surgem referências regionalistas como os beirados, pináculos, esferas armilares, cantarias e baixos-relevos²³.

No seu conjunto, as fachadas deviam ser percebidas indiferentemente de dia ou de noite e ser concebidas de forma a tornarem-se num marco de atracção do público²⁴.

²³ SILVA, Susana Constantino Peixoto da. *Arquitectura de Cine-Teatros: Evolução e Registo (1927-1959)*. Edições Almenida, 2010.

²⁴ *Idem*.p.85.

CAPITULO II - EQUIPAMENTOS CULTURAIS NA BEIRA INTERIOR

2.1 - O DISTRITO DA GUARDA

2.1.1 - Cine-Teatro Gouveia (1942)

Antecedentes ao Teatro-Cine de Gouveia

As referências a Salas de Espectáculo em Gouveia surgem com a existência do Teatro Hermínio (Fig.10).



Fig. 10 - Teatro Hermínio. GUERRINHA, José. *Gouveia (Serra da Estrela)*. Coimbra: Edição do autor, 2005. p.212.

Sem data certa da sua edificação, sabe-se que, em 1881, servia como fonte de receita do hospital, motivo pelo qual tinha sido construído pela Regência do Aljão²⁵.

Por ali passavam diversos tipos de espectáculo, como récitas de amadores e profissionais, formados pelas grandes companhias de Teatro da época. Por vezes era reservado para festas, sessões de congressos e solenidades.

Dadas as suas precárias condições de segurança, o mau estado de conservação, a pequena lotação e a insustentabilidade das despesas é, em 1919 arrendado a Eduardo Lopes da Costa que o remodelou e ampliou.

Em Agosto de 1920, “dotado de moderníssimas instalações para a época”²⁶, e admitindo sessões cinematográficas, reabriu com a exibição do filme “A Pantera”.

Mais tarde, volta a passar por dificuldades e, em 1944, uma parte acaba por desmoronar.

Nos anos 80 passava a dar lugar a um complexo habitacional, o Monte Calvário.

A cidade, que ficara sem espaço destinado ao Teatro e ao Cinema, vê edificado, em Novembro de 1942, o Teatro-Cine. Através de iniciativa bairrista, criou-se a Empresa do teatro-Cine, constituída pelos Gouveenses António Lopes da Costa, Fernando Lopes da Costa Alçada, Engenheiro José Brás Frade e Ernesto da Silva Graça.

²⁵ Associação de Beneficência Popular.

²⁶ GUERRINHA, José. *Conhecer Gouveia : Serra da Estrela*. Coimbra: Edição do autor, 1985. p.44.

O Teatro-Cine

Situado nas anteriores dependências do hospital, no antigo Jardim de S. Lazaro (Fig.11), confina com a Estrada Nacional de 2ª Classe nº36.

Implantado frontalmente a uma pequena Praça, encontra-se num conjunto urbano que define juntamente com o Bairro de S.Lazaro e o Hotel de Gouveia.

Inaugurado no dia 13 de Novembro de 1942 pela “Companhia de Teatro Amélia Rey Colaço - Robles Monteiro” (Fig.12) com as récitas “O Caso do Dia” e “Sua Alteza” do dramaturgo Ramada Curto, e “Romances” de Edward Scheldon.



Fig. 11 - Antigo Jardim de S. Lazaro. GUERRINHA, José. *Gouveia (Serra da Estrela)*. Coimbra: Edição do autor, 2005. p.291.

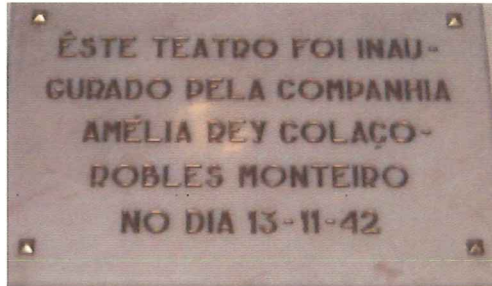


Fig. 12 - Teatro-Cine de Gouveia. Placa de inauguração. Imagem do autor. Março de 2011.

Considerado o “gémeo do Cinearte de Lisboa”²⁷ (Fig.13), o projecto do arquitecto Amilcar Pinto define-se numa planta rectangular, de aproximadamente 36m × 15m, quebrada por algumas saliências.

As mais marcantes são os dois corpos que constituem as colunas de acesso vertical. O da fachada posterior rectangular possui pequenas aberturas, e o da fachada lateral direita apresenta-se curvo e envidraçado (Fig.14), “reforçando o cunhal do edificio”²⁸.



Fig. 13 - Cinearte de Lisboa. <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=1008147>



Fig. 14 - Teatro-Cine de Gouveia. Fachada lateral direita. GUERRINHA, José. *Gouveia (Serra da Estrela)*. Coimbra: Edição do autor, 2005. p.292

²⁷ *Idem. Gouveia : Serra da Estrela*. Coimbra: Edição do autor, 2005. p.292.

²⁸ SILVA, Susana Constantino Peixoto da. *Arquitectura de Cine-Teatros: Evolução e Registo (1927-1959)*. Edições Almenida, 2010.p.119.

A horizontalidade das ruas que envolvem o Teatro-Cine permitem-lhe uma multiplicidade de entradas e saídas (Fig.15).

No alçado principal (Fig.16), sobre a Estrada Nacional de 2ª Classe nº36, verifica-se a existência de quatro portas. Como refere Susana Constantino, clarificam a distinção de três zonas fundamentais, o espaço técnico destinado à cena, a Sala de Espectáculos e a distribuição²⁹.

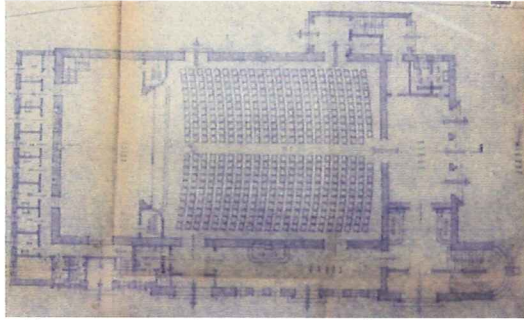


Fig. 15 - Teatro-Cine de Gouveia. Planta ao nível da plateia. Projecto de 1942. Arq. Amilcar Pinto.

IGAC

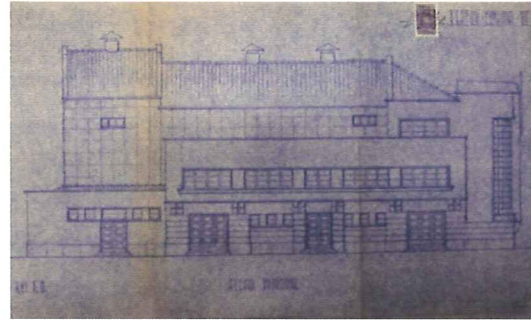


Fig. 16 - Teatro-Cine de Gouveia. Alçado principal. Projecto de 1942. Arq. Amilcar Pinto.

IGAC

As entradas repartiam-se de acordo com a função a desempenhar no Teatro-Cine.

A primeira servia o palco e o sub-palco, que conferia acesso ao fosso de orquestra e às arrecadações. Possibilitava uma clara independência entre a zona técnica e a Sala de Espectáculos.

Seguiam-se duas portas destinadas à saída da plateia. A primeira conferia saída a dos espectadores situados junto ao palco. Conferia acesso aos “urinóis” masculinos, à esquerda, e ao bar, à direita, junto ao qual se situava a segunda saída, comunicativa com a parte posterior da plateia.

A última porta destinava-se à entrada principal e possuía um átrio onde se encontrava a bilheteira. Permitia o ingresso no vestibulo rectangular, onde se localizavam os bengaleiros, à caixa de escadas envidraçada, ao bar da plateia e ao *foyer*. Neste encontrava-se uma ante-câmara que conferia acesso os sanitários femininos e à caixa de escadas e bilheteira reservados à geral.

A Sala de Espectáculos, rectangular possui aproximadamente 18m × 15m. Contemplava a plateia com 262 poltronas e 218 cadeiras, o balcão com 192 lugares, 11 camarotes³⁰, e a geral com 100 lugares³¹ não numerados.

²⁹ *Idem*. p.121.

³⁰ Segundo o ofício nº 2777/ S.T., enviado pelo Inspector Chefe Óscar de Freitas ao Director Geral das contribuições e impostos, datado de 12 de Outubro de 1953, os camarotes tinham quatro a oito lugares. Dossier do processo do Teatro-cine de Gouveia nº09.06.0001 da IGAC.

³¹ Teatro-Cine de Gouveia, número de lugares e respectivas categorias. Sem data. *Idem*.

O *foyer* situado frente ao jardim, por onde também se podia entrar, era a única forma de ingresso na plateia, que continha quatro saídas. Duas voltadas para a fachada principal e as restantes para a fachada posterior. Uma conferia o acesso directo à rua e a outra ao corpo de escadas saliente, comunicativa com os pisos superiores.

O palco tinha aproximadamente 15m × 9m. Junto à boca de cena possuía as cabines do electricista e do bombeiro.

Comunicava, através de duas portas situadas na sua parte posterior, com os 9 camarins, dispostos de forma linear e paralela à boca de cena.

O balcão (Fig.17), com os camarotes dispostos linearmente na parte mais baixa, era acedido pelo *foyer* com bar. A disposição dos sanitários e *foyers* deste piso são semelhantes à da plateia.

No *foyer* voltado para a Estrada Nacional, situava-se o gabinete da gerência, e no corpo de escadas saliente na fachada posterior encontravam-se os sanitarios das senhoras, que se repetiam no piso superior.

A geral (Fig.18), situada um nível acima, continha um pequeno *foyer*, e possuía a cabine de projecção e do bombeiro, entre a totalidade dos lugares.

O acesso dos espectadores a estes lugares era feito pela escadaria situada na fachada posterior, que reservava uma bilheteira para as classes sociais mais desfavorecidas.

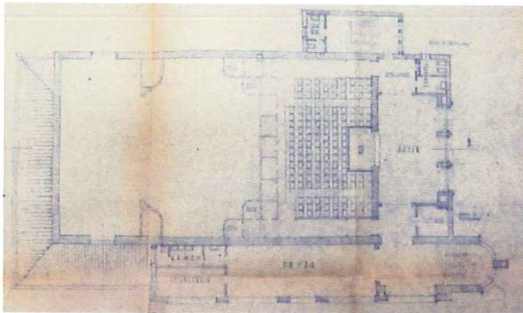


Fig. 17 - Teatro-Cine de Gouveia. Planta ao nível do balcão. Projecto de 1942. Arq. Amilcar Pinto. IGAC

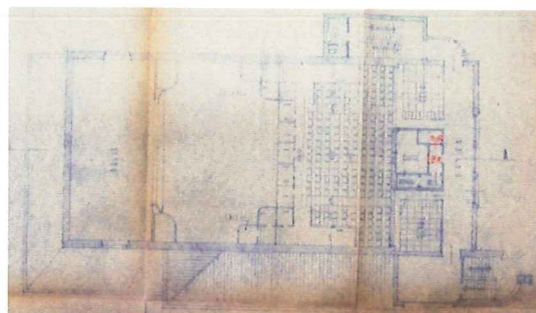


Fig. 18 - Teatro-Cine de Gouveia. Planta ao nível da cabine de projecção e da geral. Projecto de 1942. Arq. Amilcar Pinto. IGAC

Descontinuidades e inconstante lotação

Como em tantos outros casos, também ao Teatro-Cine de Gouveia nem sempre foi possível apresentar contínua actividade.

Logo durante a sua edificação sofreu uma série de pequenas alterações na “lotação, comodidade e segurança dos espectadores”, realizadas na entrada para os camarins e sub-palco, na boca de cena, no vestíbulo, bar e *foyer*. “Foram apenas alteradas as suas disposições”, a organização dos lugares da plateia, as instalações sanitárias do balcão e, “por

se ter reconhecido a necessidade local de se ampliar a lotação da sala”³², criou-se um terceiro pavimento, destinado à geral, com lugares mais baratos.

Desde o ano de inauguração que a lotação do Teatro-Cine foi uma constante mutação.

Datado de 6 de Novembro de 1942, o primeiro Auto de Vistoria efectuado mencionou, entre outros aspectos, a necessidade de se reduzir a lotação da Sala de Espectáculos, devido à invisibilidade de alguns lugares. Esta primeira redução da lotação contribuíra ainda para aumentar o espaço livre entre as filas da plateia, de apenas 12 para 30 cm.

Em 1946, a sessão cinematográfica do filme “Amor de perdição” terminava com o incêndio da sua fita, gerando algum pânico por parte da assistência (Fig.19).



Fig. 19 - Jornal "O Século", 8 de Maio de 1946.
IGAC

A diminuição da lotação da Sala de Espectáculos continuava a ser uma constante, pois tornava-se fundamental para o seu bom funcionamento.

Em 1953 o Teatro-Cine encontrava-se encerrado, para que se pudessem realizar obras.

No entanto, durante o seu encerramento, as sessões cinematográficas não cessaram.

Os Senenses António Pinto Ascensão e João Rodrigues Matias, ambulantes de cinema, haviam sido convidados a dar-lhe continuidade no recinto ao ar livre, denominado “Pátio da Câmara”. Parte da receita seria para fins de beneficência³³.

Estas sessões não tardavam em voltar ao Teatro-Cine. Em Outubro do mesmo ano regressava à actividade, com lotação de 570 lugares³⁴.

Por volta de 1954 este recinto era alugado ao empresário Lisboaeta Aníbal Contreiras, da área das produções, que, mais uma vez, o sujeitou a alterações na lotação³⁵. Retirou-lhe

³² Memória descritiva do projecto de alterações. Outubro de 1942. *Idem*.

³³ Ofício nº 2194/S.T., enviado ao Delegado da Inspeção dos Espectáculos da Câmara Municipal de Seia. 30 de Julho de 1953. *Idem*.

³⁴ Ofício nº2877//S.T., enviado ao Director Geral das Contribuições e Impostos. 12 de Outubro de 1953. *Idem*.

60 lugares da plateia, restando uma totalidade de 510³⁶. No ano seguinte passaria a 490, com a retirada de 20 lugares da Geral³⁷.

Nos anos 60 o Teatro-Cine era novamente encerrado, devido à insustentabilidade que comportava³⁸.

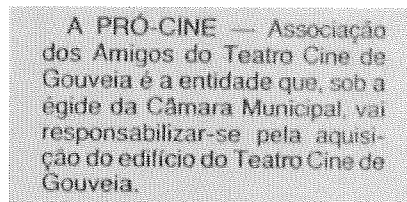
Posteriormente era vendido ao comerciante Gouveense António Ribeiro Rebelo, que deu continuidade às sucessivas modificações da lotação. Numa primeira alteração ficou dotada de 513 lugares³⁹.

Com um ano sucessivo de exploração, constatou que a distância entre as filas do balcão era demasiado pequena, de apenas 15 cm. Retirou-lhe a última fila de modo a poder ter mais espaço entre as sobrantes, restando na totalidade 491 lugares⁴⁰.

Em 1970 o Teatro-Cine era mais uma vez encerrado⁴¹. Porem em Dezembro de 1971, a Empresa Teatro-Cine Gouvex Lda. reabriu o edifício, que apresentava anomalias apenas na instalação eléctrica⁴².

Em 1977 há uma nova alteração da lotação da Sala. Passava a complementar 447 lugares⁴³. Ainda nesta década, volta a tornar-se insustentável e encerra novamente.

Em 1989, de forma a revitalizar este espaço, a Associação Amigos do Teatro-Cine de Gouveia (Pró-Cine) adquire-o, com o apoio do Instituto Português do Cinema e da Câmara Municipal (Fig.20), com o intuito de o recuperar.



A PRÓ-CINE — Associação dos Amigos do Teatro Cine de Gouveia é a entidade que, sob a égide da Câmara Municipal, vai responsabilizar-se pela aquisição do edifício do Teatro Cine de Gouveia.

Fig. 20 - Diário de Coimbra. 30 de Maio de 1989.
IGAC

³⁵ Ofício nº8148 enviado ao Inspector dos Espectáculos. 19 de Julho de 1954. *Idem*.

³⁶ Ofício nº1391/S.T., enviado ao Director Geral das Contribuições e Impostos. 5 de Agosto de 1954. *Idem*.

³⁷ Ofício nº2761/S.T., enviado ao Director Geral das Contribuições e Impostos. 21 de Novembro de 1955. *Idem*.

³⁸ Ofício nº4319/S.T., enviado ao Inspector Chefe da Inspeção dos Espectáculos. 9 de Março de 1960. *Idem*.

³⁹ Ofício nº3069/60/S.T., enviado ao Director Geral das Contribuições e Impostos. 21 de Julho de 1960. *Idem*.

⁴⁰ Memória descritiva para alteração da lotação. 8 de Maio de 1961. *Idem*.

⁴¹ Informação da fiscalização para a secção técnica. 28 de Abril de 1971. *Idem*.

⁴² Auto de Vistoria nº6308. 20 de Dezembro de 1971. *Idem*.

⁴³ Auto de Vistoria nº 4327. 20 de Maio de 1977. *Idem*.

O Projecto de Recuperação

O projecto de remodelação foi aprovado em 1994 e mantém-se até à actualidade.

Teve como objectivo a inserção de novos espaços e a melhoria da distribuição dos existentes. Nesta recuperação procedeu-se à retirada e substituição dos considerados desnecessários actualmente.

Foram alteradas as duas entradas intermédias da fachada principal, e adicionada uma terceira. Conferem o acesso aos três estabelecimentos agora existentes (Fig.21).

Manteve-se a primeira para a zona técnica de cena, palco e os seis camarins actuais. Situam-se quatro ao fundo do palco e dois, de maiores dimensões, no anterior local do sub-palco e fosso de orquestra, que lhe deram lugar, bem como a arrumos e despensas.

A última entrada, tal como no projecto primitivo, faz a comunicação entre o exterior, a caixa de escadas envidraçada e o antigo *foyer* de ingresso na plateia, agora denominado átrio de entrada, onde também se localizam as instalações sanitárias masculinas adaptadas a pessoas com mobilidade condicionada.

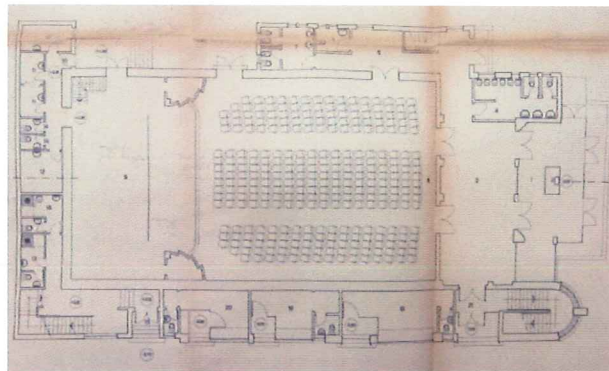


Fig. 21 - Teatro-Cine de Gouveia. Planta ao nível da plateia. Projecto de recuperação de 1992. PLABI Gabinete de Planeamento da Beira Interior. IGAC

Criaram-se ligeiras alterações ao nível da planta, que se reflectem no alçado.

Na fachada lateral direita (Fig.22), estabeleceu-se um corpo avançado, envidraçado.



Fig. 22 - Teatro-Cine de Gouveia. Fachada lateral direita. Evidência do corpo envidraçado.
<http://uxukalhus.blogspot.com/2010/04/uxu-kalhus-em-gouveia-teatro-cine-10.html>

Desta forma, protegeu-se a bilheteira e aumentou-se o espaço de exposição, que era uma zona aberta, e por isso considerada inadequada.

Na fachada posterior, o corpo saliente existente foi prolongado. Inseriu-se um átrio lateral, com acesso ao exterior, e novos sanitários femininos.

A Sala de Espectáculos ficou provida apenas de plateia, e os onze camarotes (Fig.23), tendo sido removidos o balcão e a geral. A lotação actual é de 300 lugares na plateia e 44 nos camarotes.

No lugar do balcão surgiram as cabines de projecção, de enrolamento e do bombeiro, um bar com salão polivalente, novos sanitários e um pequeno restaurante (Fig.24).



Fig. 23 - Teatro-Cine de Gouveia. Sala de Espectáculos.
Imagem do autor. Março de 2011.

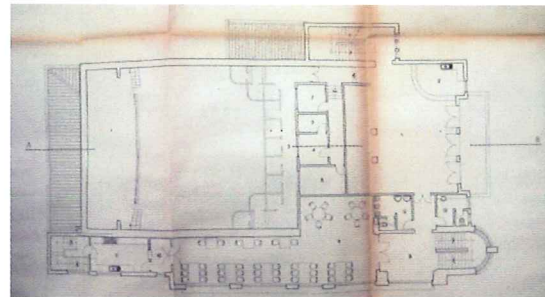


Fig. 24 - Teatro-Cine de Gouveia. Planta ao nível dos camarotes. Projecto de recuperação. 1992. PLABI - Gabinete de Planeamento da Beira Interior.
IGAC

No nível superior, onde se localizava a geral, surgiram novas instalações sanitárias, gabinetes de apoio ao funcionamento do Teatro-Cine e um pequeno auditório (Fig.25). Estes pisos podem ser acedidos pelas duas caixas de escadas pré-existentes que se mantiveram nas suas primitivas localizações.



Fig. 25 - Teatro-Cine de Gouveia. Auditório no antigo lugar da geral.
Imagem do autor. Março de 2011.

Actualidade

A recuperação do Teatro-Cine tornou-o num espaço capaz de receber diferentes sessões de cinema, espectáculos de teatro, música e dança e ainda exposições temporárias.

2.1.2 - Cine-Teatro Guarda (1953-1987)

Antes do Cine-Teatro, o Coliseu da Beira

Antecessor do Cine-Teatro da Guarda, o Coliseu da Beira (Fig.26) foi construído na Rua Vasco da Gama. Na época, uma das mais centrais da cidade.

Com projecto de Luiz Ernesto Reynaud, foi edificado em 1911, através da iniciativa de uma sociedade composta por Júlio Leite, Álvaro Pereira de Almeida e António Augusto Proença.

O Coliseu da Beira, com a sua pequena fachada de alvenaria, era todo “construído em madeira, com algumas paredes exteriores chapeadas com pedaços de folha-de-flandres, restos de latas de gasolina ou petróleo já servidas”⁴⁴. O que o tornava muito vulnerável a incêndios.

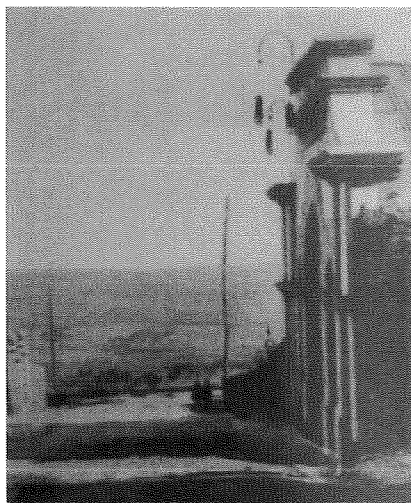


Fig. 26 - Coliseu da Beira. Guarda.
FERREIRA, Jaime. *A Guarda formosa na primeira metade do século XX*.
Guarda: Câmara Municipal, 2000.p.141.

Além do cinema e teatro, também ali passavam “sessões de propaganda, festas cívicas e religiosas, obras de caridade e espectáculos de beneficência”⁴⁵.

Apesar das suas consideráveis dimensões, com capacidade para cerca de novecentas pessoas⁴⁶, era considerado um barracão.

A falta de condições que ostentava permitia que lhe atribuíssem os nomes de “Cine-Palheiro” ou “O Piolho”.

⁴⁴ Auto de Vistoria ao Teatro-Circo Coliseu da Beira. 2 de Agosto de 1932. Dossier do processo do Cine-Teatro da Guarda nº09.07.0001 da IGAC.

⁴⁵ Carta enviada por António Ferreira de Almeida ao Inspector-geral dos Espectáculos. 16 de Outubro de 1944.p.2. *Idem*.

⁴⁶ CARNEIRO, Luís Soares. *Teatros Portugueses de Raiz Italiana*. Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, Porto, 2002.p.629.

No Auto de Vistoria realizado a 7 de Outubro de 1944, refere-se o contexto precário sobre o qual funcionava o Coliseu. A falta de condições ia sobretudo das insuficientes saídas da geral e dos camarotes, à insalubridade verificada nos sanitários.

Nesse mesmo ano, a Vistoria realizada a 19 de Novembro ditava que as actividades no Coliseu deviam cessar, no prazo improrrogável de dois anos. Neste prazo devia ser apresentado um projecto para uma nova casa de espectáculos.

Dado o perigo que oferecia, os espectáculos teatrais já não podiam ter lugar naquele edifício. Porém, para não privar os Egitanenses do espectáculo, continuou activo até à construção do novo Cine-Teatro.

Ainda no ano de 1944, é constituída a sociedade Cine-Teatro da Guarda, Lda. Composta pelos “sócios Dr. António Simão Saraiva, Cândido Dias Lopes, Fernando dos Santos, José Ferreira da Paixão, Júlio Xavier e Manuel Conde”⁴⁷. A sua finalidade era a construção do novo Cine-Teatro da Guarda, que substitui e dita o definitivo encerramento do Coliseu, em Outubro de 1953⁴⁸.

O Cine-Teatro

Situado nas imediações do Coliseu da Beira, está implantado em gaveto⁴⁹, entre as Ruas Vasco da Gama e Dr. Francisco dos Prazeres, com frente para o Largo de S. João, (Fig.27).

Inaugurado a 4 de Julho de 1953 pela pela “Companhia de Teatro Amélia Rey Colaço - Robles Monteiro”, com as récitas “O Caso do Dia” do dramaturgo Ramada Curto, e “Essa Mulher” e “Ceia dos Cardeais” de Júlio Dantas.

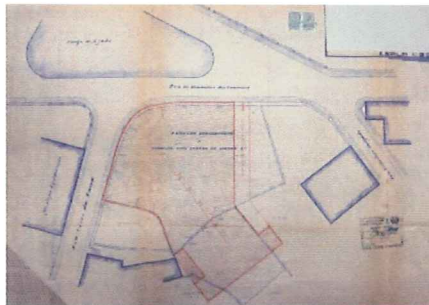


Fig. 27 - Cine-Teatro da Guarda. Planta de implantação. 1947. Arq. Manuel Lima Magalhães.

IGAC

⁴⁷ Ofício apresentado ao Inspector-Geral dos Espectáculos. 7 de Dezembro de 1944. Dossier do processo do Cine-Teatro da Guarda nº09.07.0001 da IGAC.

⁴⁸ Comunicação enviada pela Empresa Cine-Teatro da Guarda ao Inspector dos Espectáculos. 14 de Outubro de 1953. *Idem*.

⁴⁹ Esquina ou ângulo de uma construção. Por extensão, designa um edifício na esquina de uma rua. RODRIGUES, Maria João Madeira; SOUSA, Pedro Fialho de; BONIFÁCIO, Horácio Manuel Pereira. *Vocabulário técnico e crítico de arquitectura*. 3ª Edição. Coimbra: Quimera Editores, 2002. p.146.

Construído com os materiais da zona⁵⁰, o projecto do arquitecto Manuel Lima Magalhães (Fig.28), é constituído na fachada curva por uma varanda com três portas envidraçadas e, acima, fenestranças idênticas. Referem-se aos salões do primeiro e segundo balcões, respectivamente.



Fig. 28 - Cine-Teatro da Guarda. 1963.
<http://www.origens.pt/explorar/doc.php?id=2031>

A continuidade da fachada para cada uma das ruas é semelhante.

A fachada curva encontra-se delimitada por marcações verticais, em pedra, que distingue a entrada principal com idênticas marcações, mas de espessura inferior. De seguida e, em ambos os lados, surge um corpo envidraçado vertical que corresponde às escadarias laterais ao átrio.

Na Rua Vasco da Gama (à direita) e, entre uma das saídas do edifício e a entrada da geral situava-se o local destinado ao cartaz do dia. Acima encontram-se duas filas horizontais de envidraçados. A primeira revela o gabinete da gerência e a caixa de escadas da geral. A segunda refere-se ao corredor de ingresso no segundo balcão e à referida caixa de escadas.

Na Rua Dr. Francisco dos Prazeres repete-se a situação dos envidraçados horizontais. Porém, surge uma terceira fila num nível inferior, devido à inclinação da rua. Aqui, à esquerda, as quatro primeiras janelas referem-se ao bar, que se repete nos três pisos. As restantes correspondem à saída, ao vestiário e ao corredor da geral, respectivamente nos pisos térreo, um e dois.

Com duas entradas e duas saídas, o acesso principal, no gaveto em curva, possui um átrio exterior, com a bilheteira da plateia e do primeiro balcão.

A segunda entrada, situada na extensão da Rua Vasco da Gama, era destinada exclusivamente à entrada e saída para o segundo balcão, reservado à geral. Continha uma bilheteira destinada somente a esses lugares.

As duas saídas, além da destinada à geral, localizam-se em cada uma das ruas que formam o gaveto. A confinante com a saída da geral oferecia saída para a Rua Vasco da Gama, e a confinante com o café, para a Rua Dr. Francisco dos Prazeres (Fig.29).

⁵⁰ Memória descritiva do anteprojecto para o Cine-Teatro da Guarda. 25 de Novembro de 1947. Dossier do processo do Cine-Teatro da Guarda nº09.07.0001 da IGAC.

A Sala de Espectáculos apresenta-se de forma aproximadamente rectangular. Continha a plateia dividida em primeira, com 376, e segunda, com 132 lugares, primeiro e segundo balcões, com 234 e 236 lugares, respectivamente. O primeiro balcão possuía quatro frisas, com 16 lugares, perfazendo uma totalidade de 994 lugares⁵¹.

Com 21m de comprimento e 14m de largura junto ao fosso de orquestra, e 17m junto aos últimos lugares da plateia, tem quatro portas divididas pelas duas paredes laterais. Conferem acesso aos corredores laterais que a circunscrevem. Duas são destinadas à entrada para a primeira, e as outras duas para a segunda plateia.

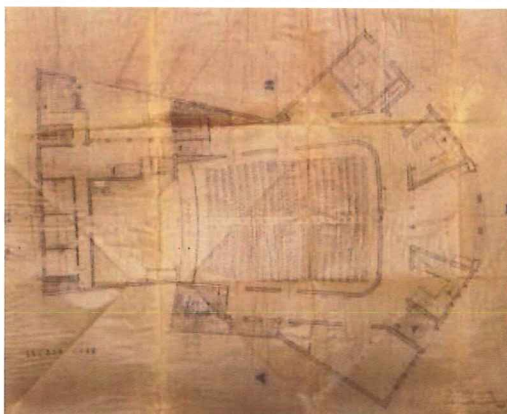


Fig. 29 - Cine-Teatro da Guarda. Planta ao nível da plateia. Projecto de 1953. Arq. Manuel Lima Magalhães.

IGAC

Os espaços destinados à cena dividem-se pelo sub-palco, palco e camarins.

O sub-palco era acedido exteriormente através da Rua Vasco da Gama, e interiormente por uma escada lateral ao palco, situada sob a cabine do electricista.

Neste nível acede-se ao fosso de orquestra e à caixa⁵², e situam-se os arrumos, a caldeira, o local de armazenamento de combustível e a casa do guarda.

O palco, com aproximadamente 10×10m, acedia-se exteriormente através da escada de acesso pela Rua Vasco da Gama, e interiormente pelo sub-palco e pelo corredor de acesso à plateia.

Nas suas laterais encontram-se as escadas de acesso à teia e as cabines do bombeiro e do electricista.

É encerrado por uma porta de ferro, posterior.

Comunica directamente com a primeira ordem de camarins (subdivididos em dois de grupo e vestiário dos músicos), com os sanitários do pessoal, o *foyer* e sanitários dos artistas e o acesso vertical, dispostos de forma linear e paralela à boca de cena.

⁵¹ Ofício nº 2996/ST, enviado ao Director Geral da Contribuições e dos Impostos a 24 de Outubro de 1953. *Idem*.

⁵² Local onde durante a realização do espectáculo, há uma pessoa que lê o texto em voz baixa, para auxiliar a memória dos actores, apenas visível por eles.

Ao nível do primeiro balcão está disposta a segunda ordem de camarins, especificada em três individuais e um de grupo.

O primeiro balcão (Fig.30) está, igualmente à plateia, circunscrito por dois corredores laterais. Permitem a entrada por ambos os lados e conferem acesso aos sanitários femininos e masculinos, situados em extremos opostos.

Em ambos os corredores verifica-se a existência de saguões que os iluminam.

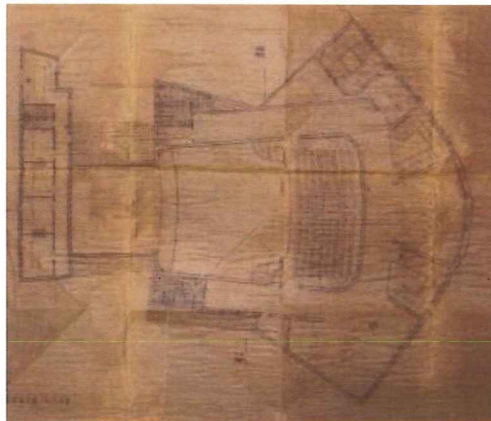


Fig. 30 - Cine-Teatro da Guarda. Planta ao nível do primeiro balcão. Projecto de 1953. Arq. Manuel Lima Magalhães.
IGAC

O segundo balcão (Fig.31), por se destinar às classes sociais mais desfavorecidas, é acedido unicamente pela entrada que lhe é reservada na Rua Vasco da Gama.

Semelhantemente ao balcão e à primeira plateia contém dois corredores, de menores dimensões do que os anteriores, que o circunscvem. Conferem a entrada por ambos os lados, e o acesso aos sanitários que, tal como no piso anterior, situam-se em extremos opostos.

Neste nível encontram-se as escadas de acesso à cabine de projecção, situada acima do segundo balcão, entre as de enrolamento e do bombeiro.

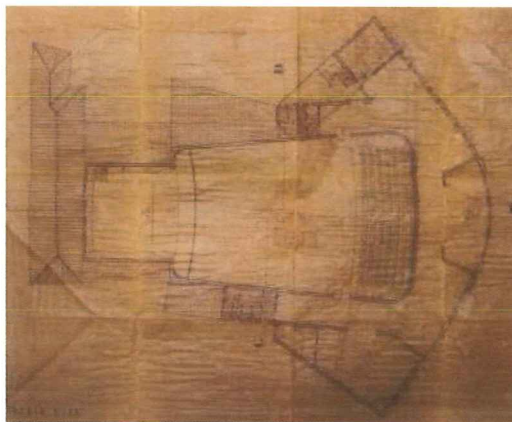


Fig. 31 - Cine-Teatro da Guarda. Planta ao nível do segundo balcão. Projecto de 1953. Arq. Manuel Lima Magalhães.
IGAC

As dificuldades e o encerramento

Dada a diminuição de público sentida em todos os tipos de espectáculo, e a dificuldade de deslocação das companhias teatrais e outras variedades às cidades província, em 1967 era feito um pedido de redução da lotação da Sala de Espectáculos⁵³ para as sessões cinematográficas, de modo a colmatar as despesas sofridas.

Foram fixadas duas lotações distintas⁵⁴. Para espectáculos cinematográficos verificava-se a lotação de 718 lugares, encerrando-se neste caso o segundo balcão, e para teatro e variedades de 980.

Mais tarde, com a continuada insustentabilidade do Cine-Teatro, a empresa proprietária aluga-o, em 1971, à Filmes Lusomundo, S.A.R.L. que dá continuidade à sua actividade.

Em meados dos anos 80, os gastos continuavam insuportáveis.

O edifício era considerando “grande demais, impossível de aquecer e desactualizado para o tipo de actividade (...)”⁵⁵. O incumprimento do contracto por parte da empresa exploradora e a falta de pagamento da renda⁵⁶, levaram os proprietários a mover uma acção judicial que em 1987 dita o seu definitivo encerramento⁵⁷.

As intenções de recuperação

Um ano após o encerramento do Cine-Teatro, não se verifica a compra do imóvel pela da Câmara Municipal devido à elevada quantia pedida.

Porém, em 1988 foi comprado por um particular⁵⁸, com a autorização da Direcção Geral dos Espectáculos e Direitos de Autor para adaptação a outra finalidade.

Nos anos 90, a “Sociedade de Empreendimentos Cine-Teatro da Guarda”, com gerência de Antero Cabral Marques, enquanto novo proprietário, apresentou à Câmara Municipal um projecto de recuperação. Pretendia o aumento de dois pisos no edifício para instalar vários estabelecimentos comerciais, consultórios médicos, escritórios e um Cine-

⁵³ Ofício nº16273 enviado pelo gerente do Cine-Teatro da Guarda ao Inspector Chefe dos Espectáculos. 17 de Junho de 1967. Dossier do processo do Cine-Teatro da Guarda nº09.07.0001 da IGAC.

⁵⁴ Ofício nº 87/I.E. enviado pelo Delegado Distrital Antero Martins de Lima Barroco ao Inspector-Chefe dos Espectáculos. 15 de Dezembro de 1967. *Idem*.

⁵⁵ Ofício nº256/84/SA/IS/IG. 14 de Abril de 1984. *Idem*.

⁵⁶ Memorandum “Cine-Teatro da Guarda”, p.2. Câmara Municipal da Guarda. 13 de Outubro de 1988. *Idem*.

⁵⁷ Ofício nº 8509/DAT/09.07.0001, enviado pelo Delegado Distrital Luís Gonçalves Monteiro Capelo ao Director Geral dos Espectáculos e Direitos de Autor. 17 de Dezembro de 1987. *Idem*.

⁵⁸ Ofício nº3665, enviado pelo Presidente da Câmara Municipal Abílio Aleixo Curto ao Chefe de Gabinete da Secretaria do Ministério da Cultura. 25 de Abril de 1988. *Idem*.

Estúdio⁵⁹. No entanto, este processo arrastou-se até ao final da década devido à infidelidade do projecto para com o traçado original do edifício⁶⁰.

Vários foram os projectos que se elaboraram de forma a dar continuidade à vida do Cine-Teatro. No entanto, o edifício permanece como em 1987, quando foi encerrado, com a particularidade de se encontrar cada vez mais degradado (Fig.32).



Fig. 32 - Cine-Teatro da guarda. Actualidade
Imagem do autor, Março de 2011

2.1.3 Cine-Teatro S. Luís - Pinhel (1968)

Teatro S. Luís - O antecessor do Cine-Teatro

O Cine-Teatro S. Luís teve como antecessor o Teatro com o mesmo nome.

O Teatro, juntamente com o tribunal, a cadeia, o Club Pinhelense e a Igreja ocuparam as antigas dependências do convento de Clarissas (Fig.33), que possui uma forma muito linear.

Os primeiros três, confinantes com a Rua António José D'Almeida e com a Travessa do Club, formam o Passeio 5 de Outubro, juntamente com o Club Pinhelense e a Igreja, que confinam com a Rua do Passeio (Fig.34).

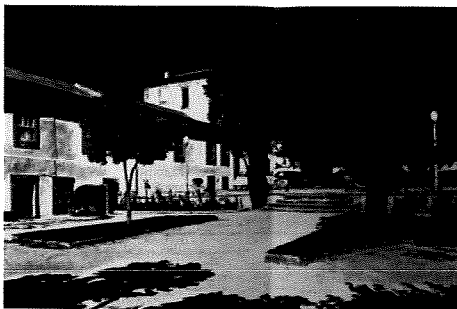


Fig. 33 - Convento de Clarissas. Sem data. IGAC

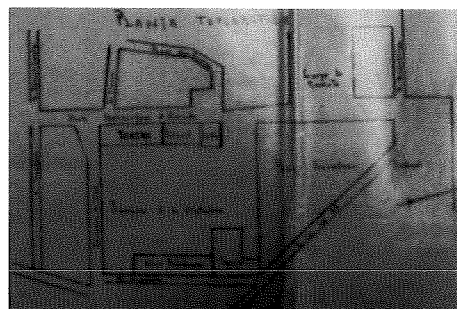


Fig. 34 - Teatro S. Luís. Planta topográfica.
Sem data. Sem referência ao autor.
IGAC

⁵⁹ Ofício nº1876/DAT/09.07.0001, enviado pelo Secretário do Governo Civil Vítor Ribeiro ao Director-Geral dos Espectáculos e do Direito de Autor. 4 de Abril de 1991. *Idem*.

⁶⁰ ADAIXO, Susana. "O Cine-Teatro já não mora aqui..." *Terras da Beira*, 2000: Edição on line.

Com referências que remontam a 1866, e sem conhecimento certo do autor do seu projecto, pertencia aos teatros do reino considerados públicos⁶¹.

O Teatro S. Luís tinha a sua planta definida num rectângulo de 11m×32m.

Possuía inicialmente 250 lugares num estado pouco digno. Mais tarde, tornou-se num teatro com melhores condições.

Com a curva da sala a formar um perfeito “U” (Fig.35), possuía uma ordem com 12 frisas, uma com 13 camarotes e uma varanda⁶² (Fig.36).

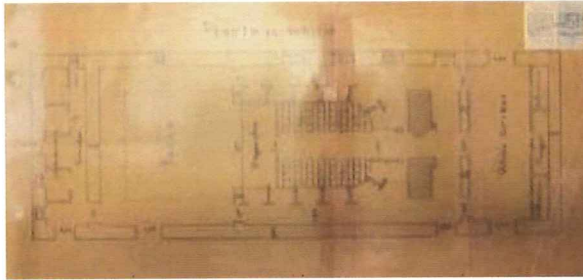


Fig. 35 - Teatro S. Luís. Planta ao nível da plateia. Projecto inicial. Sem data. Sem referência ao autor. IGAC

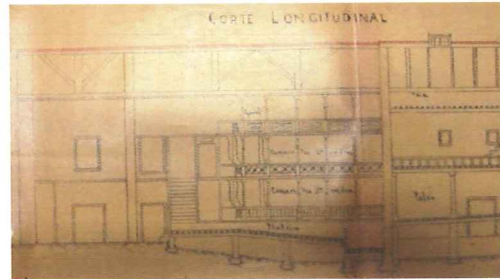


Fig. 36 - Teatro S. Luís. Corte longitudinal. Projecto inicial. Sem data. Sem referência ao autor. IGAC

Até ao início dos anos 40, os espectáculos de teatro e cinema tiveram lugar no Teatro S. Luís. Foi encerrado nesta altura, devido à falta de condições de higiene e segurança que apresentava.

Com o objectivo de dar continuidade aos espectáculos, o proprietário de uma garagem desta cidade, tornou-a no chamado “Salão Cinema”. Funcionava por norma aos domingos, sobretudo com exibições cinematográficas⁶³.

Este “Salão”, que não era considerado apropriado para o efeito, encerrou a 29 de Dezembro de 1956⁶⁴.

Para que a cidade não ficasse carenciada de um espaço destinado ao espectáculo, surgiu um grupo de Pinhelenses com o objectivo de reactivar o antigo teatro e torna-lo apto para receber sessões cinematográficas, passando a designar-se Cine-Teatro S. Luís⁶⁵.

Até ao final do século surgiram duas intervenções no Cine-Teatro.

⁶¹ CARNEIRO, Luís Soares. *Teatros Portugueses de Raiz Italiana*. Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, Porto, 2002.p.413.

⁶² *Idem*.

⁶³ Carta enviada por António Andrade Tenreiro ao Director da Inspeção Geral dos Espectáculos. 14 de Janeiro de 1947. Dossier do processo do Cine-Teatro S. Luís de Pinhel nº09.10.0001 da IGAC.

⁶⁴ Ofício nº 711 enviado pelo Delegado da Inspeção dos Espectáculos Armando Augusto Pires ao Inspector Chefe da Inspeção dos Espectáculos. 1 de Abril de 1960. *Idem*.

⁶⁵ Carta enviada por Luís Augusto das Neves ao Director Geral dos Espectáculos. 22 de Maio de 1947. *Idem*.

A primeira, em 1958, alterou drasticamente o seu interior.

A segunda, em 1997, introduziu-lhe algumas alterações que o melhoraram, e possibilitaram que passasse a ter uma actividade cultural constante.

Cine-Teatro S. Luís

As primeiras intervenções - 1958 e 1968

Devido ao estado de degradação em que o antigo teatro se encontrava, em 1958 são realizadas obras de remodelação e adaptação a salão de cinema.

Passava a denominar-se “Salão Recreativo da Casa do Povo” de Pinhel.

Foi inaugurado em Outubro de 1958⁶⁶ pelo “Grupo Cénico” da Casa do Povo de Pinhel, que representou três espectáculos teatrais.

No projecto do engenheiro civil Fernão Pereira, verificam-se grandes mudanças ao nível do interior (Fig.37) e, menos significativas no exterior.

Parte das referências da tradição italiana⁶⁷ foram suprimidas, nomeadamente a forma da sala em “U”, que passou a ser rectangular e provida de plateia com 126 lugares e balcão com 66⁶⁸.

Retirou-se uma janela correspondente à zona do palco, e duas das entradas da Sala de Espectáculo pelo *hall*.

Introduziu-se uma nova saída de emergência para a plateia, junto à boca de cena, com ligação directa ao exterior.

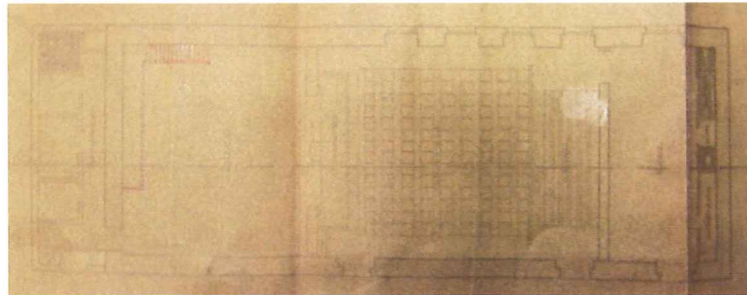


Fig. 37 - Salão Recreativo da Casa do Povo. Planta ao nível da plateia. Projecto de 1958. Eng.º Fernão Pereira.

IGAC

⁶⁶ Ofício nº 3275/58-S.T. enviado pelo Inspector Chefe dos Espectáculos Óscar de Freitas ao Delegado da Inspecção dos Espectáculos da Câmara Municipal de Pinhel. 28 de Outubro de 1958. *Idem*.

⁶⁷ “O resultado é a sala de planta curvilínea, levantada em várias ordens de camarotes, com a parte central ocupada por uma plateia diante da qual, ligeiramente elevado, estava o plano do palco, para lá do arco do proscénio que enquadrava os cenários”. CARNEIRO, Luís Soares. *Teatros Portugueses de Raiz Italiana*. Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, Porto, 2002. p.20.

⁶⁸ Memória Descritiva e Justificativa do projecto de remodelações do Cine-Teatro S. Luís de Pinhel. 23 de Julho de 1958. Dossier do processo do Cine-Teatro S. Luís de Pinhel nº09.10.0001 da IGAC.

Em 1968, o edifício é cedido à Liga de Amigos de Pinhel com a condição da realização de novas obras, indispensáveis ao seu funcionamento⁶⁹. Passa a denominar-se Cine-Teatro S. Luís.

Após as remodelações, o edifício ficou provido de 301 lugares, discriminados em 202 na plateia, 91 no balcão e 4 a 8 nas duas frisas⁷⁰.

As fachadas mantinham-se muito semelhantes ao seu aspecto primitivo, rebocadas e caiadas e com cantarias de granito.

Três das fachadas encontram-se voltadas para o exterior. Uma para a Travessa do Club e as outras para a Rua José D'Almeida e para o Passeio 5 de Outubro.

A voltada para a Travessa do Club é a mais pequena, com cerca de 11 m de comprimento (Fig.38). Esta fachada, onde se desenvolvem os camarins, era revestida exteriormente com chapa pintada. Através da sua configuração, é possível que seja um corpo anexo, construído posteriormente ao edifício (Fig.39). Apresenta uma totalidade de dez janelas muito semelhantes que constituem duas faixas horizontais, correspondendo cinco a cada piso. Possui ainda duas pequenas fenestrações pertencentes à cave.

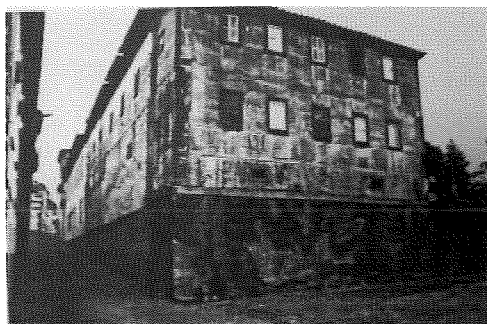


Fig. 38 - Cine-Teatro S. Luís. Alçado sobre a Travessa do Club. Fotografia de 1997.
IGAC



Fig. 39 - Cine-Teatro S. Luís. Corpo anexo e posterior ao edifício. Fotografia de 1997.
IGAC

A fachada voltada para a Rua António José D'Almeida (Fig.40) tem cerca de 36 m de comprimento.

O facto de se situar numa rua inclinada levou à remoção da sua única porta.

Revela uma disparidade entre as suas janelas. Surgem quatro casos que se podem diferenciar pelos seus diferentes formatos e dimensões.

No primeiro caso existem duas janelas no piso térreo e três no piso superior. A primeira do piso térreo e as três do piso superior pertencem ao tribunal, pelo que não

⁶⁹ Carta com entrada na Inspecção dos Espectáculos nº 7859, enviada pela Direcção da Liga dos Amigos de Pinhel ao Inspector Chefe dos Espectáculos. 4 de Abril de 1968. *Idem*.

⁷⁰ Auto de Vistoria realizado a 7 de Abril de 1968. *Idem*.

correspondem ao Cine-Teatro, tal como se pode verificar no corte apresentado (Fig.41). A restante, situada no piso 0 corresponde ao átrio de entrada.

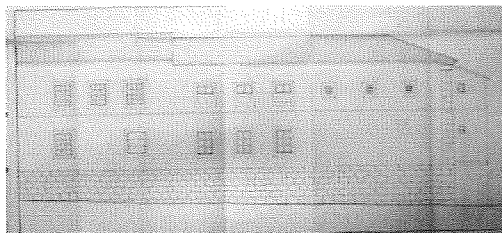


Fig. 40 - Cine-Teatro S. Luís. Alçado voltado para a Rua António José D'Almeida. Levantamento do projecto da intervenção de 1968. Arq. João Rafael. IGAC

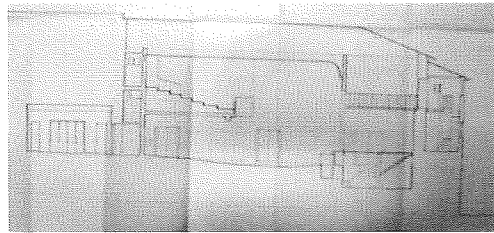


Fig. 41 - Cine-Teatro S. Luís. Corte longitudinal. Levantamento do projecto da intervenção de 1968. Arq. João Rafael. IGAC

O segundo é composto por seis janelas cada. No piso térreo correspondem à plateia, e no piso superior ao primeiro balcão.

No terceiro caso surge uma pequena fenestração que nos desenhos ao nível do piso térreo não encontra correspondência. No piso superior existem três, em que apenas a última possui relação com os desenhos, situando-se ao nível da varanda do palco.

Por último, as duas pequenas fenestrações correspondem às duas ordens de camarins.

Na fachada principal, voltada para o Passeio 5 de Outubro, desenvolvem-se as entradas e saídas do edifício (Fig.42).

A primeira e segunda porta destinam-se à entrada de serviço. Uma para os camarins e a outra para o palco, respectivamente.

A terceira e quarta reservam-se à saída de emergência da plateia.

A última porta reserva-se à entrada principal, pouco evidenciada em relação às restantes (Fig.43).

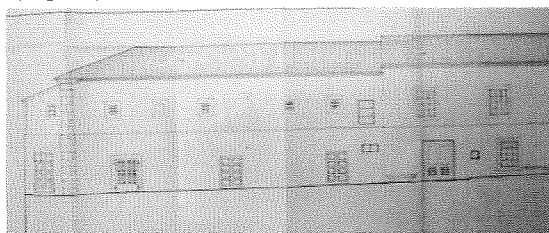


Fig. 42 - Cine-Teatro S. Luís. Alçado sobre o Passeio 5 de Outubro. Levantamento do projecto da intervenção de 1968. Arq. João Rafael. IGAC

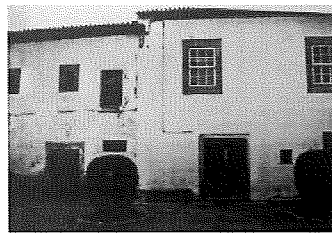


Fig. 43 - Cine-Teatro S. Luís. Entrada principal pouco evidenciada. Fotografia de 1997. IGAC

Os envidraçados também apresentam uma configuração muito díspar entre si.

A primeira fenestração, de pequenas dimensões, corresponde ao corpo de camarins.

De seguida encontram-se cinco, intercaladas por uma consideravelmente maior que não encontra correspondência nos desenhos ao nível do balcão. Segue-se uma desalinhada em relação às anteriores, que corresponde à escadaria de acesso ao balcão.

Por fim, encontram-se duas maiores sobre o átrio de entrada, que pertencer ao tribunal.

Interiormente, o edifício divide-se em três espaços distintos. O destinado à entrada, a Sala de Espectáculos e o espaço técnico de cena (Fig.44).

A zona de entrada engloba um *foyer* de forma rectangular e de pequenas dimensões. Confinada com a bilheteira que comunica com sanitários masculinos e femininos, que por se situarem sob a escadaria de acesso ao balcão possuem pé direito inferior a 2m.

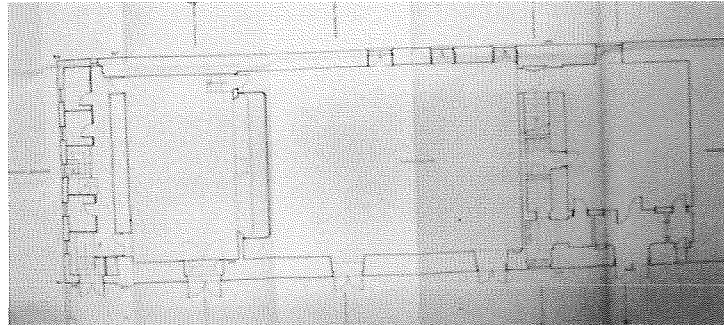


Fig. 44 - Cine-Teatro S. Luís. Planta ao nível da plateia. Levantamento do projecto da intervenção de 1968. Arq. João Rafael.
IGAC

A Sala de Espectáculos (Fig.45) revela-se o espaço de maiores dimensões do edifício. Nela ingressa-se através de uma porta situada em posição oposta ao palco, que comunica com o *foyer* (Fig.46).

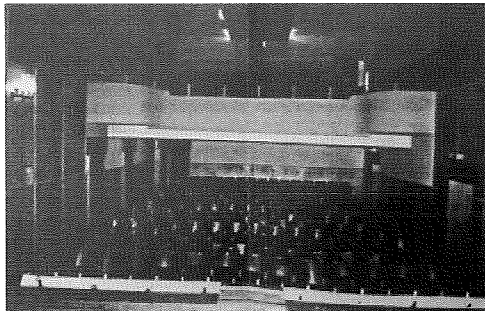


Fig. 45 - Cine-Teatro S. Luís. Sala de Espectáculos. Fotografia de 1997.
IGAC

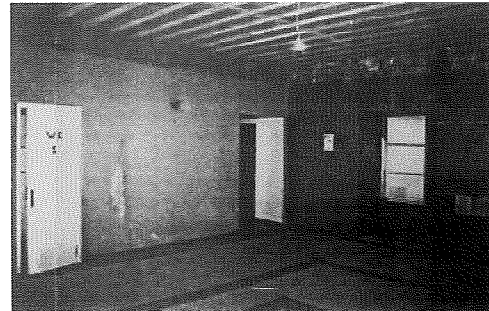


Fig. 46 - Cine-Teatro S. Luís. Foyer. Ao fundo a porta de ingresso na plateia. Fotografia de 1997.
IGAC

Por fim surge a zona técnica dedicada à cena.

Engloba o fosso de orquestra e a caixa, o palco com 8x9,5 m e a zona de camarins, repartida pelos dois pisos que constituem o edifício.

Ao fosso de orquestra (Fig.47), e à caixa acedia-se pela cave, que por sua vez tinha acesso pela zona de camarins.

O palco podia aceder-se lateralmente através da plateia. Comunicava posteriormente com os camarins através de duas portas situadas em extremos opostos.

A zona de camarins é constituída por 3 femininos no piso térreo e 4 masculinos no piso superior.

O acesso às cabines de projecção e tradução, sem entrada independente, é feito exclusivamente pelo interior balcão com apenas uma entrada (Fig.48).

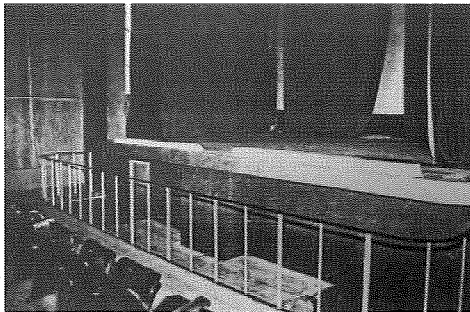


Fig. 47 - Cine-Teatro S. Luís. Fosso de orquestra. Fotografia de 1997.
IGAC

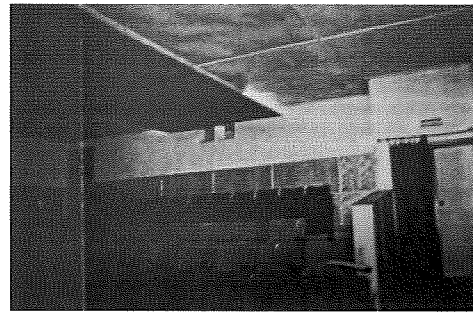


Fig. 48 - Cine-Teatro S. Luís. Balcão com a única entrada do lado direito. Do esquerdo o acesso às cabines de projecção e tradução. Fotografia de 1997.
IGAC

A segunda intervenção - 1997

Esta intervenção, com projecto do arquitecto João Rafael e iniciativa da Câmara Municipal e do Centro Cultural e Social da Paróquia de Pinhel revela-se um pouco por todo o edifício.

Uma vez que a configuração do Cine-Teatro era uma premissa que tinha que ser respeitada, poucas foram as alterações nesse aspecto. Este projecto visou fundamentalmente o melhoramento das condições de funcionamento e de conforto em que o Cine-Teatro se encontrava.

Passou sobretudo pela manutenção de umas e reestruturação de outras características do edifício. Nomeadamente a conservação do balcão, marcação e dignificação da entrada, criação de acesso independente do balcão e remodelação do corpo dos camarins.

Ao nível do alçado, a alteração mais evidente foi a da fachada voltada para a Travessa do Club (Fig.49), pertencente ao corpo de camarins, que sofreu alterações na sua configuração.

Apresenta-se curva e revestida com placas de granito amarelo bujardado.

Mantém as duas entradas posteriores para o palco, e permite a existência de uma entrada pelo exterior para a cave.

Possui uma janela de consideráveis dimensões ao nível do palco onde se situa o átrio de ingresso no mesmo.

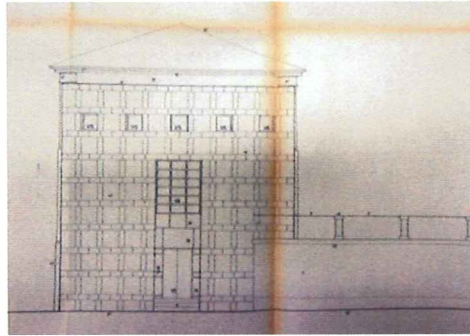


Fig. 49 - Cine-Teatro S. Luís. Nova configuração do Alçado sobre a Travessa do Club.
Projecto de execução. 1997. Arq. João Rafael.
IGAC

As outras fachadas mantêm a mesma configuração, com excepção da voltada para o Passeio 5 de Outubro. Aqui retiraram-se duas pequenas fenestrações e evidenciou-se a entrada, com a utilização de uma moldura de granito amarelo bujardado envolta da porta (Fig.50).

Interiormente sofreu alterações na configuração do corpo de camarins, no palco, na boca de cena, na zona de entrada e no balcão.

Tal como a Sala de Espectáculos (Fig.51), nos restantes espaços foram melhoradas as suas condições de funcionamento e conforto.

A lotação do Cine-Teatro foi reduzida. Constan agora 137 lugares na plateia e 44 no balcão, perfazendo um total de 181.



Fig. 50 - Cine-Teatro S. Luís. Entrada principal evidenciada. Fotografia de 2011.
<http://www.cm-pinhel.pt/falcaoempresamunicipal/cine-teatro/Paginas/default.aspx>.



Fig. 51 - Cine-Teatro S. Luís. Sala de Espectáculos renovada. Fotografia de 2011.
<http://www.cm-pinhel.pt/falcaoempresamunicipal/cine-teatro/Paginas/default.aspx>.

Os camarins passaram a situar-se na cave (Fig.52) e no piso 1. Na zona intermédia a estas, no piso térreo (Fig.53), localiza-se agora a um átrio de circulação e descanso dos artistas, com as antigas cadeiras da plateia que foram recuperadas.

Na impossibilidade de aumentar o palco nas laterais, foi aumentado apenas em profundidade no sentido da plateia, onde se ocupou o espaço do antigo fosso de orquestra e do corpo de camarins que implicou a remoção da parede de alvenaria existente.

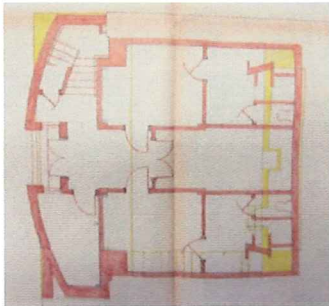


Fig. 52 - Cine-Teatro S. Luís. Planta ao nível da cave. Projecto de execução. Vermelhos e amarelos. 1997. Arq. João Rafael.

IGAC

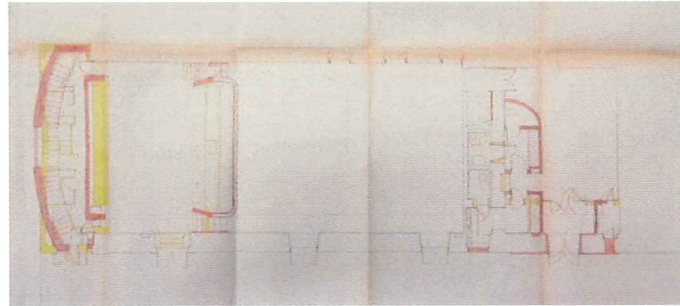


Fig. 53- Cine-Teatro S. Luís. Planta ao nível da plateia. Projecto de execução. Vermelhos e amarelos. 1997. Arq. João Rafael.

IGAC

A boca de cena (Fig.54) foi demolida devido ao seu desenquadramento com as necessidades actuais do auditório.

A configuração da actual (Fig.55) considerou a acústica da Sala de Espectáculos, o que anteriormente não se verificava.



Fig. 54 - Cine-Teatro S. Luís. Boca de cena demolida. Aspecto até 1997.

IGAC

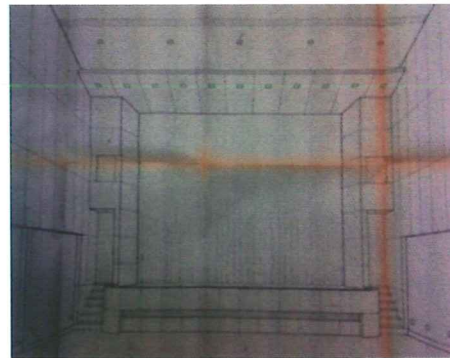


Fig. 55 - Cine-Teatro S. Luís. Perspectiva da nova boca de cena. Projecto execução.1997. Arq. João Rafael.

IGAC

Na zona da entrada, as alterações efectuadas dizem respeito sobretudo à ligeira modificação e ampliação dos sanitários aí existentes, o que prejudicou de certa forma as dimensões do *foyer*, reduzindo-o.

Por fim, ao nível do balcão (Fig. 56) foram ampliadas as cabines de projecção e de tradução, para as quais se instalou uma entrada independente do balcão.

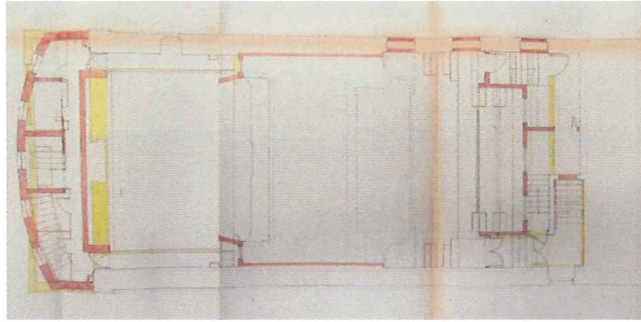


Fig. 56 - Cine-Teatro S. Luís. Planta ao nível do balcão. Projecto de execução. Vermelhos e amarelos. 1997. Arq. João Rafael.
IGAC

ACTUALIDADE

Depois de remodelado em 1997, e promovido pela Câmara Municipal de Pinhel juntamente com a “Empresa Municipal Falcão Cultura Turismo e Tempos Livres”, passou a ser palco de uma constante actividade.

Este espaço encontra-se capaz de receber vários tipos de espectáculo, tais como cinema, teatro, música e dança, sendo ainda o local eleito para outros acontecimentos como colóquios, seminários e conferências.

2.1.4 - Cine-Teatro Jardim - Seia (1984)

Antecedentes ao Cine-Teatro Jardim

Considerando que o auge da construção dos equipamentos dedicados ao cinema no século XX decorreu por volta dos anos 50 a 70, o Cine-Teatro Jardim surge numa época tardia em relação aos restantes casos aqui apresentados.

Contudo, no que respeita ao seu programa arquitectónico, é possível inseri-lo na mesma realidade.

Sem encontrar referências a outros espaços culturais anteriores ao Cine-Teatro Jardim e, considerando o ano da sua construção, em comparação aos outros casos apresentados, é possível que também aqui tivesse existido um espaço dedicado ao cinema. Porém estes espaços primitivos eram muitas vezes barracões que não eram dignos das mínimas condições de funcionamento.

De forma a colmatar esta possível situação, ou até mesmo a inexistência de um espaço digno para o espectáculo, a Câmara Municipal toma a iniciativa de construir um recinto com capacidade para várias modalidades de entretenimento, designando-o Cine-Teatro Jardim.

Cine-Teatro Jardim

Implantado numa posição bastante central, encontra-se rodeado por um conjunto urbano que define juntamente com a Câmara Municipal e o Palácio da Justiça. Localiza-se no Jardim das Magnólias, situado na Avenida Luís Vaz de Camões, do qual manteve memória após a construção.

Inaugurado em Maio de 1984, o projecto elaborado pelo Gabinete de Estudos Técnicos da Câmara Municipal de Seia define-se numa forma aproximadamente rectangular, em que duas das suas faces são completamente irregulares (Fig.57).

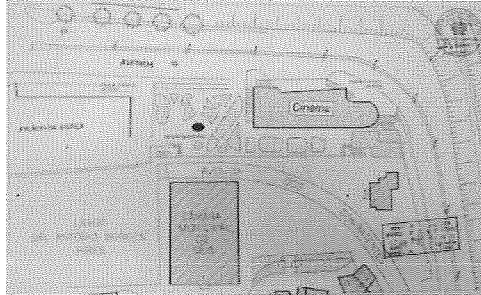


Fig. 57 - Cine-Teatro Jardim da Casa Municipal da Cultura de Seia. Planta de implantação. Projecto de segurança contra incêndios. 2007. Câmara Municipal de Seia. IGAC

O local de implantação do edifício revela uma inclinação acentuada, com uma diferença de cerca de dez metros entre a cota mais baixa e a mais alta⁷¹. Assim, inicialmente surgiu com apenas um piso, o que permitiu a existência de um terraço ao nível do jardim.

A fachada voltada a Norte para a Avenida Luís Vaz de Camões (Fig.58), apresentava uma multiplicidade de entradas e saídas ao longo da rua. Através das suas fenestrações é possível diferenciar os espaços que constituem o edifício.

Surgem inicialmente duas zonas mais abertas ao exterior, onde se encontra a bilheteira com o *hall* de acesso e o *foyer* da plateia, que se apresenta numa forma circular.

De forma a contrariar um pouco estas aberturas para o exterior, a cabine de projecção e a Sala de Espectáculos evidenciam uma fachada cega, onde apenas estão presentes as saídas de emergência das mesmas.

Por fim surge um envidraçado de pequenas dimensões que corresponde ao *hall* da zona técnica e camarins.

⁷¹ Planta de localização do Cine-Teatro Jardim de Seia - Projecto de Remodelação do Salão das Magnólias, folha 1. Julho de 1992. Dossier do processo do Cine-Teatro Jardim de Seia nº09.12.0022 da IGAC.

As fachadas a Sul e a Poente encontravam-se enterradas. Restava a voltada a Nascente (Fig.59).

Esta fachada apresenta-se irregular. É constituída por uma parte curva onde se destacam as duas faixas horizontais de envidraçados, que correspondem ao *foyer*.

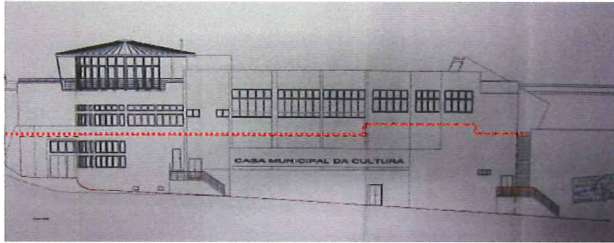


Fig. 58 - Cine-Teatro Jardim da Casa Municipal da Cultura de Seia. Alçado Nascente. Projecto de obras de alteração. 2009. Arq. Miguel Krippahl. Assinala-se abaixo da linha vermelha a construção inicial e acima a posterior ampliação. IGAC

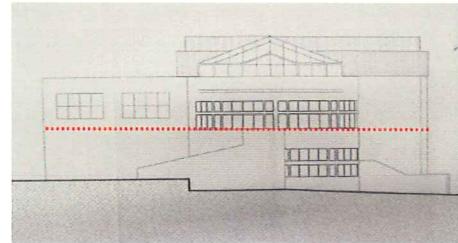


Fig. 59 - Cine-Teatro Jardim da Casa Municipal da Cultura de Seia. Alçado Norte. Projecto de obras de alteração. 2009. Arq. Miguel Krippahl. Assinala-se abaixo da linha vermelha a construção inicial e acima a posterior

A diferença de cotas existente obrigava a que a maioria dos acessos se fizesse através da Avenida Luís Vaz de Camões. Verifica-se a existência de cinco portas, distribuídas consoante a função e a organização interna do edifício (Fig.60).

No extremo esquerdo, verifica-se o acesso principal com um átrio exterior, onde se encontra a bilheteira e a entrada para o *hall* de acesso ao *foyer* circular.

De seguida, surgem a saída de emergência da cabine de projecção e as da plateia. As duas primeiras partilham uma escadaria exterior que se torna obrigatória pelo desnível da rua. Uma vez que a plateia também se encontra inclinada, a porta da saída de emergência situada junto à boca de cena coincide com o nível da rua.

Por fim, e através de uma escadaria exterior, surge a entrada de serviço, destinada aos funcionários e artistas, com acesso à zona do palco e camarins.

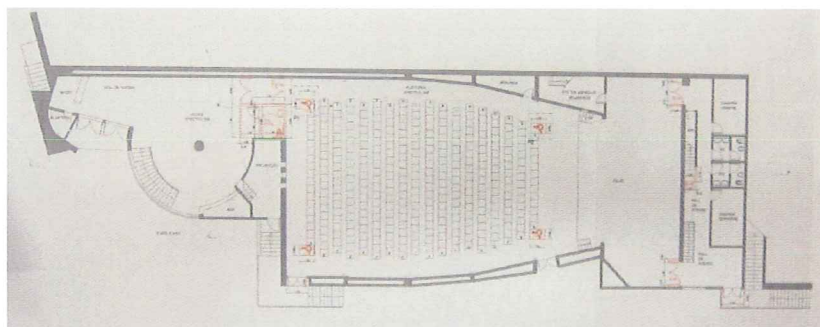


Fig. 60 - Cine-Teatro Jardim da Casa Municipal da Cultura de Seia. Planta no nível da plateia. Projecto de obras de alteração. 2009. Arq. Miguel Krippahl. IGAC

A Sala de Espectáculo tem lotação de 365 lugares e acede-se principalmente pelo *foyer*. Possui uma forma aproximadamente rectangular até meio da sala, tornando-se, a partir daí, afunilada até à boca de cena.

À cena destinavam-se o palco e a zona de camarins.

O palco, com aproximadamente 9×7m, possui na lateral enterrada a cabine do bombeiro. Comunica com o *hall* da zona técnica através de duas portas situadas ao fundo e em extremos opostos. Uma vez que não existe sub-palco, a cave é reservada para arrumos.

O corpo de camarins situa-se paralelamente ao fundo do palco.

Possui quatro camarins dispostos em dois pisos e, em ambos os casos, entre eles situava-se os sanitários dos artistas.

Nova nomenclatura, Cine-Teatro Jardim da Casa Municipal da Cultura

Em 1995 o edifício deixava de se reservar apenas ao cinema e teatro e passava a ter outras valências, para as quais se realizaram obras de ampliação.

Após algumas alterações de denominação, desde Salão Magnólia e Salão Congresso passava a denominar-se Casa Municipal da Cultura.

O projecto visou sobretudo a polivalência deste edifício. Adicionou-lhe um piso ao nível superior, que permitiu a continuidade das fachadas anteriormente enterradas.

Exteriormente, no rematar da fachada principal surgiu uma escadaria confinante com o jardim, que confere acesso ao piso superior.

Voltado para o jardim, surge o alçado poente (Fig.61). Com uma porta e um envidraçado de consideráveis dimensões, reflectem a entrada principal deste piso e a sala de reuniões (Fig.62), respectivamente.

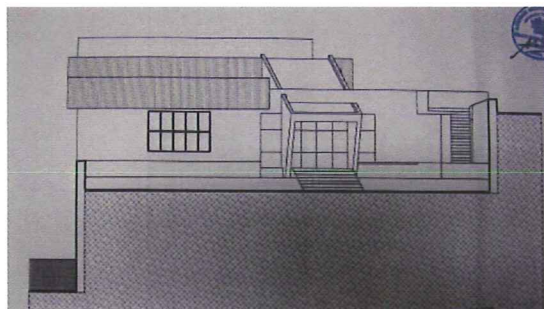


Fig. 61 - Cine-Teatro Jardim da Casa Municipal da Cultura de Seia. Alçado Poente. Projecto de segurança contra incêndios. 2007. Câmara Municipal de Seia.

IGAC



Fig. 62 - Cine-Teatro Jardim da Casa Municipal da Cultura de Seia. Sala de reuniões.

Imagem do autor.
Março de 2011

No prolongamento do edifício, surge o alçado sul.

Possui envidraçados em toda a sua extensão que correspondem às galerias de exposição (Fig.63), com apenas uma entrada localizada no extremo da fachada.

Esta confere o acesso à recepção, à loja Ponto Já, ao espaço internet situado na fachada curva sobre o *foyer* da plateia, à sala de arrumos e aos sanitários.



Fig. 63 - Cine-Teatro Jardim da Casa Municipal da Cultura de Seia. Galerias de exposição.

Imagem do autor. Março de 2011.

Por outro lado, na fachada voltada a norte (Fig. 64), o novo piso criado contrasta com o existente em termos de aberturas para o exterior.

O existente, por se destinar à Sala de Espectáculos, encontra-se sem aberturas, expondo apenas as saídas de emergência.

Pelo contrário, o piso superior contém uma série horizontal de envidraçados em toda a extensão da fachada.

Este conjunto de envidraçados apresenta dimensões diferentes consoante os espaços interiores. Na fachada curva encontra-se o espaço internet (Fig.65). Seguem-se os espaços de arrumos, com aberturas de pequenas dimensões e, de seguida, com envidraçados de grandes dimensões, o corredor de ingresso nas salas de tradução. Os últimos dois envidraçados pertencem ao *foyer* do auditório.



Fig. 64 - Cine-Teatro Jardim da Casa Municipal da Cultura de Seia. Fachada voltada a Norte. Contraste entre a ampliação e o existente revestido a pedra.

<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=783880>



Fig. 65 - Cine-Teatro Jardim da Casa Municipal da Cultura de Seia. Espaço internet.

Imagem do autor. Março de 2011.

Interiormente, entre as salas de tradução voltadas a Norte e as galerias de exposição, voltadas a Sul, encontra-se um auditório com capacidade para cerca de 150 pessoas, com duas salas para efeitos especiais.

Actualidade

Recentemente, em 2009, a IGAC impôs novas necessidades a este tipo de edifícios, nomeadamente a adaptação à lei das acessibilidades.

Interiormente, no *foyer* existente (Fig.66) foram feitas alterações de modo a serem criados sanitários acessíveis.

O mesmo se passou na Sala de Espectáculos. Diminuiu-se a sua lotação para 348 lugares⁷², de modo a criar quatro lugares acessíveis, dispostos nos extremos da plateia.

Actualmente, o cinema é a actividade principal da Casa da Cultura.

Realizam-se sessões cinematográficas pelo menos aos fins-de-semana e, anualmente, é palco do festival internacional de cinema, CineEco.

Dada a polivalência do espaço também recebe concertos, festivais, peças de teatro, reuniões e conferências, apoiadas pelo auditório.

O edifício encontra-se ainda em remodelações.

Na fachada curva voltada a nascente (Fig.67), verifica-se a existência de um espaço amplo construído em metal preto e vidro, com uma varanda, onde se prevê a instalação de uma sala de chá ou café concerto.



Fig. 66 - Cine-Teatro Jardim da Casa Municipal da Cultura de Seia. Foyer da plateia.

Imagem do autor. Março de 2011.



Fig. 67 - Cine-Teatro Jardim da Casa Municipal da Cultura de Seia. Fachada curva voltada a nascente. Evidência da construção em metal preto e vidro.

Imagem do autor. Março de 2011.

⁷² Alvará de licença de recinto nº70/2010. 26 de Novembro de 2010. *Idem*.

2.2 - O DISTRITO DE CASTELO BRANCO

2.2.1 - Cine-Teatro Avenida - Idanha-a-Nova (1953 - 1987)

O barracão de cinema

As intenções de criação de um espaço para representações cinematográficas remontam aos anos 30.

O lugar para a sua implantação encontrava-se rodeado de habitações e de um campo de ténis, que mais tarde se tornaria no Jardim Público de Idanha-a-Nova (Fig.68).

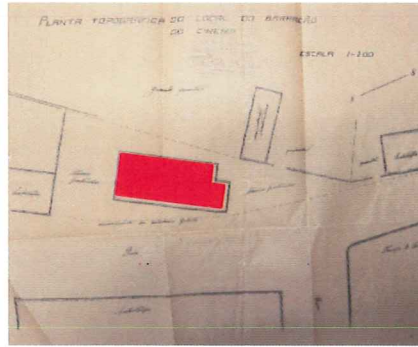


Fig. 68 - Avenida Cinema de Idanha-a-Nova. Planta topográfica. 1933. Sem referência ao autor.

IGAC

Desconhecendo-se o autor dos desenhos, foi construído, em 1933, o Avenida Cinema (Fig. 69, 70), por iniciativa de Cristiano Pereira Barata e Bernardo Castilho, com lotação de 291 lugares⁷³.

Este recinto não passava de um barracão desmontável com estrutura em madeira de pinho, revestido por chapas de ferro galvanizado onduladas⁷⁴.

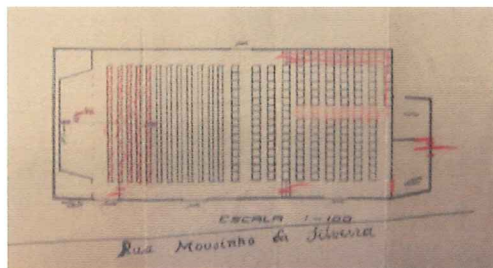


Fig. 69 - Avenida Cinema de Idanha-a-Nova. Planta da plateia. 1933. Sem referência ao autor.

IGAC

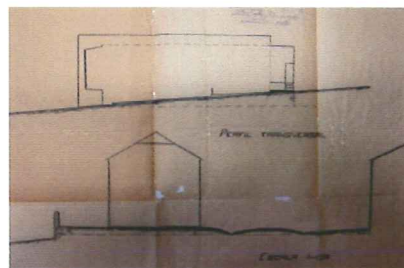


Fig. 70 - Avenida Cinema de Idanha-a-Nova. Perfil longitudinal e transversal. 1933. Sem referência ao autor.

IGAC

⁷³ Informação: Encerramento do Avenida Cine de Idanha-a-Nova, p.5. Dossier do processo do Cine-Teatro Avenida de Idanha-a-Nova nº05.05.0015 da IGAC.

⁷⁴ Memória descritiva e justificativa do projecto do barracão de cinema. 27 de Fevereiro de 1933. *Idem*.

Devido às precárias condições de segurança em que funcionava, esteve fechado por volta de 1940 durante um ano⁷⁵. Porém, e já propriedade de José Pombo Duarte volta à actividade após o cumprimento das cláusulas impostas pela comissão de vistoria.

Observavam-se várias falhas ao nível dos requisitos fundamentais para o funcionamento do cinema. Os materiais com que era construído, a inexistência do depósito de água e de portas como a da cabine, levou a que fossem exigidas melhorias nesta construção, ou, preferivelmente, a construção de um novo espaço destinado ao espectáculo⁷⁶.

A morosa construção

Dadas as condições precárias em que o Avenida Cinema funcionava, foram vários os particulares com intenções de construir o novo Cine-Teatro.

Em Janeiro de 1945, o empresário João Barroso Júnior, residente no concelho de Abrantes⁷⁷, disponibiliza-se para proceder à construção da nova casa de espectáculos.

Após o conhecimento desta intenção, o proprietário do Avenida Cinema planeia remodelar do antigo espaço ou, no caso de lhe ser concedido um terreno pela Câmara Municipal, construir um novo⁷⁸.

As intenções do proprietário verificavam-se.

Contudo, o projecto do novo recinto só dava entrada na Câmara em Fevereiro de 1949⁷⁹. Enquanto isso, as sessões cinematográficas continuavam a verificar-se no Avenida Cinema, desprovido de quaisquer condições, das quais a Vila se envergonhava⁸⁰.

Em Novembro de 1951 é aprovado um novo projecto para o recinto, em detrimento do apreciado anteriormente.

Apenas em Julho de 1952 são, vagarosamente iniciadas as obras de terraplanagens do terreno, que terminam em Dezembro de 1953.

Uma vez que as obras de edificação não se verificavam, e o proprietário continuava a apresentar novas alterações ao projecto inicial, com sucessivos adiamentos para a sua edificação, em Julho de 1953 são indeferidas as prorrogações dos prazos requeridos por José Pombo Duarte⁸¹.

⁷⁵ Requerimento para a realização de vistoria ao Cinema Cristiano e Castilho. 1 de Junho de 1940,. *Idem*.

⁷⁶ Relatório de vistoria feito ao Cinema Cristiano e Castilho. 14 de Fevereiro de 1934. *Idem*.

⁷⁷ Carta enviada por João Barroso Júnior ao Inspector dos Espectáculos. 23 de Janeiro de 1945. *Idem*.

⁷⁸ Informação: Encerramento do Avenida Cine de Idanha-a-Nova, p.15. *Idem*.

⁷⁹ *Idem*. p.6.

⁸⁰ *Idem*. p.10.

⁸¹ *Idem*. p.13.

Com toda a demora envolta da construção do espaço, ainda no mesmo mês, António Folgado da Silveira, requer autorização para a construção do referido recinto. Posto isto, José Pombo Duarte compromete-se a iniciar as obras no prazo de 10 dias, que se prolongaram por largos anos⁸².

O Cine-Teatro

O Cine-Teatro Avenida surgia nas imediações do Avenida Cinema, implantado em gaveto, com frente para o Jardim público (Fig.71), entre os quais se localiza a Estrada Nacional nº 353.

Visando o sentido de expansão da vida, esta localização foi posteriormente considerada pouco favorável⁸³, pois não se considerava um lugar central.

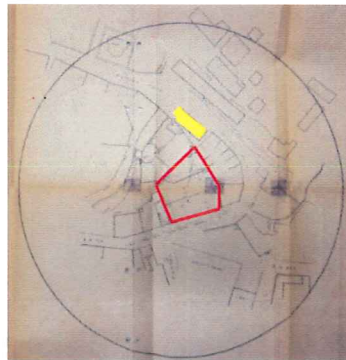


Fig. 71 - Cine-Teatro Avenida de Idanha-a-Nova. Planta de implantação. 1949. Tec. Eng^a. Civil João Manuel D'Oliveira.
A amarelo o barracão do Avenida Cinema e a vermelho o local do novo Cine-Teatro.
IGAC

Após 30 anos de construção foi inaugurado a 8 de Maio de 1977.

Construído em betão armado e pontualmente revestido com blocos de granito, o projecto do técnico de engenharia civil João Manuel D'Oliveira, é constituído exteriormente por duas fachadas de dimensões distintas.

A fachada principal (Fig.72), voltada para o Jardim Público é a mais pequena.

Revestida com placas de granito, possui duas reentrâncias para colocação do cartaz do dia, entre as quais se situam as três portas que conferem o acesso ao *hall* de entrada.

Os três envidraçados ao nível do balcão conferem o acesso à varanda.

Acima destes surgem quatro marcações verticais, em pedra, intercaladas por três reentrâncias de forma aproximadamente pentagonal.

⁸² *Idem.* p.14.

⁸³ Ofício nº1073, enviado pelo Engenheiro Chefe de Repartição de Estudos e Urbanização ao Inspector Chefe dos Espectáculos. 23 de Maio de 1951. *Idem.*

Os desenhos existentes não se encontram totalmente de acordo com o edificado. No topo desta fachada deveriam encontrar-se três óculos⁸⁴ sob a designação do edifício (Fig.73), em vez das referidas reentrâncias pentagonais. O que não se verifica.

O gaveto formado pela união das duas fachadas é caracterizado dois envidraçados e uma porta no piso 0, e três envidraçados no piso um.

Contudo, os desenhos revelam que no piso 0 deveriam constar três envidraçados.



Fig. 72 - Cine-Teatro Avenida de Idanha-a-Nova. Fachada principal. Imagem do autor. Dezembro de 2010.

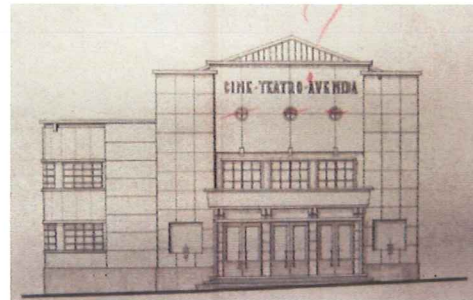


Fig. 73 - Cine-Teatro Avenida de Idanha-a-Nova. Alçado principal. 1951. Tec. Eng^a. Civil João Manuel D'Oliveira. IGAC

Os envidraçados do alçado lateral esquerdo (Fig.74), sugerem a divisão do espaço interior em três funcionalidades distintas.

No primeiro caso pertencem às salas de fumo da plateia e do balcão, respectivamente no piso 0 e no piso 1. Contudo não correspondem à actualidade, em que se verifica um estabelecimento comercial no piso 0. (Fig.75).

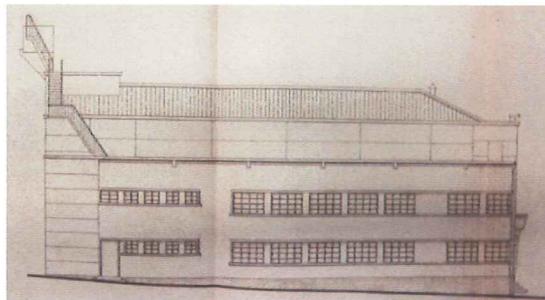


Fig. 74 - Cine-Teatro Avenida de Idanha-a-Nova. Alçado lateral esquerdo. 1951. Tec. Eng^a. Civil João Manuel D'Oliveira. IGAC



Fig. 75 - Cine-Teatro Avenida de Idanha-a-Nova. Fachada lateral esquerda. Estabelecimento comercial. Imagem do autor. Dezembro de 2010.

De seguida, as dez janelas correspondem aos *foyers* da plateia e do balcão.

⁸⁴ Abertura circular, oval ou moldurada, aberta numa parede de um edifício para ventilação ou iluminação do interior. RODRIGUES, Maria João Madeira, SOUSA, Pedro Fialho de, e BONIFÁCIO, Horácio Manuel Pereira. *Vocabulário técnico e crítico de arquitectura*. 3ª Edição.p.201

Por fim surge uma porta e um conjunto de nove envidraçados de menores dimensões que correspondem ao corpo de camarins.

O edifício possui apenas dois pontos que servem as entradas e saídas (Fig.76).

Na fachada voltada para o Jardim Público encontra-se a entrada principal, com duas bilheteiras nas suas laterais. Confere acesso ao vestíbulo que comunica directamente com a sala de fumo e o *foyer* com bar, onde se encontram os sanitários masculinos.

No vestíbulo encontram-se o bengaleiro, a escada de acesso aos pisos superiores e a entrada para a plateia.

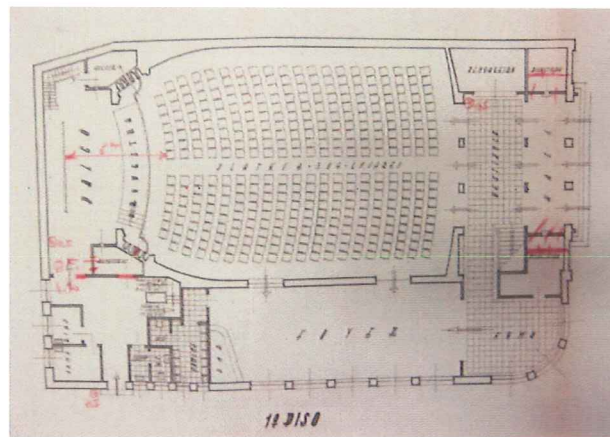


Fig. 76 - Cine-Teatro Avenida de Idanha-a-Nova. Planta ao nível da plateia. 1951. Tec. Eng^a. Civil João Manuel D'Oliveira.

IGAC

A Sala de Espectáculos, de forma aproximadamente rectangular, possui 384 lugares na plateia e 116 no balcão.

A plateia possui cinco portas. Três correspondem à entrada através do vestíbulo, e as restantes permitem o acesso ao *foyer*.

Os espaços dedicados à cena dividem-se em sub-palco, palco e camarins.

O sub-palco confere acesso ao fosso de orquestra e tem acesso apenas pelo interior, através do piso 0, por uma escadaria situada no corpo de camarins.

O palco possui nas suas laterais as cabines do bombeiro e do electricista, e uma escadaria de acesso às varandas.

É encerrado por uma porta de ferro em posição lateral, que comunica com o corpo de camarins, repartido pelos dois pisos do edifício.

No piso 0 encontram-se três camarins masculinos com um pequeno sanitário, e no piso 1 surgem três femininos com um *foyer* e sanitário, de maiores dimensões.

O balcão possui duas portas (Fig.77).

Uma reserva-se à saída para o *foyer* lateral, através do qual se acede aos sanitários femininos. A outra, entre o bar e o bengaleiro, destina-se ao ingresso no balcão.

Situado numa posição oposta ao palco, comunica com o *foyer* que confere acesso à varanda da fachada principal. Neste, encontra-se o acesso ao piso superior.

Possui, na parte curva, a sala de fumo que estabelece a ligação entre os dois *foyers*.

No piso superior localizam-se um vestiário que confere acesso ao terraço e a cabine de projecção entre as de enrolamento e do bombeiro, com arrecadação (Fig.78).

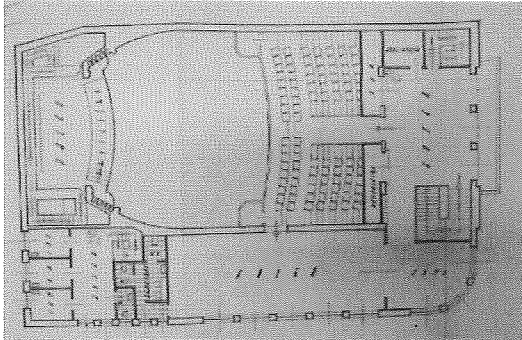


Fig. 77 - Cine-Teatro Avenida de Idanha-a-Nova. Planta ao nível do balcão. 1951. Tec. Eng^a. Civil João Manuel D'Oliveira. IGAC

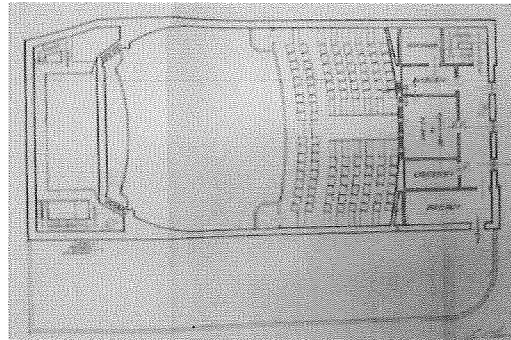


Fig. 78 - Cine-Teatro Avenida de Idanha-a-Nova. Planta ao nível da cabine de projecção. 1951. Tec. Eng^a. Civil João Manuel D'Oliveira. IGAC

As dificuldades e o encerramento

Após as dificuldades que levaram à morosidade da conclusão das obras, foi concedido ao Cine-Teatro um alvará a título precário. Logo depois da sua inauguração, durante dois anos realizaram-se algumas sessões cinematográficas. Porém, Os prejuízos ocorridos pela falta de público levaram ao encerramento durante um ano.

Por volta de 1980 surgiu um ambulante de cinema ao qual foi alugado o Cine-Teatro até 1987.

Em Abril do mesmo ano, a vistoria realizada ao recinto ditava a interdição do seu funcionamento. O que se deveu às precárias condições de segurança que oferecia durante os espectáculos.

Tentativas de reactivação do Cine-Teatro

Já nos anos 90, a realização das obras no telhado do edifício era interrompida devido à inexistência de verbas suficientes capazes de lhe dar continuidade⁸⁵. Permaneciam incompletas pela falta do tecto falso e da pintura nas paredes.

Uma vez que o salão do piso 2 tinha cobertura independente da Sala de Espectáculos, em Fevereiro de 1992, Eufrásio Gouveia Duarte, filho do proprietário, requer licença para ali realizar bailes, casamentos e outros divertimentos públicos⁸⁶.

⁸⁵ Requerimento enviado por Eufrásio Gouveia Duarte ao Director Geral dos Espectáculos, 12 de Fevereiro de 1992, p.1. Dossier do processo do Cine-Teatro Avenida de Idanha-a-Nova nº05.05.0015 da IGAC.

⁸⁶ *Idem.* p.3.

Considerando que o proprietário não reunia condições suficientes para a revitalização do referido salão, a licença não era concedida. Desta forma, o edifício era definitivamente conduzido à desafecção de qualquer tipo de actividade, deixando a Vila sem qualquer sala de espectáculos deste género⁸⁷.

De entre os casos analisados, este revela-se aquele em que os proprietários tiveram mais dificuldades em rentabiliza-lo.

O curto tempo de funcionamento e, consecutivamente as dificuldades de manutenção levaram ao seu abandono. Ainda que o encerramento tenha ocorrido num passado pouco distante, o esquecimento da sua existência por parte dos conterrâneos é uma realidade.

2.2.2 - Cine-Teatro Avenida - Castelo Branco (1954)

Antecedentes ao Cine-Teatro Avenida

Os espaços que se dedicavam ao cinema em Castelo Branco antes da existência do Cine-Teatro Avenida datam dos anos 20.

O Cinema Olímpia e o Teatro Vaz Preto são os lugares onde se instalou o sonoro nesta cidade. A impossibilidade de obtenção de plantas de localização não permite esclarecer se houve alguma ligação entre o local de implantação destes espaços com o Cine-Teatro.

Em comparação aos casos apresentados, e sem outras referências, é possível que estes se situassem nas suas proximidades e fossem barracões sem condições dignas de funcionamento. Assim, surgia a necessidade de construção de um novo equipamento destinado ao espectáculo.

Quando, na primeira metade do século XX, se iam construindo os edifícios públicos dos Correios, Telégrafos e Banco de Portugal, que se destacavam pelas suas dimensões, surge, por volta dos anos 50, um grupo de accionistas Alcabastrenses que estrutura a “Sociedade Cine-Teatro Avenida de Castelo Branco”. Consideravam que “fazia falta mais um elemento a valorizar (a cidade) e daí o desejo de alguns dos seus filhos se associarem para levar a efeito este importante melhoramento”⁸⁸.

⁸⁷ Carta enviada pelo Director Geral António Xavier ao Presidente da Câmara Municipal de Idanha-a-Nova. 25 de Março de 1992. *Idem*.

⁸⁸ Ofício nº600 enviado à Inspeção dos Espectáculos. 13 de Janeiro de 1950. Dossier do processo do Cine-Teatro Avenida de Castelo Branco nº05.02.0070 da IGAC.

O Cine-Teatro

Implantado em gaveto (Fig.79), entre as centrais Avenida General Humberto Delgado e Rua do Saibreiro, encontra-se num conjunto urbano que define juntamente com a Biblioteca Municipal e o Centro Cívico.



Fig. 79 - Cine-Teatro Avenida Castelo Branco. Planta topográfica. Projecto de licenciamento. 1949. Arq. Raul Caldeira e Albertino Roxo.

À direita a Rua do Saibreiro e na horizontal a Avenida General Humberto Delgado.

IGAC

Inaugurado nos dias 2, 3 e 4 de Outubro de 1954 pela “Companhia de Teatro Amélia Rey Colaço - Robles Monteiro”, que interpretou as peças “Prémio Nobel”, “Ceia dos Cardeais”, “O Leque de Lady Windermere” e “Essa Mulher” de Júlio Dantas (Fig.80).

No dia 4 de Outubro eram apresentados os primeiros espectáculos cinematográficos, com a exibição das fitas “Enrico Caruso” e “Salomé”.



Fig. 80 - Cine-Teatro Avenida de Castelo Branco. Notícia de inauguração.

IGAC

O projecto dos arquitectos Raul Caldeira e Albertino Roxo é marcado pela torre curva em pedra, que tem continuidade para as duas ruas.

Apresenta uma sequência de envidraçados cortados por lâminas horizontais, no mesmo material, que contrariam a sua verticalidade e possui uma pala que acompanha a curva do gaveto e suporta a designação do edifício.

Exteriormente, o edifício é marcado por algumas saliências e diferenças entre o reboco caiado a branco e a pedra. Evidencia-se particularmente no piso 0, em toda a continuidade do edifício, à excepção do corpo de camarins.

A fachada situada na Rua do Saibreiro (Fig.81) tem aproximadamente 40m de extensão.

É constituída por seis portas (incluindo a do gaveto), uma varanda com três envidraçados verticais sob três de menores dimensões, duas faixas com três pequenas fenestraçãoes sobre a localização do cartaz do dia, e um grupo com três janelas.

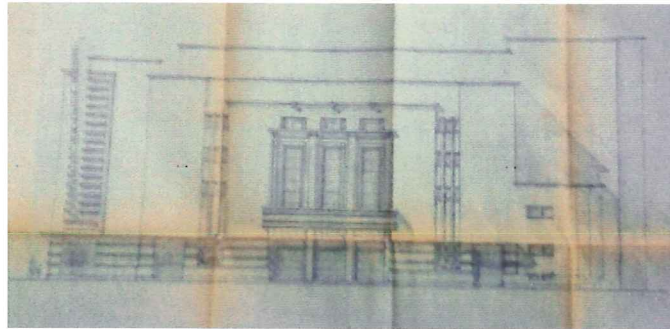


Fig. 81 - Cine-Teatro Avenida Castelo Branco. Alçado sobre a Rua do Saibreiro. Projecto de 1949. Arq. Raul Caldeira e Albertino Roxo.

Arquivo Municipal de Castelo Branco.

A primeira porta, junto ao gaveto, assegurava unicamente a entrada para a geral, com a sua própria bilheteira.

As seguintes três correspondiam ao *foyer* da plateia com bar, destinando-se apenas à saída depois do espectáculo.

A última entrada, de serviço, conferia o acesso aos camarins.

A varanda no piso 1 e os envidraçados verticais, prolongados até ao piso 2, correspondiam ao *foyer* do primeiro balcão, com duplo pé direito.

As fenestraçãoes laterais à varanda referiam-se no primeiro caso à escadaria da geral, e no segundo aos sanitários masculinos, que se repetiam nos três pisos.

As três janelas do extremo direito correspondiam aos camarins nos pisos -1 e 1, e ao posto médico e sanitários no piso 0.

A fachada situada na Avenida General Humberto Delgado (Fig.82) tem aproximadamente 35m de comprimento.

Tal como a anterior, possui uma varanda com três fenestrações que se prolongam até ao piso 2, e duas faixas de envidraçados nos seus extremos.

Possui quatro portas, incluindo a do gaveto.

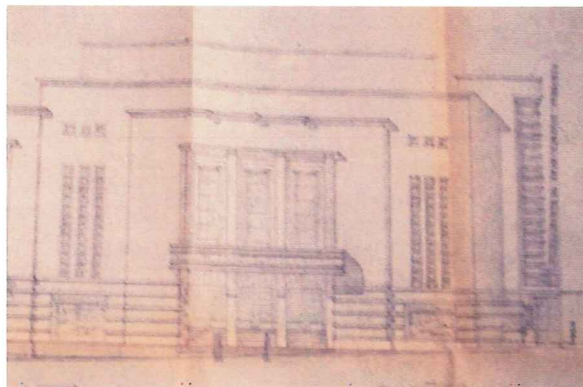


Fig. 82 - Cine-Teatro Avenida Castelo Branco. Alçado sobre a Avenida General Humberto Delgado. Projecto de 1949. Arq. Raul Caldeira e Albertino Roxo. Arquivo Municipal de Castelo Branco.

As três portas situadas ao centro, estabelecem a ligação entre o vestíbulo e a Avenida General Humberto Delgado. Destinavam-se à saída dos espectadores.

A varanda no piso 1 correspondia ao salão do primeiro balcão, com pé direito duplo.

Os envidraçados, situados nos extremos da fachada, referem-se às caixas de escadas dos vestíbulos. (Estes envidraçados não encontram correspondência nas plantas do projecto inicial, de 1949).

O gaveto formado pelas duas ruas assinala a entrada principal, em círculo, onde se encontra a bilheteira.

Na fachada lateral direita encontravam-se mais duas saídas.

Destinavam-se às saídas de emergência da Sala de Espectáculos e do vestíbulo.

A Sala de Espectáculos, com cerca de 22 m de comprimento, 15 junto ao palco e 22 ao extremo oposto tinha a sua forma em leque. Dividia-se em primeira e segunda plateias (Fig.83).

A sua lotação era de 1238 lugares⁸⁹. Dividia-se em 330 na primeira e 304 na segunda, 334 no primeiro balcão, 11 camarotes e 218 na geral.

⁸⁹ Ofício nº 2247/S.T. enviado pelo Inspector Chefe Óscar de Freitas ao Director Geral das Contribuições e dos Impostos. 12 de Novembro de 1954. *Idem*.

Possuía duas portas na parte posterior da plateia, com ingresso a partir do vestíbulo, e duas laterais. Uma comunicava com o *foyer*, e a outra, com ligação directa à rua, destinava-se à saída de emergência.

O vestíbulo continha o bengaleiro e a cabine de projecção, situada entre a de enrolamento e a do bombeiro, e permitia o acesso aos sanitários femininos e aos pisos superiores, através de duas escadarias, situadas em cada um dos seus extremos.

Os sanitários, localizados em pontos distintos, distribuíam-se da mesma forma nos três pisos. Os femininos junto à fachada lateral direita, e os masculinos voltados para a Rua do Saibreiro.

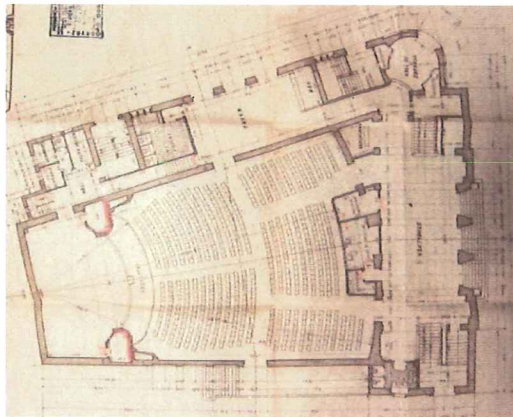


Fig. 83 - Cine-Teatro Avenida Castelo Branco.
Planta ao nível da plateia. Projecto de 1949.
Arq. Raul Caldeira e Albertino Roxo.
IGAC

No extremo final do edifício, na Rua do Saibreiro, situavam-se o sub-palco, o palco e os camarins.

O sub-palco, que permitia o ingresso no fosso de orquestra, tinha acesso através do piso 0, pela entrada de serviço.

O palco definia-se numa forma aproximadamente rectangular de cerca de 12m x 5m, com a boca de cena com 8,70m.

Possuía nas suas laterais as cabines do bombeiro e do electricista.

Encerrava-se com uma única porta lateral, de acesso ao *hall* que comunicava com as restantes zonas dedicadas à cena.

O corpo de camarins situava-se lateralmente ao palco e dividia-se em duas ordens. Uma ao nível do sub-palco com dois camarins individuais e um de grupo. A outra ao nível do palco, com dois individuais.

No piso 1 localizava-se o primeiro balcão, com duas frisas (Fig.84).

Possuía um bar na fachada curva e duas varandas. Uma do salão de festas e a outra *foyer* que, juntamente com o corredor circunscreviam e permitiam o ingresso no balcão, pelas laterais.

Na parte mais elevada do balcão situavam-se os camarotes, dispostos de forma paralela ao palco (Fig.85). Aqui encontravam-se uma sala sobre o gaveto, os sanitários femininos, os vazios sobre o *foyer* e o salão de festas e, junto à boca de cena o gabinete da gerência.

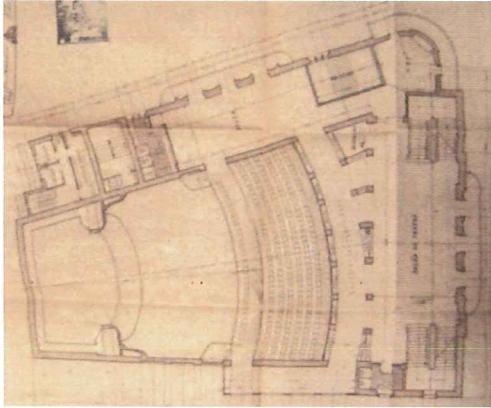


Fig. 84 - Cine-Teatro Avenida Castelo Branco. Planta ao nível do balcão. Projecto de 1949. Arq. Raul Caldeira e Albertino Roxo.
IGAC

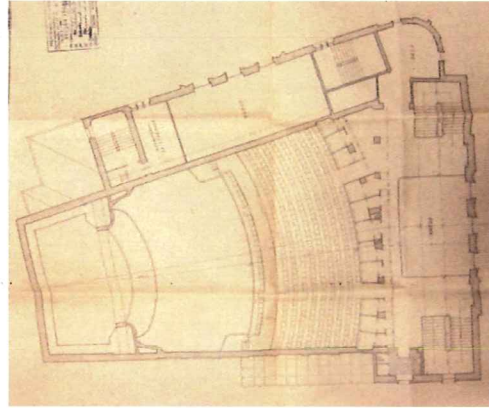


Fig. 85 - Cine-Teatro Avenida Castelo Branco. Planta ao nível dos camarotes. Projecto de 1949. Arq. Raul Caldeira e Albertino Roxo.
IGAC

No piso 2, encontrava-se o segundo balcão, destinado à geral (Fig.86). Tinha entrada independente do restante edifício. Os lugares eram acedidos posteriormente por um corredor, com duas entradas, ou pelo *foyer* lateral. Sem salão de festas possuía igualmente ao piso anterior um bar situado na fachada curva.

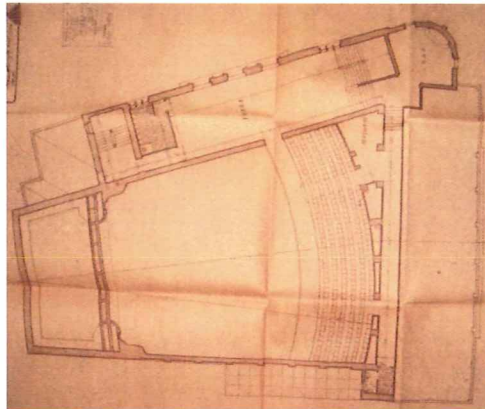


Fig. 86 - Cine-Teatro Avenida Castelo Branco. Planta da geral. Projecto de 1949. Arq. Raul Caldeira e Albertino Roxo.
IGAC

Adversidades

Por questões económicas, logo após a sua aprovação, o anteprojecto do Cine-Teatro Avenida foi submetido a uma redução da área de construção. Teve como consequência uma primeira redução da lotação⁹⁰, para 1306 lugares que, mais tarde, passaram aos 1238⁹¹ com que foi inaugurado.

Nos anos 60 era implementado o Restaurante “Cine-Bar” na cave do Cine-Teatro, onde somente o *hall* tinha acesso a ventilação exterior⁹².

Consta no Auto de Vistoria nº 4329, realizado a 29 de Outubro de 1984, que o Cine-Teatro Avenida apresentava alguma instabilidade e degradação nalgumas instalações, e que o segundo balcão tinha sido retirado, passando a Sala de Espectáculos a funcionar com a totalidade de 1020 lugares⁹³. No seu lugar estabelecia-se o restaurante denominado “O Forro”, propriedade da empresa “José e Céu Freixo, Lda”⁹⁴. Posteriormente passava a funcionar como bar e salão de jogos.

A 31 de Julho de 1989 o Cine-Teatro era vítima de um incêndio.

Sem certezas do que o terá originado, poderia ter sido fruto da ponta de um cigarro ou curto-circuito que acabara por destruir todo o seu interior e mobiliário, com excepção das máquinas de projectar⁹⁵, do betão e da pedra.

O Projecto de Recuperação

Decorreram alguns anos entre a aquisição do Cine-Teatro pela Câmara Municipal e a abertura do concurso para as obras de requalificação.

Em 1997, oito anos após o incêndio surge o primeiro anteprojecto de recuperação do edifício.

Em 2000 volta ao activo, sob a gerência da “Algibec”, empresa Municipal da Câmara Municipal de Castelo Branco.

A sessão inaugural teve lugar no dia 23 de Setembro de 2000 com um concerto da Orquestra Gulbenkian.

⁹⁰ Memória descritiva e justificativa do projecto de licenciamento do Cine-Teatro Avenida de Castelo Branco. 10 de Dezembro de 1949. *Idem*.

⁹¹ Ofício com entrada nº 10736 enviado pelo Director da Empresa Cine-Teatro Avenida ao Inspector dos Espectáculos. 21 de Setembro de 1954. *Idem*.

⁹² Ofício nº2335/DGE/DAT, enviado pelo Delegado da Direcção Geral de Espectáculos e do Direito de Autor ao Director Geral de Espectáculos e Direito de Autor. 27 de Abril de 1981. *Idem*.

⁹³ Auto de Vistoria nº4329 realizado a 29 de Outubro de 1984. *Idem*.

⁹⁴ Auto de Vistoria nº 4077 realizado a 23 de Fevereiro de 1984. *Idem*.

⁹⁵ Ofício com entrada nº 12977 enviado pelo Delegado da Inspeção Geral dos Espectáculos e do Direito de Autor ao Director Geral dos Espectáculos e o Direito de Autor. 7 de Agosto de 1986. *Idem*.

O projecto de recuperação, de autoria do arquitecto Luís Marçal Grilo, seguiu o traçado original da fachada (Fig.87), introduzindo-lhe duas pequenas alterações.



Fig. 87- Cine-Teatro Avenida Castelo Branco.
Aspecto da fachada original recuperada.
Imagem do autor, Dezembro de 2010.

Na fachada voltada para a Rua do Saibreiro introduziu a continuidade do corpo de camarins (Fig.88), e na voltada para a Avenida General Humberto Delgado introduziu uma porta de acesso ao piso -1 (Fig.89)

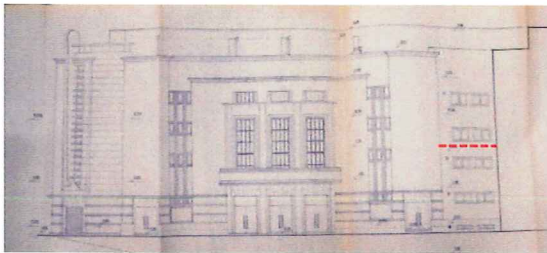


Fig. 88 - Cine-Teatro Avenida Castelo Branco.
Alçado sobre a Rua do Saibreiro. Projecto de 1997.
GITAR - Gabinete de Estudos e Projectos, Lda.
Assinala-se acima da linha vermelha a alteração
feita no alçado após a intervenção.
IGAC



Fig. 89 - Cine-Teatro Avenida Castelo Branco.
Alçado sobre a Avenida General Humberto Delgado. Projecto de 1997.
GITAR - Gabinete de Estudos e Projectos, Lda.
Assinala-se a vermelho a alteração feita no
alçado após a intervenção.
IGAC

A configuração interior é uma adaptação às necessidades actuais, que considerou a distribuição funcional anterior. Os espaços foram melhorados e adaptados a pessoas com mobilidade condicionada.

No piso -1 mantiveram-se o sub-palco e o fosso de orquestra.

Surgiu um camarim de grupo no lugar dos existentes, uma ampla sala polivalente, com uma nora anterior ao projecto primitivo, um *foyer*, várias instalações sanitárias e arrecadações.

Com os novos espaços introduzidos, criaram-se novas entradas independentes dos restantes pisos.

Duas das entradas destinando-se ao *foyer*, uma à sala polivalente e a outra a entrada de serviço, situada no extremo da fachada lateral direita, junto ao sub-palco (Fig.90).

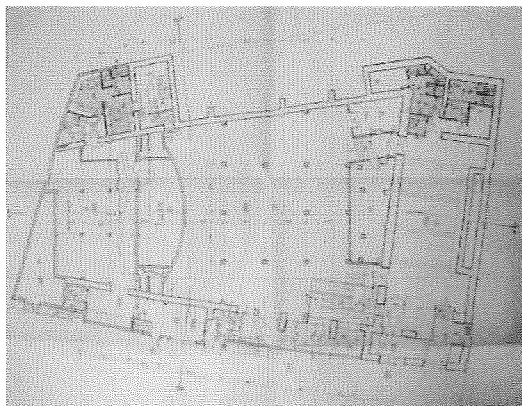


Fig. 90 - Cine-Teatro Avenida Castelo Branco.
Planta ao nível do sub-palco. Projecto de 1997.
GITAR - Gabinete de Estudos e Projectos, Lda.
IGAC

No piso 0, a entrada principal passou a ser feita unicamente pelo gaveto.

Na fachada lateral direita prolongou-se um corredor onde anteriormente existiam os sanitários femininos, que agora se situam no seu extremo. Assim, foi possível o desenvolvimento de uma saída de emergência para o palco, e a ligação interior à pré-existente da plateia.

O palco, pela nova localização que as cabines do electricista e do bombeiro adquiriram, com as quais passou a ter ligação indirecta, tornou-se mais regular.

Além da saída lateral que tinha, foram inseridas mais duas.

Uma na parte posterior e a outra em posição oposta à pré-existente, em que se estabeleceu o acesso às varandas do palco e uma saída de emergência, respectivamente (Fig.91).

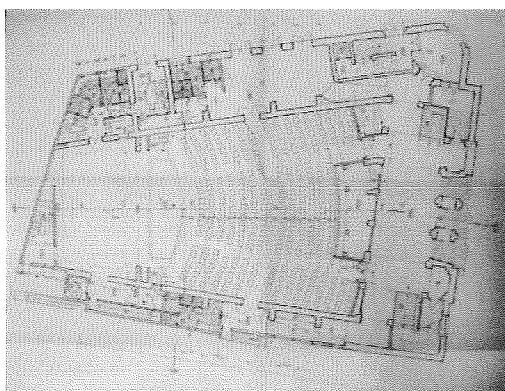


Fig. 91 - Cine-Teatro Avenida Castelo Branco.
Planta ao nível da plateia. Projecto de 1997.
GITAR - Gabinete de Estudos e Projectos, Lda.
IGAC

Mantiveram-se os dois camarins, agora de maiores dimensões.

A cabine de projecção manteve-se na posição original (Fig.92) e, no lugar do bengaleiro, agora situado junto à escadaria do *foyer*, encontra-se o vestiário do pessoal.

A lotação da Sala de Espectáculos foi diminuída para 700 lugares, discriminados em 408 na plateia, 264 no balcão e 7 camarotes com 31 lugares (Fig.93).



Fig. 92 - Cine-Teatro Avenida Castelo Branco. Cabine de projecção.
Imagem do autor. Dezembro de 2010.



Fig. 93 - Cine-Teatro Avenida Castelo Branco. Sala de Espectáculos.
Imagem do autor. Dezembro de 2010.

O piso 1 é acedido através das caixas de escadas pré-existentes no *foyer*, pelas que confinam com a bilheteira e ainda pelas de serviço, destinadas a emergências (Fig. 94).

Distribui-se de forma muito semelhante ao piso 0, com bar e *foyer*, anteriormente denominados *foyer* e salão de festas, respectivamente.

No *foyer* situam-se o bengaleiro e acede-se aos sanitários femininos, e pelo bar aos masculinos.

Possui lateralmente ao palco um camarim de grupo, em substituição dos três anteriormente existentes, que se acede por uma escadaria destinada somente a este espaço.

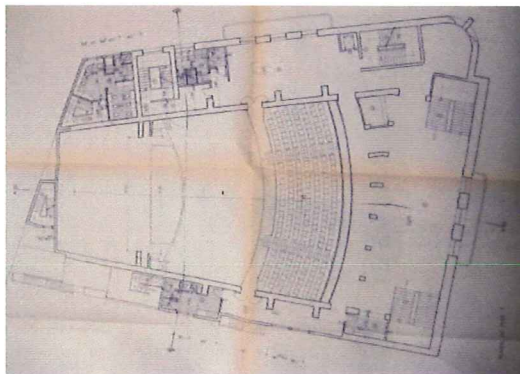


Fig. 94 - Cine-Teatro Avenida Castelo Branco. Planta ao nível do balcão. Projecto de 1997. GITAR - Gabinete de Estudos e Projectos, Lda. IGAC

No piso 2 encontram-se, tal como no projecto primitivo, os camarotes, o *foyer* e os serviços administrativos que, por se situarem junto à zona do palco, têm acesso pela escada de serviço.

O segundo balcão foi suprimido. No seu lugar instalou-se provisoriamente a escola de artes, na vertente de música, do Instituto Superior Politécnico de Castelo Branco (Fig.95).

Todo o espaço foi remodelado.

Possui um pequeno auditório, situado sobre o primeiro balcão e oito salas de estudo.

Paralelamente ao palco, e junto a este, situam-se um das salas e três gabinetes dos professores. As restantes, juntamente com os balneários, situam-se voltadas para a Avenida General Humberto Delgado.

Na fachada voltada para a Rua do Saibreiro encontra-se a sala de convívio e, no extremo junto ao palco, a administração e os sanitários.

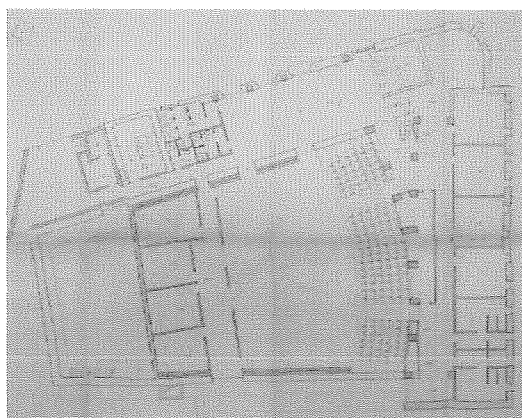


Fig. 95 - Cine-Teatro Avenida Castelo Branco.
Planta de Escola de Música. Projecto de 1997.
GITAR - Gabinete de Estudos e Projectos, Lda.
IGAC

ACTUALIDADE

Em 2000, depois de realizadas as obras de recuperação promovidas pela Câmara Municipal e, sob a gerência da “Empresa Municipal de Castelo Branco - Algibec” passou a complementar uma actividade constante.

O Cine-Teatro num espaço múltiplo, capaz de receber diferentes espectáculos, como cinema, dança, exposições, teatro e música.

2.2.3 - Cine-Teatro Covilhã (1954)

Antecedentes ao Teatro-Cine da Covilhã

Remonta a 1865 a vontade de construção de um teatro por iniciativa do primeiro grupo teatral organizado, a Sociedade Covilhanense. A partir de então são vários os grupos teatrais que surgem, e vários os locais onde se instalam devido à falta de um local apropriado para as suas representações. A Praça dos Cereais e o Telheiro do Peso da Lã eram os predilectos.

Em 1899, surge pela iniciativa dos empresários José Cristóvão Corrêa e António Copeiro um espaço destinado ao espectáculo.

Construía-se no Peso da Lã, o Theatro Caleya, onde se realizou a primeira sessão do animatógrafo, que posteriormente passava a funcionar numa pequena casa na Praça do Município (Fig.96).

O teatro era pequeno. Tinha “17 camarotes, 2 frizas, 170 logares de plateia e 330 de geral”⁹⁶.

No entanto, o cinema era verdadeiramente impulsionado pelo empresário Francisco Pina que, por volta de 1909 estrutura as sessões cinematográficas na antiga Casa dos Ministros.

Mas é em 1923, que na Rua Rui Faleiro, constrói a primeira casa de cinema desta cidade, a Hermínio Terrasse, substituída em 1924 pelo Teatro Covilhanense (Fig.97).



Fig. 96 - À direita a casa onde funcionou o animatógrafo. MORÃO, Humberto Correia. Recortes de história da Covilhã. P.171.

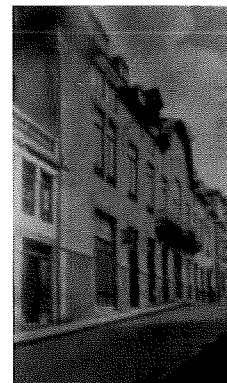


Fig. 97 - Teatro Covilhanense. MORÃO, Humberto Correia. Recortes de história da Covilhã. p. 173

As escassas memórias sobre o Teatro Covilhanense revelam um interior repleto de requintada e preciosa decoração, com frisas e duas ordens de camarotes dourados⁹⁷.

⁹⁶ BASTOS, Sousa. Dicionario do teatro Portuguez. Lisboa: Arquimedes Livros, 1908.

⁹⁷ MORÃO, Humberto Correia. *Recortes de história da Covilhã*. Covilhã: Câmara Municipal, 2008. p.172.

Inaugurado com a peça “Uma mulher sem importância”, interpretado por Lucília Simões no papel principal foi, na época, considerado um dos melhores do país, com excepção de Lisboa e do Porto.

Devido ao carácter que possuía para exhibições cinematográficas, em 1946 passa a denominar-se Teatro-Cine da Covilhã⁹⁸.

Dadas as condições de segurança e de conforto que apresentava, Francisco Pina e o seu genro, João Ferreira Bicho levam a cabo a demolição do Teatro Covilhanense.

Em 1954 é substituído pelo actual Teatro-Cine. Porém, a cidade não terá ficado sem cinema pois os empresários construíram para o efeito, um edifício provisório com cerca de 840 lugares.

Teatro-Cine da Covilhã

Implantado em gaveto, numa das ruas centrais da cidade, a Rua Rui Faleiro, encontra-se rodeado por várias edificações de intervenção do Estado Novo. Integra-se num conjunto urbano formado pelos edifícios “da Câmara Municipal, Correios, Telégrafos e Telefones (CTT) e da Caixa Geral de Depósitos (CGD)”⁹⁹ (Fig.98).

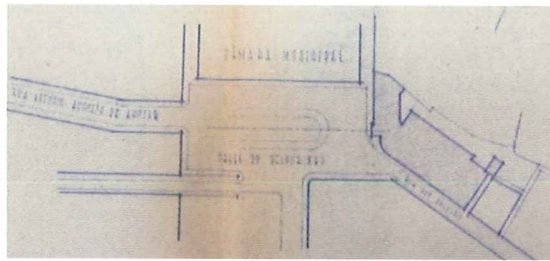


Fig. 98 - Teatro-Cine da Covilhã. Planta de topográfica. Projecto de 1945. Arq. Rodrigues Lima. IGAC

Constitui um caso especial entre os edifícios construídos para o mesmo fim, devido à sua implantação num terreno com grandes desníveis¹⁰⁰.

Da autoria do arquitecto Rodrigues Lima, foi inaugurado durante os dias 31 de Maio, 1 e 2 de Junho de 1954 pela “Companhia de Teatro Amélia Rey Colaço - Robles Monteiro”, que interpretou as peças “Prémio Nobel”, “Rapaziadas” e “Cardeal Primaz”, respectivamente em cada dia.

⁹⁸ Carta enviada por João Ferreira Bicho ao Inspector dos Espectáculos. 1 de Outubro de 1946. Dossier do processo do Teatro-Cine da Covilhã nº05.03.0001 da IGAC.

⁹⁹ SILVA, Susana Constantino Peixoto da. *Arquitectura de Cine-Teatros: Evolução e Registo (1927-1959)*. Edições Almenida, 2010.p.115.

¹⁰⁰ Memória descritiva e justificativa do projecto de uma nova casa de espectáculos em substituição do Teatro Covilhanense. p.2. 30 de Julho de 1945. Dossier do processo do Teatro-Cine da Covilhã nº05.03.0001 da IGAC.

O edifício é separado funcionalmente entre a Pensão Montalto, frontal à Praça do Pelourinho, e o Teatro-Cine propriamente dito, voltado para a rua Rui Faleiro.

A distinção exterior destas duas funcionalidades é marcada pela torre.

Rematada em coruchéu¹⁰¹ e com esfera armilar¹⁰² no topo, é constituída por uma banda vertical de janelas e, na parte superior por dois elementos em baixo relevo, esculpidos em granito, representando “A Comédia e a Tragédia” (Fig.99).

Inclui parte dos acessos verticais e destaca a entrada principal na fachada curva.

Esta fachada apresenta a designação do edifício, uma varanda e duas sucessões de envidraçados que permitiam uma relação visual com o exterior.

No primeiro caso referem-se à sala de exposições, e no segundo ao salão de chá.

Na parte mais extensa apresenta um pano cego, com marcações verticais em pedra. Na plátibanda encontram-se cinco grupos de pequenas aberturas triangulares com a base voltada para cima, para ventilação do interior. Interiormente corresponde à sala de espectáculos (Fig.100).

As duas faixas de três óculos¹⁰³, dispostos verticalmente, correspondem, em ambos os casos, a caixas de escadas. A primeira pertence à Pensão, e a segunda à escadaria de emergência do Teatro-Cine.



Fig. 99 - Teatro-Cine da Covilhã. Torre. Imagem do autor. Abril de 2011.

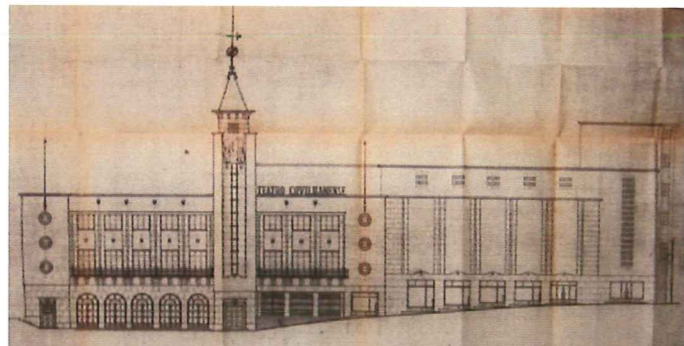


Fig. 100 - Teatro-Cine da Covilhã. Alçado principal. Projecto de 1945. Arq. Rodrigues Lima. À esquerda da torre, a Pensão Montalto e à direita o Teatro Cine. IGAC

Contém várias entradas em toda a sua extensão e alguns estabelecimentos comerciais, pré-existentes, que o proprietário optou por manter¹⁰⁴.

¹⁰¹ Remate piramidal de uma torre ou de um campanário; Pode ser de pedra ou madeira, revestido ou não de telhas. RODRIGUES, Maria João Madeira, Pedro Fialho de SOUSA, e Horácio Manuel Pereira BONIFÁCIO. *Vocabulário técnico e crítico de arquitectura*. 3ª Edição.p.97

¹⁰² Esfera composta de armilas formadas por círculo. *Idem*.p.43.

¹⁰³ Abertura circular, oval ou moldurada, aberta numa parede de um edifício para ventilação ou iluminação do interior. *Idem*.p.201.

A torre permite a entrada para a cabine de projecção e para o terraço.

Aos mais favorecidos era possibilitada a entrada pelo acesso principal, na fachada curva. Possui um átrio com bilheteira e confere acesso ao *hall*, e ao *foyer* com bar com pé direito duplo e bengaleiro (Fig.101).

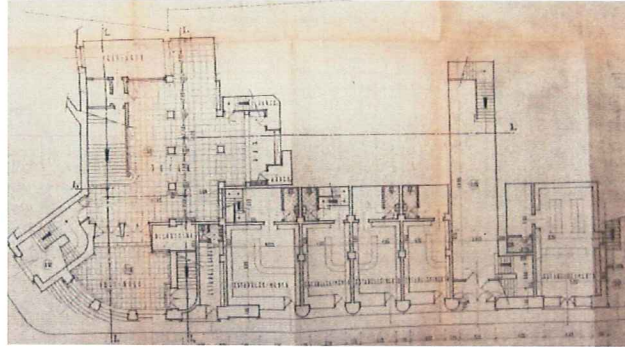


Fig. 101 - Teatro-Cine da Covilhã. Planta ao nível dos estabelecimentos. Projecto de 1945. Arq. Rodrigues Lima. IGAC

O *hall*, iluminado por dois lustres que se utilizavam apenas em dias de grandes espectáculos, comunica com o *foyer* da plateia, através da escadaria (Fig.102).

Aqui encontra-se uma peça de tapeçaria com motivos alusivos às sete artes (Fig.103), executada pelo covilhanense Guy Fino.



Fig. 102 - Teatro-Cine da Covilhã. Escadaria do *foyer* principal. Imagem de Daniela Santos. 2011.



Fig. 103 - Teatro-Cine da Covilhã. Tapeçaria alusiva às sete artes. Imagem do autor. Abril de 2011.

Para as classes sociais mais desfavorecidas reservava-se a entrada pela rua Rui Faleiro, situada sob o fosso de orquestra.

Possuía uma pequena bilheteira e permitia o acesso ao corredor de ingresso na plateia, anteriormente considerado o *foyer* destas classes sociais.

¹⁰⁴ Memória descritiva e justificativa.p.2. Dossier do processo do Teatro-Cine da Covilhã nº05.03.0001 da IGAC.

A última entrada, de serviço, localiza-se ao fundo do edifício (Fig.104).

Permite a realização de cargas e descargas, o acesso directo aos camarins e a entrada para o palco e sub-palco, onde se encontram a arrecadação, caldeira e fosso de orquestra, ao mesmo nível do escritório da gerência e da sala de espera.

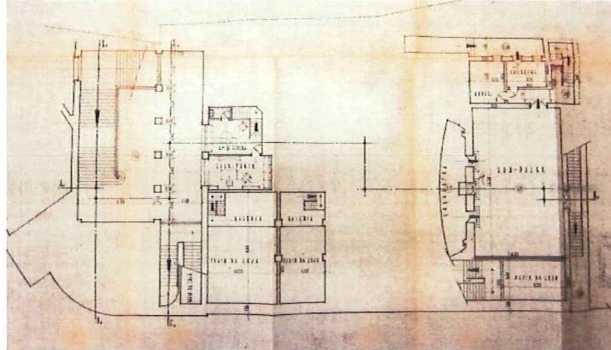


Fig. 104 - Teatro-Cine da Covilhã. Planta ao nível do sub-palco. Projecto de 1945. Arq. Rodrigues Lima. IGAC

A Sala de Espectáculos (Fig.105) possui uma forma rectangular, que se torna afunilada junto à boca de cena, onde se encontram duas saídas de emergência.

A sua lotação é de 1091 lugares¹⁰⁵, discriminados em 679 na plateia e 412 no balcão.

É acedida pelo foyer que comunica com a sala de exposições, na fachada curva.



Fig. 105 - Teatro-Cine da Covilhã. Sala de espectáculos. <http://www.cm-covilha.pt/simples/?f=4815>

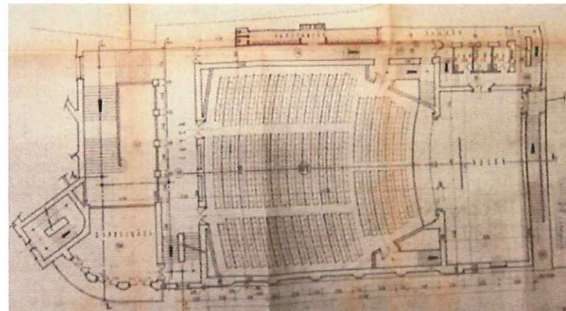


Fig. 106 - Teatro-Cine da Covilhã. Planta ao nível da plateia. Projecto de 1945. Arq. Rodrigues Lima. IGAC

O palco define-se numa forma rectangular e encontra-se encerrado, lateralmente, por uma porta de ferro, através da qual comunica com o corpo de camarins que se repete desde o nível da plateia ao da cabine de projecção, encontrando-se um de maiores dimensões ao nível do balcão.

¹⁰⁵ Memória descritiva e justificativa do processo de licenciamento do Teatro-Cine da Covilhã.p.3. *Idem*.

Ao nível do balcão encontra-se um *foyer* com acesso aos sanitários femininos, um bar e um salão de chá na fachada curva.

Os seus lugares são acedidos por duas portas posteriores, em posições opostas, confinantes com as arrecadações do bar (Fig.107).

No nível superior, e com entrada independente através da torre surge um salão que permite o acesso ao terraço, e as cabines de projecção, de enrolamento e do bombeiro (Fig. 108).

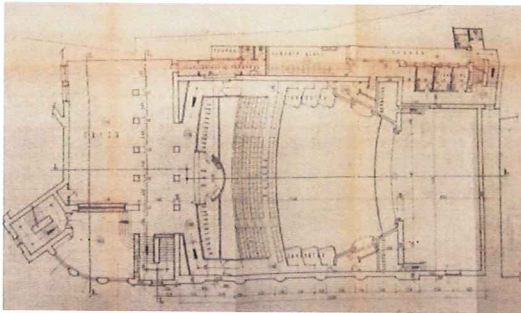


Fig. 107 - Teatro-Cine da Covilhã. Planta ao nível do balcão. Projecto de 1945. Arq. Rodrigues Lima. IGAC

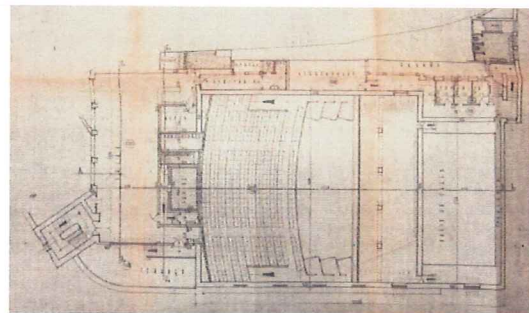


Fig. 108 - Teatro-Cine da Covilhã. Planta ao nível da cabine de projecção. Projecto de 1945. Arq. Rodrigues Lima. IGAC

Por último, com acesso interior pela torre ou exterior através da Rua do Norte, encontra-se uma esplanada na cobertura, “tratando-se dum autentico miradouro donde se disfruta um belíssimo panorama”¹⁰⁶ e se fizeram sessões de cinema ao ar livre.

Inconstâncias do Teatro-Cine

O projecto do Teatro-Cine da Covilhã foi objecto de várias alterações¹⁰⁷ durante a fase da sua construção.

Um de carácter decorativo e outras técnico, em 1945, o projecto primitivo passou a ter uma esplanada na cobertura, uma melhor localização dos sanitários e camarins e uma redução da lotação da sala¹⁰⁸, de 1200 para 1091 com que foi inaugurado.

Após continuado funcionamento, em 1984 encerra por falta de rentabilidade.

Considerando que “é um crime estarem fechados edifícios como este”¹⁰⁹, em 1992 a Câmara aluga o Teatro-Cine, ao qual faz obras de remodelação, com o intuito de posteriormente o comprar.

¹⁰⁶ Memória descritiva e justificativa das modificações ao projecto aprovado em 4 de Outubro de 1945. 22 de Abril de 1954. *Idem*.

¹⁰⁷ *Idem*.p.1.

¹⁰⁸ *Idem*.p.2.

¹⁰⁹ Santana Lopes In J.C. “Câmara aluga Teatro-Cine.” *Público*, 1992: 49.

Em 2001 realizaram-se obras de beneficiação¹¹⁰, que permitiram que passasse a gozar de programação diária¹¹¹. Encontrava-se apto a receber diversos tipos de espectáculos, como musicais, peças de teatro, saraus culturais, festivais e até feiras e lançamentos de livros.

Perspectivas

Depois de várias tentativas, a Câmara Municipal adquiriu a totalidade do Teatro-Cine, com excepção dos estabelecimentos comerciais ao nível da rua.

Apesar de se encontrar em funcionamento, e devido ao seu estado de degradação, aguarda nova intervenção que o transformará em Teatro Municipal da Covilhã.

Os estabelecimentos existentes serão mantidos e, no lugar da antiga Pensão Montalto, está prevista a instalação de uma sala alternativa, destinada a congressos e apresentação de pequenos espectáculos, com capacidade para cerca de 200 pessoas¹¹².

2.2.4 - Cine-Teatro Gardunha - Fundão (1958-1987)

O primordial cinema

Através da análise da planta topográfica verifica-se que no Fundão já existia uma casa de cinema anterior a 1954 (Fig.109).

Implantava-se numa posição centralizada na malha urbana da cidade, junto ao mercado na Rua Agostinho Ferevereiro, uma perpendicular à Avenida Salazar.

As insuficientes referências existentes sobre esta casa não permitem esclarecer quais eram ao certo as condições de funcionamento em que se encontrava. Contudo sabe-se que havia a necessidade da sua remodelação¹¹³.

Assim, surge António Solipa Pereira com o intuito de construir um espaço destinado ao espectáculo, o qual designou Cine-Teatro Gardunha, apto para receber cinema, teatro e outras sessões culturais.

¹¹⁰ Pedido de parecer sobre a candidatura do Cine Clube da Beira Interior ao Programa Operacional da Cultura (POC). Dossier do processo do Teatro-Cine da Covilhã nº05.03.0001 da IGAC.

¹¹¹ Pedido de parecer / POC. *Idem*.

¹¹² Informações fornecidas pelo funcionário do Teatro-Cine da Covilhã em Abril de 2011.

¹¹³ Informação 2474 enviada pelo Inspector dos Espectáculos Óscar de Freitas ao Delegado Concelhio da Câmara Municipal do Fundão. 27 de Dezembro de 1944. Dossier do processo do Cine-Teatro Gardunha - Fundão nº05.04.0001 da IGAC.

Cine-Teatro Gardunha

O Cine-Teatro, implantado em gaveto entre a Avenida Salazar e a Rua Jornal do Fundão (Fig.109), surgiu nas imediações do antigo cinema.

Forma um conjunto urbano juntamente com a Câmara Municipal e os vários Bancos que o envolvem.

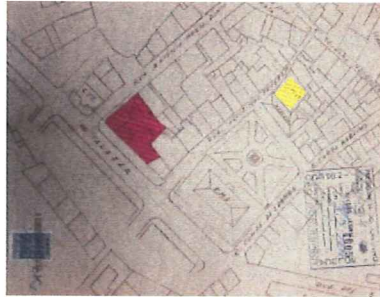


Fig. 109 - Cine-Teatro Gardunha do Fundão. Planta topográfica. Projecto de 1954. Arq. Willy Braun. Assinala-se a amarelo a localização do antigo cinema e a fúchsia o Cine-Teatro.

IGAC

Inaugurado em 1958, o projecto do arquitecto Willy Braun foi construído no piso térreo com granito maciço, característico da região.

A torre, de secção quadrangular rematada em pináculo¹¹⁴, marca a entrada principal e estabelece a ligação entre as duas fachadas que formam o gaveto (Fig.110).

Revela, em cada uma das suas fachadas, uma faixa vertical de envidraçados, onde se encontra o acesso ao piso 1.

Na parte superior a secção diminui de dimensões e apresenta uma série de aberturas verticais, rematadas em semicírculo, sobre as quais assenta o pináculo piramidal.



Fig. 110 - Cine-Teatro Gardunha. Evidência da torre.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Cine-Teatro_Gardunha.jpg

¹¹⁴ Coroamento piramidal ou cónico de um contraforte, arcobante ou muro, muito usado no gótico. RODRIGUES, Maria João Madeira, SOUSA, Pedro Fialho de, e BONIFÁCIO, Horácio Manuel Pereira. *Vocabulário técnico e crítico de arquitectura*. 3ª Edição.p.216

Os desenhos existentes das fachadas não correspondem completamente à realidade construída. Esta discordância verifica-se nas fenestrações da torre. Nos alçados apresentam-se sem o remate curvo que consta na construção.

As duas fachadas do Cine-Teatro são rematadas em balaustrada¹¹⁵.

A principal (Fig.111) com cerca de 40m, sobre a Avenida Salazar, apresenta quatro portas e sete envidraçados no piso 0, e uma varanda com nove no piso 1.

No térreo referem-se à entrada principal, pela torre, ao café da plateia e às entradas de serviço para o palco e camarins.

No piso superior, correspondem ao *foyer* do balcão que permite o acesso à varanda, e aos camarins e sanitários masculinos.

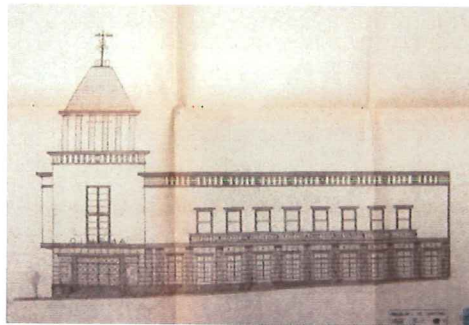


Fig. 111 - Cine-Teatro Gardunha do Fundão. Fachada sobre a Avenida Salazar. Projecto de 1954. Arq. Willy Braun. IGAC

A fachada sobre a Rua Jornal do Fundão (Fig.112), com cerca de 30m, possui duas portas e cinco envidraçados em cada piso, sendo os do piso 1 de menores dimensões.

As duas portas destinavam-se à saída dos espectadores e os envidraçados correspondem em ambos os casos aos *promenoirs* da plateia e do balcão.

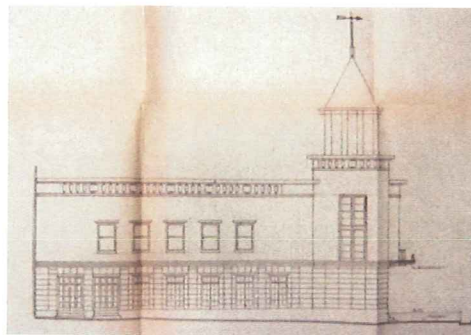


Fig. 112 - Cine-Teatro Gardunha do Fundão. Fachada sobre a Rua Jornal do Fundão. Projecto de 1954. Arq. Willy Braun. IGAC

¹¹⁵ Parapeito constituído por uma fila de balaústres dispostos regularmente, coroados de corrimão ou imposta. Usa-se como remate de uma construção, ou como anteparo de um vão, de uma varanda, de um balcão ou terraço. *Idem.* p.55.

A Sala de Espectáculos apresenta-se em forma de leque e possui aproximadamente 20m de comprimento, 16 junto à boca de cena e 19 no extremo oposto.

A sua lotação é de 797 lugares, distribuídos em 542 na plateia e 255 no balcão com duas frisas¹¹⁶.

A plateia encontra-se rodeada por três *promenoirs*, que lhe conferem acesso pelas três portas. Localizam-se duas nas laterais e uma no extremo oposto ao palco (Fig.113).

O que se encontra em posição oposta ao palco possui um vestiário e permite o acesso ao balcão.

Um dos laterais, voltado para a Avenida Salazar, permite o acesso ao bar, em forma circular, e ao café que comunica com o vestíbulo através do qual se pode aceder ao bar dos artistas e à zona da gerência, situada sob os camarins.

O último confere acesso aos sanitários masculinos, sobre os quais, ao nível do balcão se encontram os femininos.

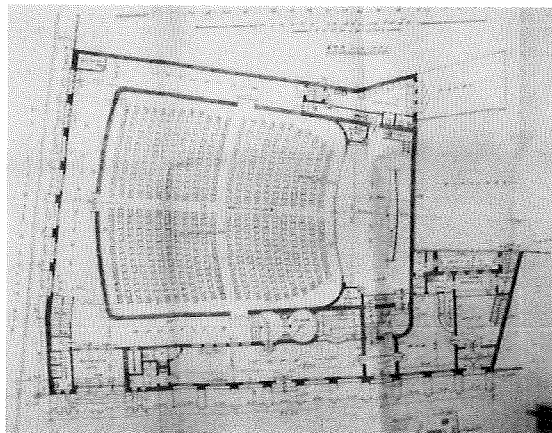


Fig. 113 - Cine-Teatro Gardunha do Fundão. Planta ao nível do balcão. Projecto de 1954. Arq. Willy Braun. IGAC

Os espaços destinados à cena dividem-se em palco e camarins.

O palco de forma aproximadamente rectangular, com cerca de 6×14m, é encerrado lateralmente por duas portas de ferro que conferem acesso a duas escadarias.

Num caso comunicam com um dos *promenoirs* laterais, e no outro permite o acesso ao piso 1 e ao vestíbulo de acesso ao exterior e ao bar dos artistas.

¹¹⁶ Memória descritiva e justificativa do projecto do Cinema Gardunha a construir na vila do Fundão, p.2. Dossier do processo do Cine-Teatro Gardunha - Fundão nº05.04.0001 da IGAC.

Os camarins dispõem-se no piso 1, em volta de um átrio de forma irregular. Possuem os sanitários masculinos e femininos em extremos opostos.

Podem ser acedidos directamente por uma escadaria do palco ou através do átrio da entrada de serviço.

De forma semelhante à plateia, o balcão encontra-se rodeado por dois *promenoirs* de diferentes dimensões e por um *foyer*, que possibilitam as duas entradas laterais (Fig.114).

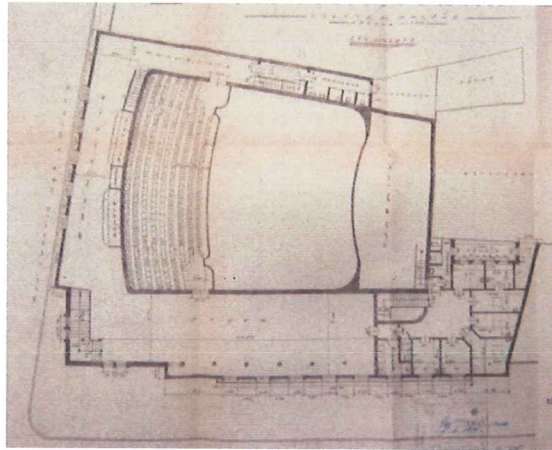


Fig. 114 - Cine-Teatro Gardunha do Fundão. Planta ao nível do balcão. Projecto de 1954. Arq. Willy Braun. IGAC

Um dos *promenoirs* situa-se em posição oposta ao palco e possui vestiário, montra e bufete (Fig.115) e possui a escadaria correspondente à torre.

O lateral confere acesso aos sanitários femininos, confinantes com a escadaria de acesso ao piso 2.

Através do *foyer*, que permite o acesso à varanda, é possível o contacto com a zona de camarins (Fig.116).



Fig. 115 - Cine-Teatro Gardunha do Fundão. *Promenoir* do balcão, situado no extremo oposto ao palco. Imagem dos Arq.^{tos} Pedro Leitão e Paulo Borges. (2007)



Fig. 116 - Cine-Teatro Gardunha do Fundão. *Foyer* do balcão com porta de acesso aos camarins. Imagem dos Arq.^{tos} Pedro Leitão e Paulo Borges. (2007)

No piso superior localiza-se a cabine de projecção entre a de enrolamento e o quadro geral, e a do bombeiro. Através deste piso acede-se ainda ao depósito de água e ao terraço (Fig.117).

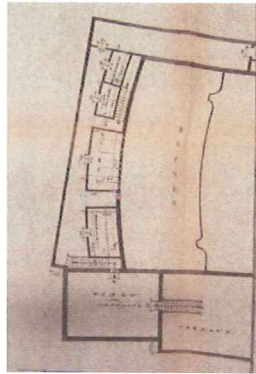


Fig. 117 - Cine-Teatro Gardunha do Fundão. Planta ao nível da cabine de projecção. Projecto de 1954. Arq. Willy Braun. IGAC

A ingloria do Cine-Teatro Gardunha

Após alguns anos de funcionamento, a cobertura do Cine-Teatro apresentava-se degradada ao ponto de se verificarem infiltrações que prejudicavam a salubridade do edifício.

De forma a colmatar este problema, nos anos 70, o proprietário do imóvel pretendeu reparar os danos da cobertura e, simultaneamente fazer alterações no edifício.

Apresentou um projecto para a construção de apartamentos no terraço que resolvia o problema de infiltrações e dava mais rentabilidade ao edifício¹¹⁷.

Esta construção não se verificou e, nos anos 80, o edifício passava a ser explorado pela Filmes Lusomundo, S.A.R.L¹¹⁸.

Possivelmente esta exploração não se considerava rentável, pois não se justificava manter o Cine-Teatro activo e por volta de 1987 é encerrado¹¹⁹.

A falta de realização de obras de conservação e o envelhecimento natural de alguns materiais, quer ao nível das instalações eléctricas, quer das sanitárias ou dos tectos que permitiam infiltrações¹²⁰, tornavam a sua degradação cada vez mais acentuada.

¹¹⁷ Requerimento apresentado por António Solipa Pereira ao Director dos Serviços de Espectáculos. 30 de Outubro de 1972. *Idem*.

¹¹⁸ Carta enviada ao Director dos Serviços de Espectáculos e do Direito de Autor pela Filmes Lusomundo. 25 de Fevereiro de 1982. *Idem*.

¹¹⁹ Comunicado enviado ao Director dos Serviços de Espectáculos e do Direito de Autor. 12 de Abril de 1990. *Idem*.

¹²⁰ Auto de Vistoria nº 2014 realizado a 27 de Outubro de 1992. *Idem*.

Por volta de 1992, surge pela iniciativa de José António Pereira de Campos, herdeiro do antigo proprietário, um novo projecto de readaptação do Cine-Teatro Gardunha, com a intenção de o desafectar à actividade teatral.

Sem qualquer referência ao seu passado do espectáculo, o projecto pressuponha a demolição parcial do edifício¹²¹.

Pretendia ali instalar comércio, escritórios e habitação¹²².

Este projecto previa a criação de novos pisos superiores que lhe iriam conferir uma nova identidade (Fig.118).

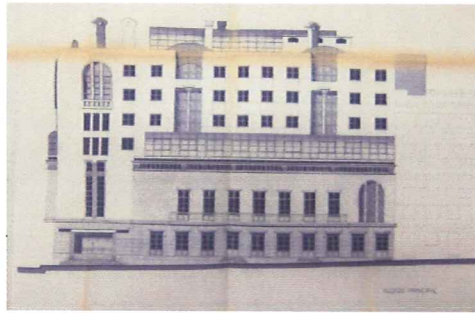


Fig. 118 - Cine-Teatro Gardunha do Fundão. Alçado principal. Projecto de recuperação e ampliação do Cine-Teatro. 1992. CAIRES, Atelier Lda. IGAC

Porém, a desafecção à actividade teatral não foi permitida. A Direcção-Geral dos Espectáculos e das Artes obrigava que a rentabilização do imóvel se conjugasse com a manutenção da valência teatral do edifício¹²³.

Posto isto, por volta de 1993 é apresentado um novo projecto à Inspeção dos Espectáculos.

Neste projecto, apesar de se encontrarem referências à antiga actividade do Cine-Teatro, o espaço destinado ao espectáculo em nada se poderia comparar com o anterior.

Contemplava uma sala na cave com capacidade para cerca de 177 pessoas, com um palco de 6x9m, apoiado por dois camarins duplos¹²⁴.

Mais uma vez o projecto não passava do papel.

¹²¹ Informação de serviço nº 8904/DRE, 4 de Dezembro de 1992, *idem*.

¹²² Informação de Serviço nº 8865/DRE, 10 de Novembro de 1992, *idem*.

¹²³ Fax nº 075-53463, 1 de Março de 1993, *idem*.

¹²⁴ Informação de Serviço nº 9138/DRE, 23 de Março de 1993, *idem*.

Em 2008 é apresentado um novo projecto pela Câmara Municipal do Fundão (Fig.119).

Previa-se que o edifício fosse adaptado às necessidades, qualidade e estilo de vida actuais. O programa que o projecto pretendia introduzir no edifício implementava valências para o teatro, música, cinema, conferências, workshops, exposições e eventos sociais, tendo como base a recuperação da antiga Sala de Espectáculos.

Este projecto considerava a função e o traçado original do edifício, no entanto, uma vez que o recinto não pertence à Câmara Municipal, não passaria à fase seguinte.

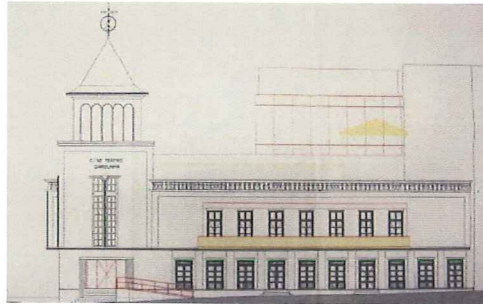


Fig. 119 - Cine-Teatro Gardunha do Fundão. Alçado principal. Projecto de recuperação e readaptação do Cine-Teatro. 2008. Bernardo e Bernardo, Consultores Associados, Lda. IGAC

Um dos factores que pode ser apontado como causa para o estado actual do Cine-Teatro é o processo que os seus herdeiros vêm a travar com a Câmara Municipal que tem vindo a tentar adquirir o edifício.

Deste modo, o edifício mantém-se encerrado desde os finais dos anos 80.

Toda esta problemática é propícia ao aumento do seu estado de degradação, que o torna cada vez mais vulnerável.

CAPÍTULO III - ENSAIO PARA PROPOSTA DE RECUPERAÇÃO

3.1 - Causas e consequências do abandono dos Cine-Teatros

3.1.1 - O aparecimento da televisão

Por volta de 1925, o escocês John Baird promovia no Selfridge - um armazém de Londres - a primeira aparição pública da televisão.

Também nesta década, em Portugal, um grupo de radioanimadores havia transmitido breves imagens animadas.

Enquanto países como os Estados Unidos, França, Alemanha e Inglaterra possuíam emissões televisivas com alguma frequência antes do início da segunda guerra mundial, em Portugal iniciavam-se experimentalmente entre 4 e 30 de Setembro de 1956, na Feira Popular de Lisboa, na Palhãva (Fig.120).

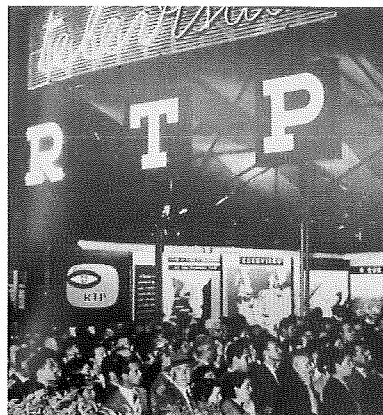


Fig. 120 - Dia da apresentação experimental da televisão na Feira Popular de Lisboa, na Palhãva. TEVES, Vasco Hogan. *RTP 50 anos de história*. Tipografia Peres, Outubro de 2007. p.31.

Contudo, o início das emissões regulares ocorria a 7 de Março de 1957, com a criação da RTP. Consecutivamente passava-se à primeira fase de cobertura, direccionada para as três grandes regiões, Lisboa, Porto e Coimbra. Gradualmente passou-se às seguintes fases que englobavam as restantes zonas.

No final dos anos 50, quase dois terços¹²⁵ das famílias do país inteiro ainda não tinham electricidade, o que condicionava a possibilidade de ter um televisor em casa.

Apesar da vontade que os comerciantes demonstravam em querer vender televisores, quase ninguém comprava. As causas mais apontadas eram a curiosidade de ver antes de comprar e a falta de dinheiro. O que se agravava considerando a taxa que ainda tinham que pagar.

¹²⁵ TEVES, Vasco Hogan. *RTP 50 anos de história*. Tipografia Peres, Outubro de 2007.p.13.

Assim, com as emissões televisivas, os locais públicos como os cafés e as associações tornaram-se capazes de atrair mais clientes.

De forma a obter o lugar mais perto do pequeno televisor, uma hora antes da prevista para o início das emissões começavam a juntar-se pessoas nestes locais (Fig.121).



Fig. 121 - Aglomerado de pessoas em torno do televisor.

TEVES, Vasco Hogan. *RTP 50 anos de história*. Tipografia Peres, Outubro de 2007. p.32.

Principalmente nas cidades província, onde se sabia pouco e tarde, conhecia-se pouco e mal, o divertimento era raro e caro, a informação escassa, a cultura inexistente, as novidades velhas¹²⁶, o dia da primeira emissão era importante.

Mudava a vida das pessoas. A partir dali podiam ver mais longe e adquirir novos conhecimentos com assuntos de fora.

As programações televisivas passam a fazer parte do quotidiano.

Captavam a atenção das famílias inteiras e, de um modo geral, alteravam os temas de conversa. Falava-se sobretudo dos programas visto no dia anterior e, rapidamente, as modas e modelos que o televisor mostrava passaram a ser nacionais.

De certa forma, as caras que apareciam no televisor passavam a ser conhecidas e familiares e, pouco a pouco, viam-se as senhoras vestidas como as locutoras, e os homens com gravatas iguais às dos apresentadores¹²⁷.

A importância da televisão crescia com o aumento da percentagem de território que as emissões abrangiam.

¹²⁶ António Barreto, acerca de Vila Real. In TEVES, Vasco Hogan. *RTP 50 anos de história*. Tipografia Peres, Outubro de 2007.p.12.

¹²⁷ *Idem, ibidem*.p.15.

Em meados da década de 60, grande parte dos espectadores que via os seus programas de eleição nos locais públicos, começava a ter possibilidade de usufruir deles em casa.

Gradualmente, a televisão tornava-se o meio de comunicação preponderante. A introdução da cor e o melhoramento da qualidade das imagens provocava um novo impulso na indústria dos aparelhos e acentuava a crise do cinema.

Ainda nesta década, a utilização dos videogravadores pelo público, que permitiam a gravação e o posterior visionamento, constituíam uma alternativa aos horários televisivos estabelecidos pelos operadores.

Surgia ainda a possibilidade do aluguer de filmes em clubes de vídeo onde se encontrava uma maior diversidade que a programação, de um modo geral, não fornecia satisfatoriamente.

A conjugação destes factos tinha claramente consequências na vida social da população.

Aqueles que antes se deslocavam das suas casas para ir ao cinema e socializar durante os seus intervalos nos salões e *foyers* dos Cine-Teatros passavam agora a fazê-lo nos locais onde houvesse um televisor. Os mais privilegiados, começavam a ficar em casa, pois podiam ter o seu próprio aparelho.

Em 1968 introduzia-se aquele que viria a ser reconhecido como o “segundo canal”. Mais tarde, com a utilização de satélites que possibilitavam a troca de programas ou notícias em difusão internacional e intercontinental, davam à televisão um maior impacto e influência social.

O alargamento do horário de emissão obrigava a recorrer às receitas de publicidade. Assim a televisão tornava-se numa indústria. Os produtos publicitados eram largamente procurados pela população, e facilmente esgotavam nas mercearias.

O entusiasmo crescia com o aparecimento dos programas e filmes estrangeiros, que os espectadores consideravam muito mais avançados do que os nacionais. Contudo, não eram dobrados. Para poder ler as legendas, os lugares predilectos eram mais próximos ao ecrã e, para isso, muitos iam antecipadamente reservar o lugar.

Jantava-se mais cedo para que, antecipadamente, toda a família estivesse diante do televisor, a aguardar o início da emissão.

O maior problema prendia-se com os analfabetos que não podiam ler as legendas. Mas nem assim se desinteressavam.

Pediam a alguém que traduzisse ou tentavam compreender pelo decorrer das imagens.

De certa forma, o facto dos programas estrangeiros não poderem ser compreendidos por todos era uma questão que convinha ao governo. O regime não queria que a televisão mostrasse tudo aos analfabetos, para os quais considerava que bastava a produção nacional.

As deficiências na informação e a censura pareciam ser um pouco esquecidas com a apresentação da imagem. No entanto elas continuavam presentes.

Uma vez que a televisão pertencia ao estado, dependia do poder político e, dada a sua capacidade de influência na população, o regime fez-se sempre utilizar dela.

Através deste meio de comunicação eram transmitidos com destaque os discursos de Salazar. De facto, para muitos, a televisão tinha sido definitivamente a forma de visualizar o seu rosto, conhecido apenas pelos alfabetos, através dos retratos que se encontravam afixados nas paredes dos liceus.

Apesar das emissões reflectirem o regime ditatorial em que se vivia, e da censura prévia a que estavam sujeitas, os primórdios da televisão nacional não se distanciavam da situação europeia.

Tinha o objectivo de se tornar educativa e, ao mesmo tempo, formar, informar, divertir, e ser um meio de mobilização política da população.

Posto isto, os governantes consideravam-na como um instrumento de afirmação nacional e de difusão cultural.

A televisão tornava-se cada vez mais um meio de grande influência na comunicação.

Desempenha, desde a sua origem, um papel fulcral na cultura, sociedade, economia e política. Como referiu Marcelo Caetano, “a televisão é, nos tempos correntes, um instrumento essencial de acção política e nós não podemos hesitar na sua utilização”¹²⁸.

Assumia-se como um espectáculo de mais fácil consumo, retirando o forte protagonismo que o cinema possuía até então e tornava-se gradualmente numa cultura de massas.

A conjugação da comodidade que a televisão gerava, com o aumento dos serviços voltados para o lar, aumentavam as opções de lazer e tiveram consequências na diminuição das deslocações das pessoas ao cinema.

¹²⁸ Marcelo Caetano numa carta a Ramiro Valarão, Presidente da RTP em 28 de Dezembro de 1970, In CARVALHO, Alberto Arons de. *A RTP e o serviço público de televisão*. Coimbra: Edições Alameda. SA, Abril de 2009.p.37.

3.1.2 - Os centros comerciais e as novas salas de cinema.

Na Idade Média, as viagens tornavam-se difíceis pela fragmentação do poder político, diminuição da população e grande instabilidade em que se vivia.

Os comerciantes deixavam de viajar e optavam por se instalar nas cidades. A união de vários comerciantes conduzia ao aparecimento dos primeiros tecidos comerciais, nas ruas dos centros urbanos.

No século XVIII existiam as primeiras galerias comerciais cobertas, nas cidades com prosperidade para o comércio, como Milão e Nápoles.

A realidade é que as formas de comércio encontravam-se em constante mutação. Alteravam-se as formas de negócio, as técnicas de venda, o tipo de equipamentos e as relações empresariais¹²⁹.

Das vendas em grandes armazéns passava-se às vendas em supermercados, onde os compradores já não precisavam dos vendedores para escolher os seus próprios produtos.

Paralelamente idealizavam-se os centros comerciais. Ocupavam o rés-do-chão de imóveis com outras funções, ou construía-se um espaço próprio para o efeito. Definiam-se pelo conjunto de lojas alugadas com aspecto uniformizado, frequentemente, com parques de estacionamento.

Até aos anos 50 localizavam-se sobretudo próximos de eixos rodoviários existentes, ou das antigas zonas comerciais. Eram de pequenas dimensões, muitas vezes a céu aberto e com reduzidos parques de estacionamento.

Após esta década, a necessidade de grandes áreas conduzia-os, geralmente, para fora dos centros das cidades, onde iam encontrar mais facilidades para a sua construção, através das maiores áreas para implantação disponíveis e da despreocupação com a envolvente.

A sua forma de concepção e as funções eram alteradas. Passavam a ser cobertos, climatizados e decorados.

Contudo, devido ao baixo poder de compra e reduzido crescimento económico, em Portugal surgiam apenas em 1971, com a inauguração do primeiro centro comercial, o Apolo 70.

A proliferação destes equipamentos fez-se de uma forma lenta e inicialmente nas duas grandes cidades, Lisboa e Porto.

¹²⁹ CACHINHO, Herculano. *Centros comerciais em Lisboa. Os novos espaços de consumo*. Lisboa: Universidade de Lisboa, 1991. p.17.

Porém, a partir de 1974, e sobretudo na década de 80, deu-se uma grande difusão na construção dos centros comerciais. Primeiro nas capitais de distrito e, mais tarde, nas cidades província.

O tamanho dos centros comerciais dependia da dimensão das cidades onde se inseriam.

Com vários pisos, tornavam-se capazes de oferecer as mais variadas formas de serviços. As inúmeras lojas de vestuário, equipamentos, restaurantes, comércio de alimentos, bancos e cinemas tornavam-nos em espaços de fácil consumo, capazes de responder às necessidades de uma clientela muito variada.

De facto, segundo o inquérito realizado por Herculano Cachinho¹³⁰ aos consumidores que frequentam os centros comerciais, verifica-se que a preferência por estes sítios relaciona-se sobretudo com as vantagens dos horários de funcionamento e com a variedade de artigos disponíveis.

A realidade é que estes locais apresentam dupla função.

Paralelamente à realização de compras apresentam-se como espaços de convívio e de lazer, em que se destacam os passeios para ver as montras, ir ao café e ao cinema¹³¹.

De facto, os passeios de domingo pelas avenidas, os rituais da ida ao cinema, onde era possível mostrar o estatuto social através da frequência e dos trajes, foram trocados pelos passeios em frente às montras dos centros comerciais.

As reuniões de sociabilidade são feitas nos seus átrios e os passeios num ambiente artificial e climatizado.

Ir ao cinema passou a ser uma actividade secundária, como complemento dessas actividades.

A estrutura das novas salas de cinema alterou-se. Sem verdadeiros espaços de convívio, passam a contemplar uma bilheteira onde se fazem várias filas, sobre jogos de luz que definem os cartazes dos diversos filmes em exibição.

As salas multiplicaram-se, tornaram-se mais confortáveis e mais pequenas, e o seu acesso faz-se através de percursos por corredores sinuosos, onde se vão ouvindo os barulhos dos filmes projectados nas outras salas.

¹³⁰ *Idem.* p.154.

¹³¹ *Idem.* p.157.

Para os mais jovens, os centros comerciais são vistos como locais onde têm oportunidade de encontrar os seus conhecidos e até conhecer outras pessoas.

Assim, tornam-se focos de vida social.

O facto de aqui não haver distinções entre classes sociais revela que a passagem por estes locais pode também funcionar como uma forma de adquirir um estatuto, através das compras realizadas, tornando-se locais de passagem obrigatória.

Os espaços de lazer que se inserem nestes centros são planeados de forma a torna-los mais atractivos ao público e a facilitar a rentabilidade dos restantes estabelecimentos.

Desta forma, e através da marcação urbana que os centros comerciais adquiriram, pode ser feita uma analogia entre estes e os Cine-Teatros, na medida em que se tornaram elementos marcantes na malha urbana e espaços de convívio e lazer, levando ao desprestígio das ruas e dos antigos espaços de projecção.

Diferentemente da sociedade do século XX que se revia sobretudo na monumentalidade dos espaços de lazer, a sociedade actual revê-se na monumentalidade dos centros comerciais, tidos como pontos de encontro.

3.1.3 - Novas formas de sociabilização. A internet.

A internet teve origem na década de 50, durante a Guerra Fria.

Em 1957, o lançamento do Sputnik 1¹³² pela União Soviética, levou ao desencadeamento da ARPA (Agência para Projectos de Investigação Avançada), pelos Estados Unidos, de forma a estabelecer e manter a liderança na ciência e na tecnologia, a nível mundial.

Mais tarde, em 1968 foi gerada a ARPANET, que criava a primeira rede de computadores a grandes distâncias.

Nesta altura já se afirmava que, em poucos anos, as pessoas podiam comunicar através dos computadores.

Mas foi sobretudo na década de 90 que o desenvolvimento da internet adquiriu outros contornos, permitindo a ligação em toda a parte do globo.

¹³² Primeiro satélite espacial enviado pela União Soviética a 4 de Outubro de 1957. SLEVIN, James. *Internet e Sociedade*. Traduzido por Maria da Graça PINHÃO. Lisboa: Temas e Debates, 2002. P.59.

Tornava-se, num meio de comunicação e ligação entre utilizadores situados nos mais diversos e distantes locais.

Numa sociedade cada vez mais voltada para as tecnologias, a globalização da internet pode ser apontada como um dos factores que tem vindo a contribuir para a alteração dos hábitos socioculturais.

Um estudo efectuado sobre os “padrões de utilização da internet na sociedade portuguesa” revela que a sociabilidade e o lazer se situam entre os três domínios mais apontados para o uso da internet¹³³.

Esta pesquisa demonstra ainda que as relações de sociabilidade são fortalecidas pela sua utilização. Independentemente do local onde os indivíduos se encontram, podem estabelecer contactos com os amigos e familiares, reduzindo por isso a sensação de isolamento do mundo.

De facto, a internet introduziu inúmeras ferramentas que se podem explorar, tais como a *web*, o correio electrónico, grupos e fóruns de discussão, e a possibilidade de conversação em tempo real¹³⁴.

A criação de um mundo virtual leva a que o tempo e o espaço, enquanto meios envolventes das interacções do homem, tomem dimensões de um espaço não físico, artificial e sem fronteiras.

Aquí, o computador é o meio que permite a interacção entre os usuários.

Os elementos que se tornam determinantes nas relações tradicionais como o sexo, aparência ou classe social, nas relações virtuais tornam-se ambíguos, pois não se sabe ao certo a realidade da outra pessoa.

Assim, a possibilidade do anonimato permite a criação de uma identidade distanciada ou não da real, o que não é possível nas formas de sociabilizar tradicionais.

Esta mutação de identidade é encarada como uma forma de protecção perante o desconhecimento da veracidade daqueles com que se interage.

Esta forma de comunicar não é um verdadeiro acto de sociabilidade pois as pessoas reúnem-se apenas num espaço virtual, do qual facilmente se podem desligar¹³⁵ e permanecer sozinhos.

¹³³ CARDOSO, Gustavo; COSTA, António Firmino da; CONCEIÇÃO, Cristina Palma; e GOMES, Maria do Carmo. *A sociedade em rede em Portugal*. Porto: Campo das Letras, 2005. p.167.

¹³⁴ MARCELO, Ana Sofia. *“Internet e novas formas de sociabilidade.”* Tese de mestrado em Ciências da Comunicação apresentada à Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2001. p.28.

Além disso, enquanto comunicam não têm uma interacção pessoal com o outro, contudo quando o relacionamento se faz através de redes sociais permite saber que compartilham os mesmos interesses.

Muitas vezes são criadas relações esporádicas e efémeras em que as pessoas não se conhecem verdadeiramente, e o único meio de contacto é a internet.

Desta forma, criam-se comunidades reais que se tornam virtuais pela inexistência de uma presença física alcançável¹³⁶.

O desenvolvimento deste tipo de relação não implica que as relações sociais directas sejam suprimidas. Por outro lado, são um instrumento de conexão para a realização de encontros nos espaços considerados tradicionais.

A realidade é que os utilizadores ligam-se entre si e podem ter acesso a um vasto leque de informações, provenientes de qualquer parte do mundo.

A internet tornou-se num meio capaz de alterar as formas de interacção social onde, para além da facilidade que oferece em pesquisar informação, torna-se num local de encontro e de partilha. Dá mais liberdade à sociedade, na medida em que todos os indivíduos têm possibilidade de expressar livremente as suas opiniões¹³⁷.

Uma vez que o dia-a-dia de grande parte das pessoas não lhes permite o contacto directo nos tradicionais espaços de sociabilidade, a internet cria um novo espaço de encontro e sociabilidade que possibilita o relacionamento com vários indivíduos, povos e culturas, distantes no tempo e no espaço¹³⁸.

De facto, a internet potencia a existência de comunidades virtuais, pois, como afirma Rogério Santos, “*parece que as pessoas se isolam e se ligam às máquinas mediadoras, esquecendo o lado convivencial da praça pública e da festa entre amigos. Há perda de contacto no espaço público físico e ampliam-se as ligações aos espaços virtuais*”¹³⁹.

Tal como o cinema, a televisão e os centros comerciais causaram alterações na sociedade da sua época, também a internet tem revelado uma grande capacidade em alterar a forma como o homem vive em sociedade.

¹³⁵ *Idem.* p.93.

¹³⁶ *Idem.*

¹³⁷ *Idem.* p.123.

¹³⁸ *Idem.* p.134.

¹³⁹ SANTOS, R. (1998). *Os Novos Media e o Espaço Público*. Lisboa: Gradiva - Publicações, Lda. p.154. Cit por MARCELO, Ana Sofia. *Internet e novas formas de sociabilidade*. Tese de mestrado em Ciências da Comunicação apresentada à Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2001. 139.

3.1.4 - Património decadente

Após surgirem, nos anos 20, alguns indícios da utilização do betão armado na construção, é sobretudo na década de 30 que se afirma como um material capaz de modelar as formas dos edifícios. Passava a haver uma relação directa com a função.

Esta nova possibilidade viria facilitar a introdução da arquitectura moderna em Portugal, onde se introduzia uma nova linguagem mais funcionalista e racionalista.

A arquitectura portuguesa sofria então uma grande mudança com a introdução deste material. É marcada pela construção do Cine-Teatro Capitólio, do arquitecto Cristino da Silva.

Desde então podia-se construir um edifício com um programa muito variado, pois a utilização de grandes vãos já não implicava a utilização do arco.

É neste contexto que os arquitectos acabados de formar apostavam na renovação linguística¹⁴⁰ e afirmavam-se com as suas obras de iniciativa privada.

Desta forma, o Estado Novo que entretanto se implantava, interessou-se pela imagem de renovação, eficiência e modernismo¹⁴¹ que a arquitectura lhe podia conferir, através da qual podia afirmar o seu poder, com a monumentalidade dos edifícios.

As obras de iniciativa privada por se dedicarem sobretudo ao lazer e ocupação dos tempos livres encontravam-se distanciadas das normas impostas pelo regime.

No entanto, também deviam assegurar a sua monumentalidade por identificarem e reflectirem a sociedade que ia adoptando novos hábitos socioculturais.

Surgiam, a partir da década de 30, os equipamentos destinados lazer, onde se destacam, para o caso em estudo, os Cine-Teatros, que se espalharam praticamente por todo o território português.

Como locais de encontro para fruição de lazer e grandes referências na malha urbana, no início dos anos 70 o contexto alterava-se.

A par das novas formas de lazer e facilidade de deslocação, o crescimento natural das cidades levou a que muitas pessoas deixassem de frequentar os centros urbanos de igual forma.

Este crescimento permitia o envelhecimento das estruturas urbanas e tornava-se propício ao aumento de violência e insegurança vivida nestes locais, alterando o seu significado.

As antigas ruas e avenidas deixavam de ser pontos de encontro para se transformar em meros locais de passagem de veículos e pessoas, marcados pela impessoalidade.

¹⁴⁰ TOSTÕES, Ana. *Arte Portuguesa da Pré-História ao Século XX :Arquitectura Moderna e obra global a partir de 1900*. Fubu Editores, 2009.p.25.

¹⁴¹ SILVA, Susana Constantino Peixoto da. *Arquitectura de Cine-Teatros: Evolução e Registo (1927-1959)*. Edições Almenida, 2010.p.43.

Consequentemente os Cine-Teatros sentiam a falta de público e, tal como a sua envolvente, iam-se degradando.

De uma forma geral, os não completavam meia década de actividade e tornavam-se velhos e, na maior parte, abandonados, “no entanto, ainda lá se encontrava tudo, ainda era possível salvar tudo”¹⁴².

Quando a degradação dos materiais começava a tornar-se evidente, surgia a necessidade de realizar obras para que os Cine-Teatros continuassem a afirmar o seu carácter moderno. Mas as dificuldades económicas que advinham da ausência de público não o permitiam.

Assim, com a inobservância de segurança e salubridade, as vistorias ditavam o encerramento destes equipamentos culturais, até que se realizassem obras.

Porém, mesmo que a vontade dos proprietários fosse manter o recinto aberto, por falta de financiamento, nalguns casos nunca chegavam a acontecer, como no caso do Cine-Teatro Avenida de Idanha-a-Nova que encerrou devido às infiltrações na cobertura.

A realidade é que a maioria dos Cine-Teatros passou por um momento de encerramento que, em muitos casos, se tem prolongado até à actualidade.

O facto de pertencerem a um passado tão recente não os enquadra, ainda, na hipótese de serem considerados como património histórico e por isso desvalorizados como tal.

Contudo, através da sua história, adquirem um valor inestimável como identidade colectiva e memória da sociedade que por lá passou.

Desta forma, é importante o seu reconhecimento enquanto património a reconhecer e a salvaguardar¹⁴³.

Outra questão que se levanta, é o facto destes equipamentos possuírem um programa arquitectónico que actualmente não é rentável. Por isso, e ao contrário dos teatros do século XIX, nenhum foi ainda de alvo de obras de restauro que lhe permitissem a manutenção do estado original. A realidade é que a reutilização destes equipamentos deve prever as necessidades da sociedade actual.

¹⁴² DIETRICH, Jochen. *Cine Teatros de Portugal*. Leiria: Tipografia LIS, 1998.p.23.

¹⁴³ TOSTÕES, Ana, e et al. *Arquitectura Moderna Portuguesa 1920-1970*. Lisboa: IPPAR, 2004.

3.2- Novas oportunidades: Cine-Teatro da Guarda.

As transformações que a sociedade sofreu com a entrada no século XXI revelaram alterações nas suas vivências que, conseqüentemente tiveram repercussões no edificado que outrora a representou.

Os hábitos alteraram-se mas os edifícios permaneceram.

A sua localização é uma vantagem que despoleta interesses camarários para sua aquisição. Contudo, a sua volumetria e programa tornam-se desfavoráveis a adaptações que não se relacionem com o seu passado.

Algumas Câmaras Municipais têm vindo a contribuir para a sua valorização e recuperação. Adquirem os edifícios de forma a adapta-los, com as necessárias alterações às necessidades actuais. Mas nem sempre isso é possível.

Este facto verifica-se em alguns dos casos abordados neste estudo.

De um modo geral, como se sucedeu nos casos dos Cine-Teatros Avenida de Castelo Branco, S. Luís de Pinhel, e brevemente no Teatro-Cine da Covilhã, são adquiridos pelas autarquias que os recuperam e reintroduzem na cidade.

Porém também se verificam situações em os Cine-Teatros permanecem inactivos.

Aqui refere-se o Cine-Teatro Gardunha, no Fundão, que se encontra disputado entre os herdeiros proprietários e a Câmara Municipal, que o pretende adquirir, o Cine-Teatro Avenida em Idanha-a-Nova que, de entre os casos abordados parece ter sido o que menos possibilidades teve para dar continuidade à sua actividade e, por fim, surge o Cine-Teatro da Guarda para o qual várias utilizações já se propuseram na Câmara Municipal mas que, ainda assim permanece inactivo.

Desta forma, analisaram-se as infra-estruturas culturais de cada uma destas cidades, com o objectivo de verificar qual teria mais hipóteses de ser reintroduzido na cidade e na sociedade.

A principal preocupação foi a Sala de Espectáculos. Assim, o novo programa devia enquadrar-se no espectáculo, em respeito ao passado do edifício. A situação actual de cada um foi ainda considerada.

No caso de Idanha-a-Nova constatou-se a presença do recente “Centro Cultural Raiano” que responde às variedades culturais e do espectáculo.

Por outro lado, as dimensões gerais (e especificamente do palco) do Cine-Teatro não se tornavam favoráveis à realização de um projecto de adaptação.

O facto de actualmente ser utilizado como habitação dos proprietários tornou descartável a hipótese de intervir neste edifício.

No Fundão, os programas de cinema e teatro desenvolvem-se na “Casa da Moagem”. Paralelamente, esta cidade possui outras infra-estruturas destinadas ao espectáculo, como a “Academia de Música e Dança do Fundão”.

Por outro lado, o facto de na IGAC se terem encontrado projectos recentes para adaptação do Cine-Teatro, e ainda por se encontrar disputado entre os herdeiros do proprietário e a Câmara Municipal, levou-nos a acreditar que há interesse de ambas as partes em reabilitar o edifício. Pelo que esta hipótese também deixou de ser considerada.

Por fim, na Guarda encontrou-se o “Teatro Municipal da Guarda” que responde aos programas mais variados do espectáculo, onde se destacam o teatro e cinema, anteriormente desenvolvidos no Cine-Teatro.

Neste caso, o edifício é consideravelmente maior e mais interessante arquitectonicamente do que os anteriores.

O facto se ter sido o único onde não se constatou qualquer utilização nem intenções de adaptação, levou a considera-lo a melhor das três hipóteses para intervenção.

Uma vez que não fazia sentido dar continuidade ao programa inicial, e que a premissa era respeitar a Sala de Espectáculos, considerou-se a adaptabilidade a ma função que devesse englobar um auditório. Desta forma, e através do contacto com a Câmara Municipal verificou-se a existência de aulas de dança em pavilhões inapropriados, e a ausência de uma academia para o efeito.

Assim optou-se por adaptar o Cine-Teatro a Academia de Dança.

3.2.1 - Programa, forma, função original

Memória descritiva e justificativa do Cine-Teatro da Guarda

“Esta casa de espectáculos com acomodação para cinema e teatro, destina-se a substituir a existente ficando situada no gaveto marginado pelas ruas Vasco da Gama e Dr. Francisco dos Prazeres.

A lotação desta casa é aproximadamente de 1000 lugares, distribuídos pela plateia, 1º balcão, frizas e 2º balcão.

Acesso a sala de espectáculos: Faz-se elo gaveto para a plateia, 1ºbalcão e frizas, porem a entrada para o 2º balcão faz-se pela rua Vasco da Gama.

A Sala de Espectáculos é circundada por uma galeria de acesso à mesma, ficando esta em comunicação com o exterior por duas saídas laterais para a rua Vasco da Gama e para o átrio principal e para a rua Dr. Francisco dos Prazeres. Lateralmente ao átrio partem duas escadas, que conduzem ao balcão e frizas, ficando neste pavimento um gabinete para a gerência, salão e vestiário.

Para o 2º balcão o acesso é feito por uma escada que parte dum vestíbulo situado na rua Vasco da Gama, onde se encontram também bilheteiras privativas. A forma da Sala de Espectáculos adapta-se ao terreno e às demais peças exigidas. Os materiais a empregar serão de boa qualidade e aspecto em virtude de se tratar de uma casa de espectáculos para uma cidade como a Guarda.

Disposição das entradas e saídas do público: Como já se disse há duas entradas com as respectivas bilheteiras, uma no gaveto que dá acesso à plateia, balcão e frizas e outra na rua Vasco da Gama para a geral. No final do espectáculo, o público da plateia e balcão sairá pelo gaveto e pelas saídas laterais que dão para a rua Vasco da Gama e Dr. Francisco dos Prazeres. O público da geral descera pela sua escada privativa e terá a saída para a rua Vasco da Gama. A disposição das saídas permite assim uma rápida evacuação da sala.

Bares: Há um bar ao nível da plateia e bem assim como ao nível do 1º e 2º balcões.

Vestiários: Há vestiários em todos os pavimentos, colocados por forma a que a aglomeração do público não possa prejudicar as saídas; além destes haverá também, no piso da plateia vestiário para o pessoal.

Instalações sanitárias: Existem em todos os pavimentos para ambos os sexos.

Entrada dos artistas e pessoal do palco: Estes entrarão pelo corredor a descoberto que dá para a rua Vasco da Gama, donde pelas escadas de acesso ao nível do palco, passarão aos respectivos camarins e palco. Todas as portas do palco e sub-palco que forem de ferro estão indicadas com as iniciais P.F.

Instalações sanitárias do palco: Os artistas e pessoal terão as suas instalações próprias. Nos camarins haverá lavatórios com água corrente.

Orquestra: Esta entra para o fosso de orquestra pelo sub-palco, porem o seu acesso faz-se independente da caixa do palco. O acesso do ponto à respectiva caixa é também independente sendo a cabine isolada e completamente isolada por materiais incombustíveis.

Cabine de projecção: Esta fica colocada um pouco acima do nível do segundo balcão, em construção própria e incombustível, sendo o acesso a mesma feito por uma escada privativa e vedada ao público. É constituída por cabine do bombeiro, cabine de enrolamento sendo estes compartimentos ligados por corredor. As portas de comunicação serão em ferro. Na cabine colocar-se-á uma chaminé de ventilação.

Cobertura: A armação será em ferro sendo a cobertura em telha tipo "Marselha". As restantes coberturas serão em laje de cimento armado.

Abastecimento de água: Todas as instalações sanitárias, torneiras de limpeza e bares serão alimentadas por água corrente. Far-se-á um depósito com capacidade de 10000 litros que será colocado do lado direito do palco, elevando-se 6 metros acima do cume do telhado, ficando ligado ao quadro do bombeiro do palco e alimentando o chuveiro e as bocas-de-incêndio, que serão distribuídas conforme as instruções dadas pela Exma. Inspeção Geral dos Espectáculos.

Também será colocado um depósito de 10 metros cúbicos acima da cabine de projecção. Esta casa de espectáculos será dotada de aquecimento.

O saneamento será feito em harmonia com o regulamento de saneamento urbano.

Porto, 27 de Março de 1948”

(Assinado por Manuel Lima Magalhães)

Função original

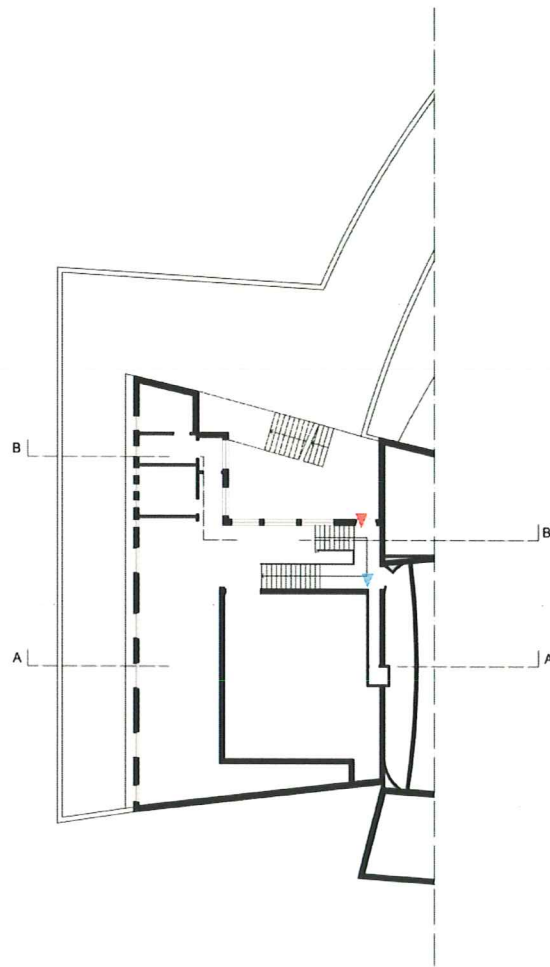


Fig.122- Cine-Teatro da Guarda. Planta do piso -1. Existente.



- | | | |
|--|--|--|
| ■ Acessos verticais | ■ Sub-palco | ■ Caldeira |
| ■ Circulação | ■ Caixa | ■ Combustível |
| ■ Arrumos | ■ Fosso de orquestra | ■ Guarda |



Fig.123 - Cine-Teatro da Guarda. Entrada para a caixa e fosso de orquestra. Localização na planta a vermelho. Imagem do autor. Março de 2011.



Fig.124 - Cine-Teatro da Guarda. Caixa. Localização na planta a azul. Imagem do autor. Março de 2011.

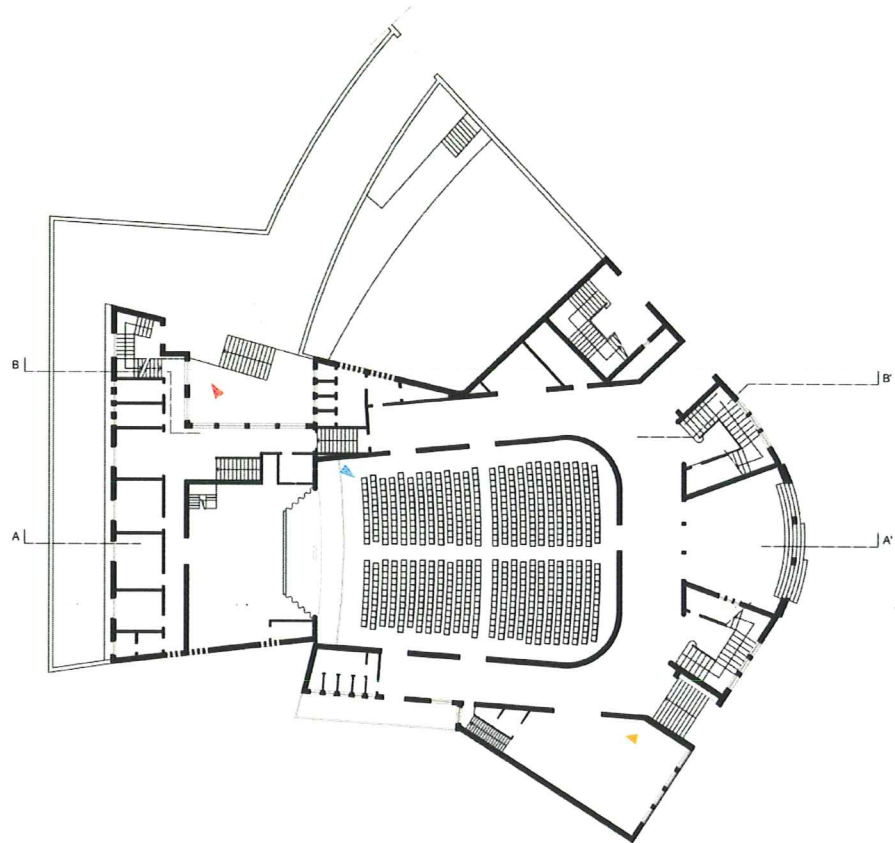
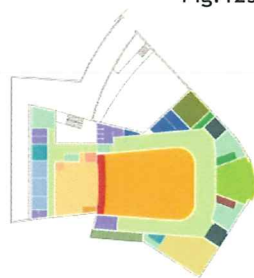
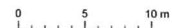


Fig.125- Cine-Teatro da Guarda. Planta do piso 0. Existente.



- | | | |
|-------------------------------------|--------------------|-------------------|
| Acessos verticais | Palco | Vestiário |
| Circulação | Cabine eléctrica | Bar |
| Arrumos | Fosso de orquestra | Entrada principal |
| Wc | Sala Espectáculos | Entrada 2º balcão |
| Foyer dos artistas | Cabine bombeiro | Saídas |
| Camarins | Varanda exterior | Bilheteiras |
| Escada de acesso à varanda do palco | | |



Fig.126 -. Cine-Teatro da Guarda. Entrada para os camarins. Localização na planta a vermelho. Imagem do autor. Março de 2011.



Fig.127 - Cine-Teatro da Guarda. Sala de Espectáculos. Localização na planta a azul. Imagem do autor. Março de 2011



Fig.128 - Cine-Teatro da Guarda. Bar. Localização na planta a amarelo. Imagem do autor. Março de 2011.

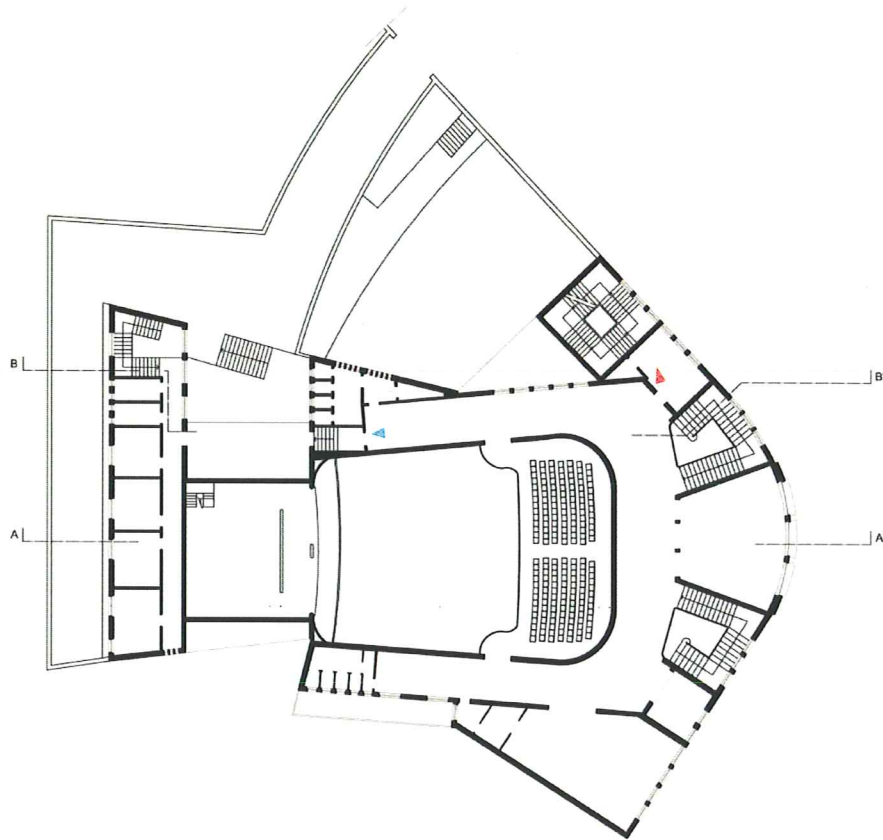
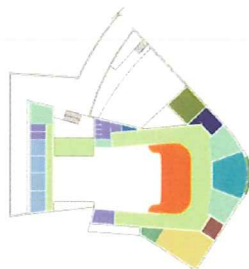
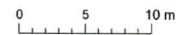


Fig.129- Cine-Teatro da Guarda. Planta do piso 1. Existente



- | | | |
|--|--|--|
| Acessos verticais | Gabinete gerência | Vestiário |
| Circulação | 1º Balcão | Acesso ao 2º balcão |
| Arrumos | Apoio bar | Foyer |
| Camarins | Bar | Wc |



Fig.130 - Cine-Teatro da Guarda. Gabinete da gerência. Localização na planta a vermelho. Imagem do autor. Março de 2011.



Fig.131 - Cine-Teatro da Guarda. Entrada da varanda de acesso ao corpo de camarins. Localização na planta a azul. Imagem do autor. Março de 2011.

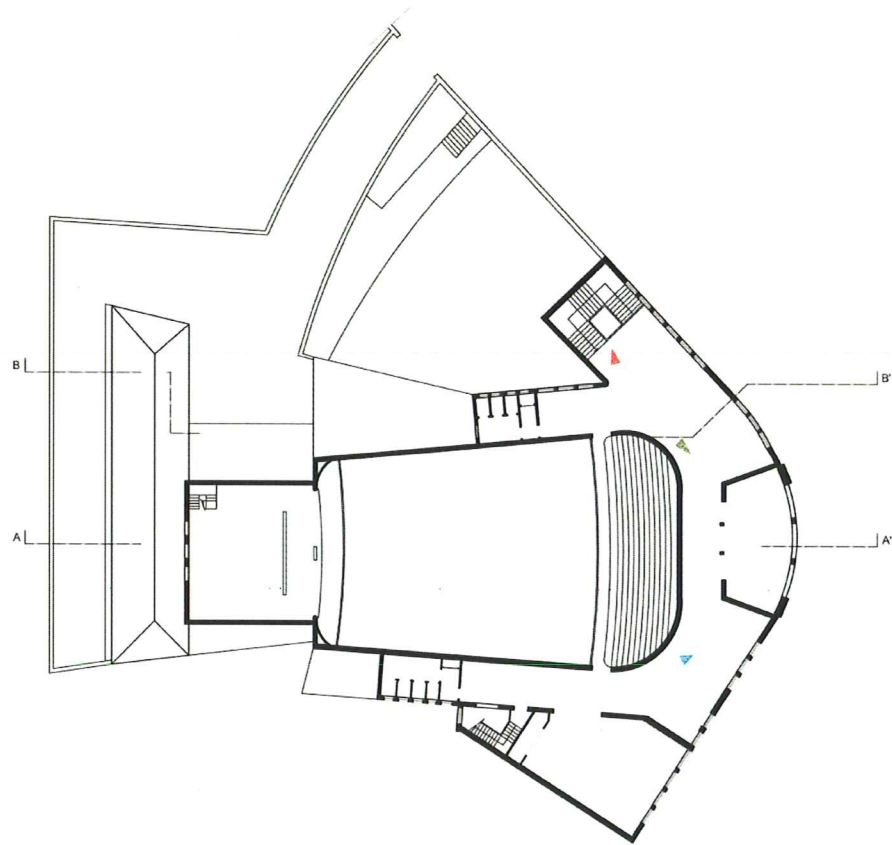
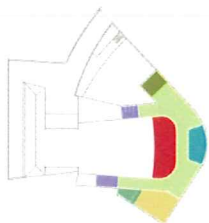


Fig.132- Cine-Teatro da Guarda. Planta do piso 2. Existente.



- | | | |
|---|---|--|
| Acessos verticais | Foyer | Bar |
| Circulação | 2º Balcão | Acesso à cabine de projecção |
| Acesso ao 2º balcão | Wc | |

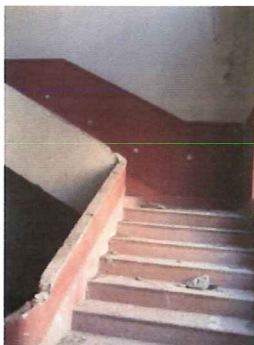


Fig. 133 - Cine-Teatro da Guarda. Fotografia da entrada de acesso ao 2º balcão. Localização na planta a vermelho. Imagem do autor. Março de 2011



Fig. 134 - Cine-Teatro da Guarda. Fotografia da zona de circulação. Localização na planta a verde. Imagem do autor. Março de 2011.



Fig.135 - Cine-Teatro da Guarda. Fotografia do corredor do 2º balcão. Localização na planta a azul. Imagem do autor. Março de 2011.

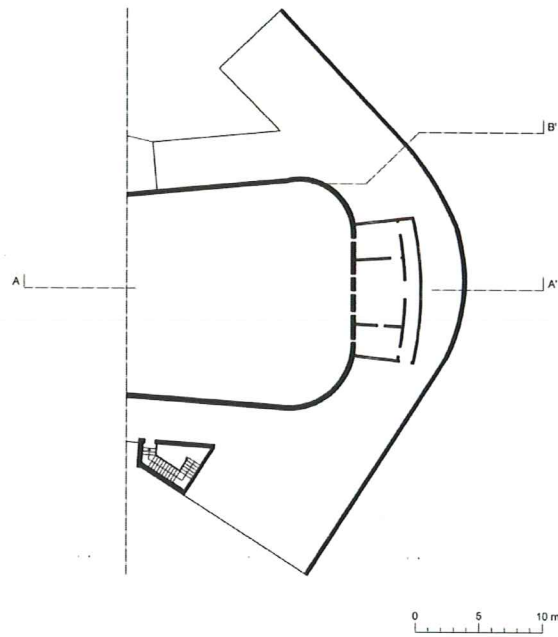


Fig. 136- Cine-Teatro da Guarda. Planta do piso 3. Existente.

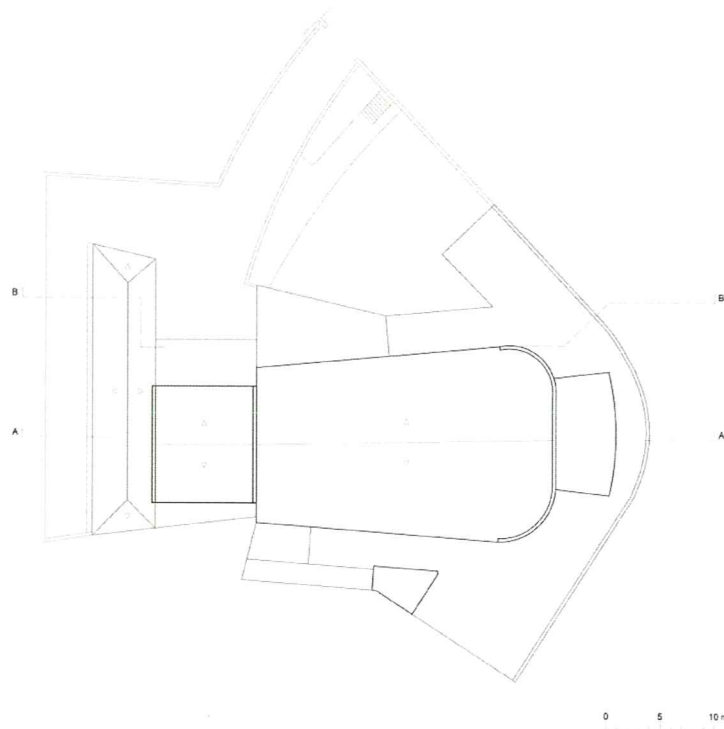
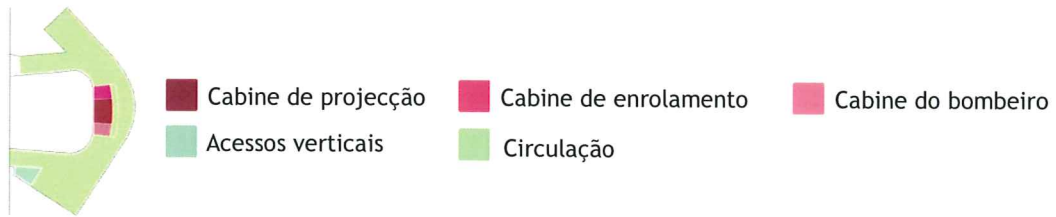


Fig. 137 - Cine-Teatro da Guarda. Planta de cobertura. Existente.



Fig. 138 - Cine-Teatro da Guarda. Alçado Principal. Existente.

0 5 10 m

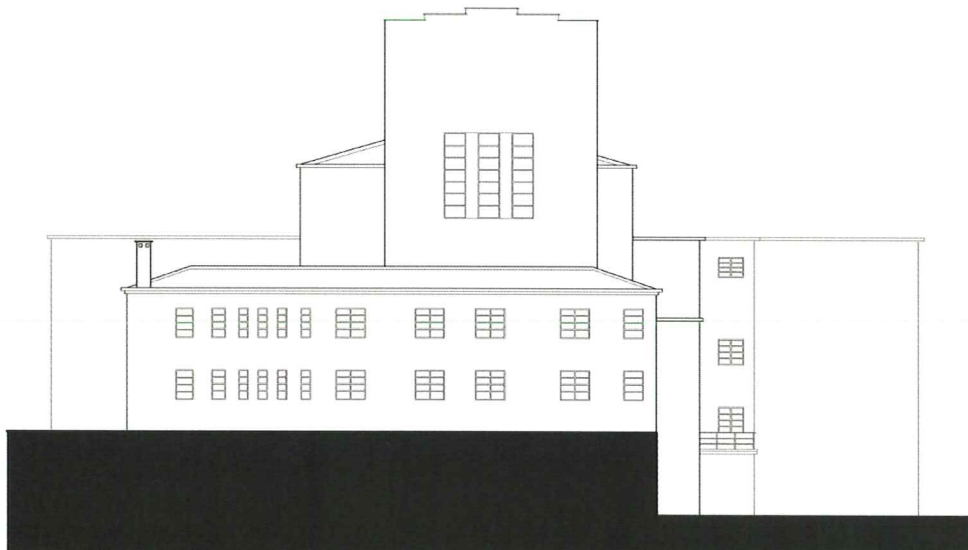


Fig. 139 - . Cine-Teatro da Guarda. Alçado Posterior. Existente.

0 5 10 m



Fig. 140 - Cine-Teatro da Guarda. Fotografia fachada principal. Imagem do autor. Março de 2011



Fig. 141 - Cine-Teatro da Guarda. Fotografia fachada posterior. Imagem do autor. Março de 2011.

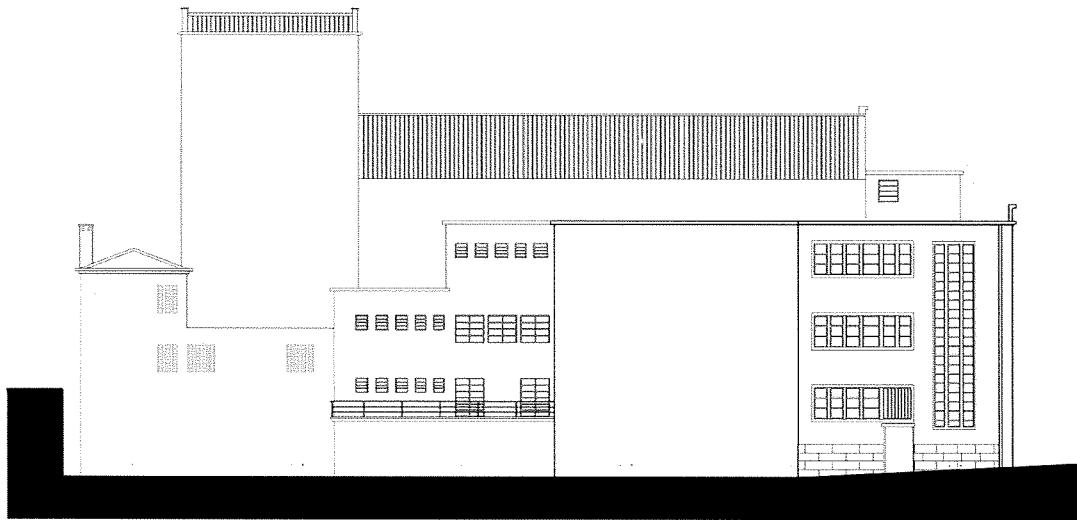


Fig. 142 - Cine-Teatro da Guarda. Alçado lateral esquerdo. Existente.

0 5 10 m

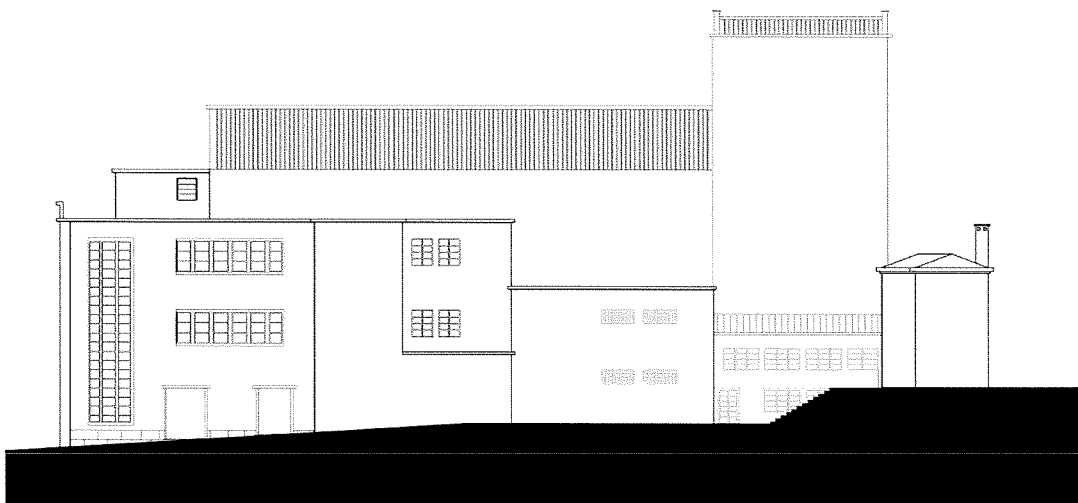


Fig. 143 - Cine-Teatro da Guarda. Alçado lateral direito. Existente

0 5 10 m

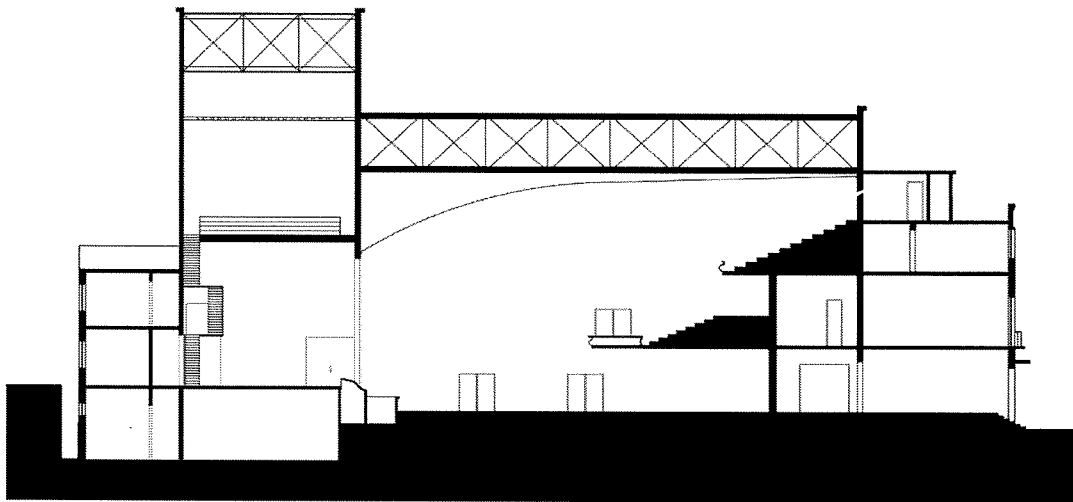


Fig. 144 - Cine-Teatro da Guarda. Corte AA'. Existente.

0 5 10 m

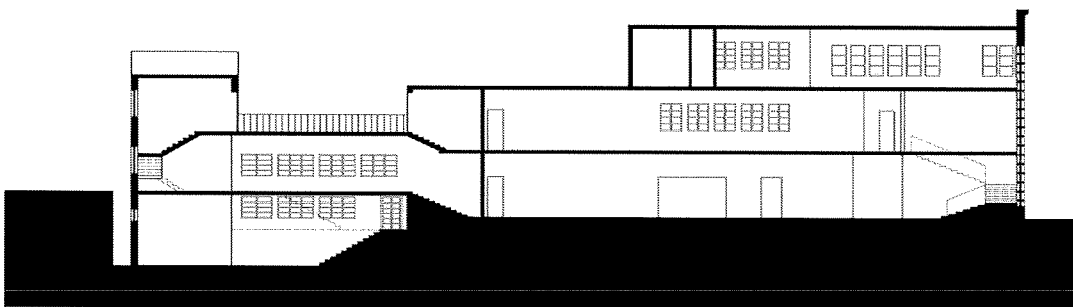


Fig. 145 - Cine-Teatro da Guarda. Corte BB'. Existente.

0 5 10 m

3.2.2 - Programa, forma, função a propor

Função a propor

A continuidade do programa original do Cine-Teatro tornou-se obsoleto pelo facto de o cinema já não necessitar de um equipamento com as suas características, e por existirem na Guarda outras infra-estruturas que respondem ao antigo programa, como o Teatro Municipal e as salas de cinema do centro comercial Vivaci.

A proposta a apresentar tinha como premissa dar continuidade à actividade cultural e manter o carácter de edifício público.

Surgiu assim a hipótese de o adaptar a Academia de Dança, pelo facto destas aulas actualmente se verificarem em pavilhões desportivos.

Proposta/Ideia

Na dança são produzidos diversos movimentos com o corpo humano. Assim, a ideia de intervenção tem como base transmitir esse movimento no edifício.

Os fundamentos da dança definem que o movimento é criado num determinado tempo, espaço e forma, e é diferente em cada corpo, contudo em todos eles pode ser total, parcial, contínuo, curvo, recto, forte e fraco, onde:

Movimento total: Todas as partes do corpo estão em movimento.

Movimento parcial: Enquanto umas partes do corpo se encontram em movimento, as outras permanecem estáticas.

Movimento Contínuo: Dada a fluidez do movimento é difícil distinguir onde começa e onde acaba.

Movimento curvo: São criadas formas e linhas curvas com o percurso do movimento.

Movimento recto: O corpo forma ângulos e planos com o cenário.

O movimento encontra-se representado de forma gradual desde a entrada até ao piso 2 e torna-se mais ou menos acentuado de acordo com as funções desenvolvidas em cada piso.

No piso 0, onde se encontram os serviços, desenvolve-se através de linhas rectas que formam diferentes ângulos entre si.

No piso 1, destinado a aulas teóricas e práticas, introduz-se o movimento parcial, para demonstrar que uma parte deste piso se destina à dança propriamente dita.

No piso 2, onde se estabelece a maioria das salas de aulas práticas, pretendeu-se transmitir a ideia de movimento total.

A transmissão da ideia de movimento é feita de uma forma gradual, desde a entrada ao último piso. A fluidez gerada no interior pretende ainda contrapor a do exterior.

Programa:

O programa proposto considerou os espaços pré-existentes como a entrada principal, bar, Sala de Espectáculos, camarins, zonas de convívio e bilheteira. Alguns destes espaços foram mantidos nas suas posições originais e outros alterados de forma a responder melhor à nova funcionalidade.

Por outro lado, foram inseridos novos em detrimento dos que se consideraram desnecessários. Introduziu-se a biblioteca, recepção, direcção, salas de professores e de reuniões, espaços para afixação de avaliações, elevador, cacifos, balneários, salas de aulas teóricas e salas de aulas praticas, com zonas de apoio para arrumos.

Forma:

As alterações formais desenvolveram-se sobretudo no interior do edifício através da criação de paredes curvas, de forma a transmitir o movimento dentro do espaço.

Devido à necessidade de adaptabilidade à nova função surgiram algumas alterações na sua configuração que, contudo, consideraram as pré-existências.

Função:

O edifício desenvolve-se em quatro pisos.

O piso -1 foi completamente remodelado.

Devido ao carácter cinematográfico do Cine-Teatro, anteriormente a plateia não era inclinada pois assim permitia uma boa visibilidade para o ecrã. Contudo para o programa proposto tornou-se obrigatória de forma a que todos os espectadores tenham uma boa percepção dos movimentos dos corpos gerados no palco.

Para tal, e uma vez que se tornaram desnecessários, foram removidos o fosso de orquestra, a caixa e o sub-palco, que deram origem ao palco e assim permitiram a inclinação da plateia, que também obrigou à alteração das suas entradas laterais.

Este piso tem duas possíveis formas de acesso. Através de uma pequena escadaria situada ao nível de meio piso, e através do superior, por escadaria ou elevador.

Paralelamente ao palco, onde se localizavam os arrumos, a caldeira, o armazenamento de combustível e o espaço do guarda, distribuem-se de igual forma as zonas técnicas e arrumos, e surgiram os sanitários e um camarim geral.

No piso 0 não se introduziram alterações significativas a nível formal.

De facto, a lotação original da Sala de Espectáculos tornou-se desnecessária para o programa em questão que contempla 339 lugares, sendo quatro acessíveis. Desta forma, foi diminuída na parte posterior, o que permitiu a introdução do elevador e do vestiário entre a entrada para a plateia, que foi aumentada.

Mantiveram-se as entradas principal, e a voltada para a rua Vasco da Gama.

No lugar da entrada para o 2º balcão surgiu a biblioteca.

Na posição das escadarias voltadas para a rua Dr. Francisco dos Prazeres desenvolveram-se a recepção e a secretaria.

O bar manteve a forma original, e os sanitários passaram a ser acessíveis a pessoas com mobilidade condicionada.

Na parte posterior do palco desenvolveu-se um camarim geral, de grandes dimensões, e dois mais pequenos. Todos possuem sanitários com duche.

No piso 1, surgiram as salas de aulas teóricas, no lugar do bar, do vestiário e da escadaria voltada para a rua Dr. Francisco dos Prazeres.

Em substituição do gabinete da gerência e da escadaria da geral surgiu uma ampla sala de aulas práticas, com zona de apoio para arrumos.

Os sanitários mantiveram a posição original, onde foram inseridos duches, e introduziram-se sanitários para pessoas com mobilidade condicionada.

Na parte posterior do edifício, sobre os camarins, instalaram-se as salas dos professores e a sala de reuniões.

O piso 2 foi completamente remodelado pois tornou-se desnecessário o segundo balcão.

Aqui surgiram as salas de aulas práticas com 50 m² nos casos das mais pequenas e 90 m² das maiores, um espaço para arrumos, a régie para efeitos de iluminação do palco e, tal como no piso anterior, mantiveram-se o espaço de socialização e os sanitários. Em ambos os casos foram aumentadas as suas dimensões.

Devido ao desnível existente entre a parte frontal do edifício e a posterior, foram introduzidas rampas que facilitam o acesso aos espaços.

Ao nível do alçado as alterações não são significativas como no interior.

No alçado frontal foi retirada a porta voltada para a rua Dr. Francisco dos Prazeres, e nos laterais aumentados os volumes que deram origem à área de apoio da sala de aulas do piso 1, e aos sanitários no piso 2.

Proposta

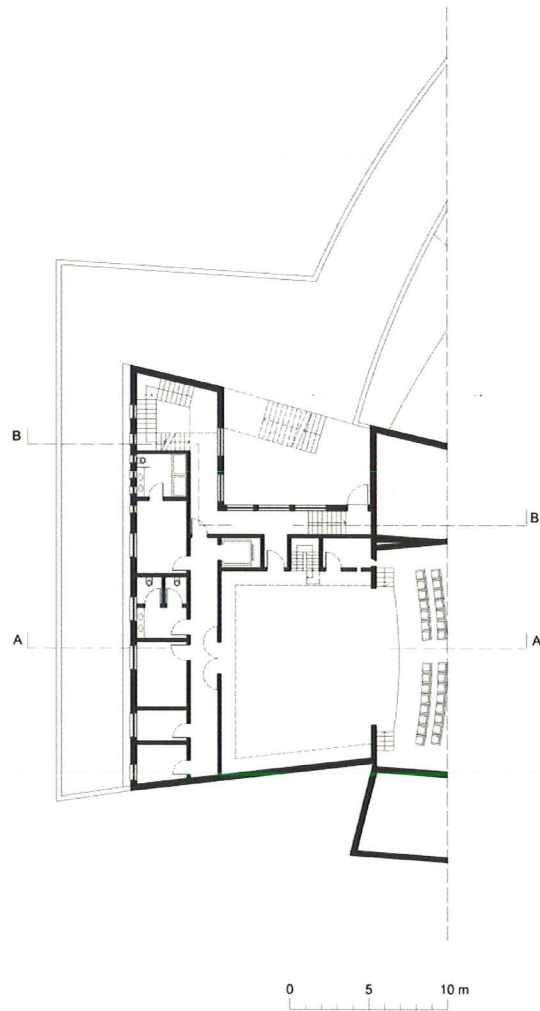
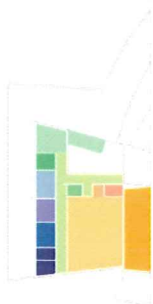


Fig. 146 - Cine-Teatro da Guarda. Planta piso -1. Intervenção



- | | | |
|-------------------------------------|-------------------|----------|
| Acessos verticais | Zonas técnicas | Elevador |
| Circulação | Palco | Arrumos |
| Wc dos camarins | Cabine eléctrica | Wc |
| Camarins | Sala Espectáculos | |
| Escada de acesso à varanda do palco | | |

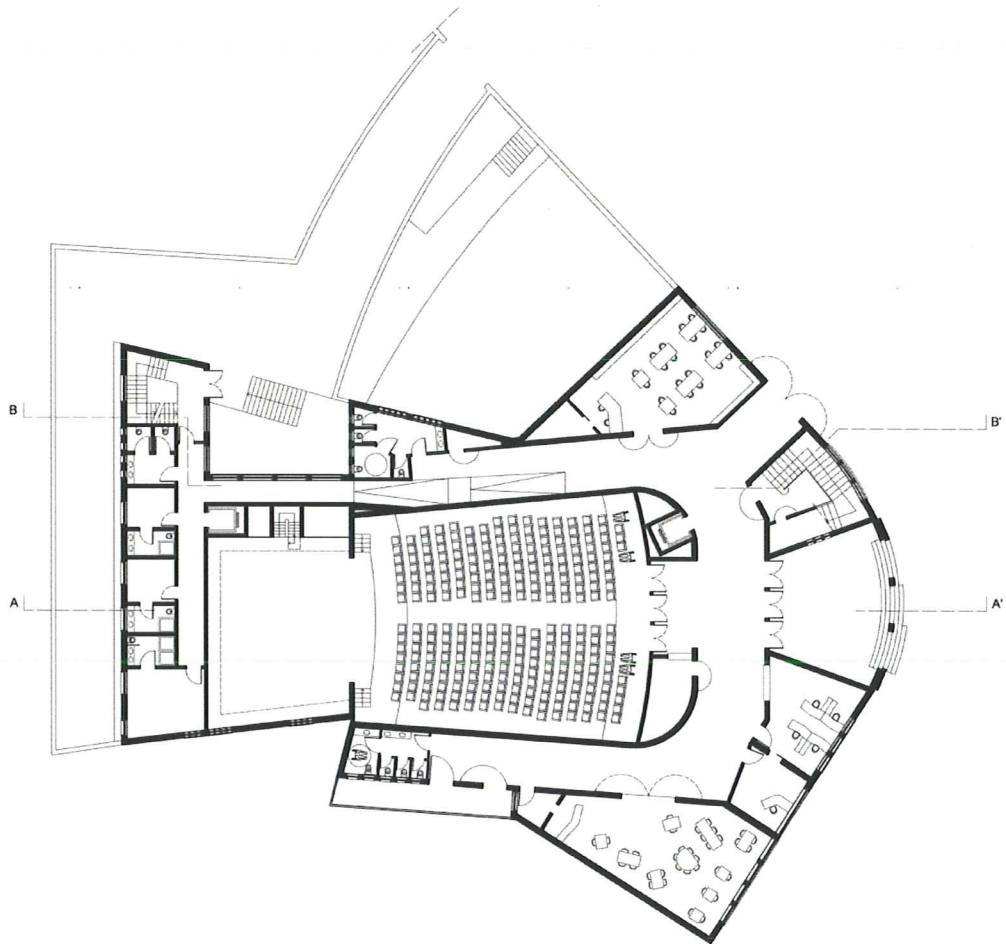
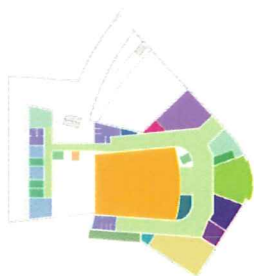


Fig. 147 - Cine-Teatro da Guarda. Planta piso 0. Proposta.



- | | | |
|--|---|--|
| ■ Acessos verticais | ■ Biblioteca | ■ Apoio biblioteca |
| ■ Circulação | ■ Sala de Espectáculos | ■ Bilheteira |
| ■ Wc camarins | ■ Vestiário | ■ Recepção |
| ■ Camarins | ■ Bar | ■ Direcção |
| ■ Wc | ■ Apoio bar | ■ Entrada principal |
| ■ Arrumos | ■ Cabine eléctrica | ■ Elevador |
| ■ Varanda exterior | | |

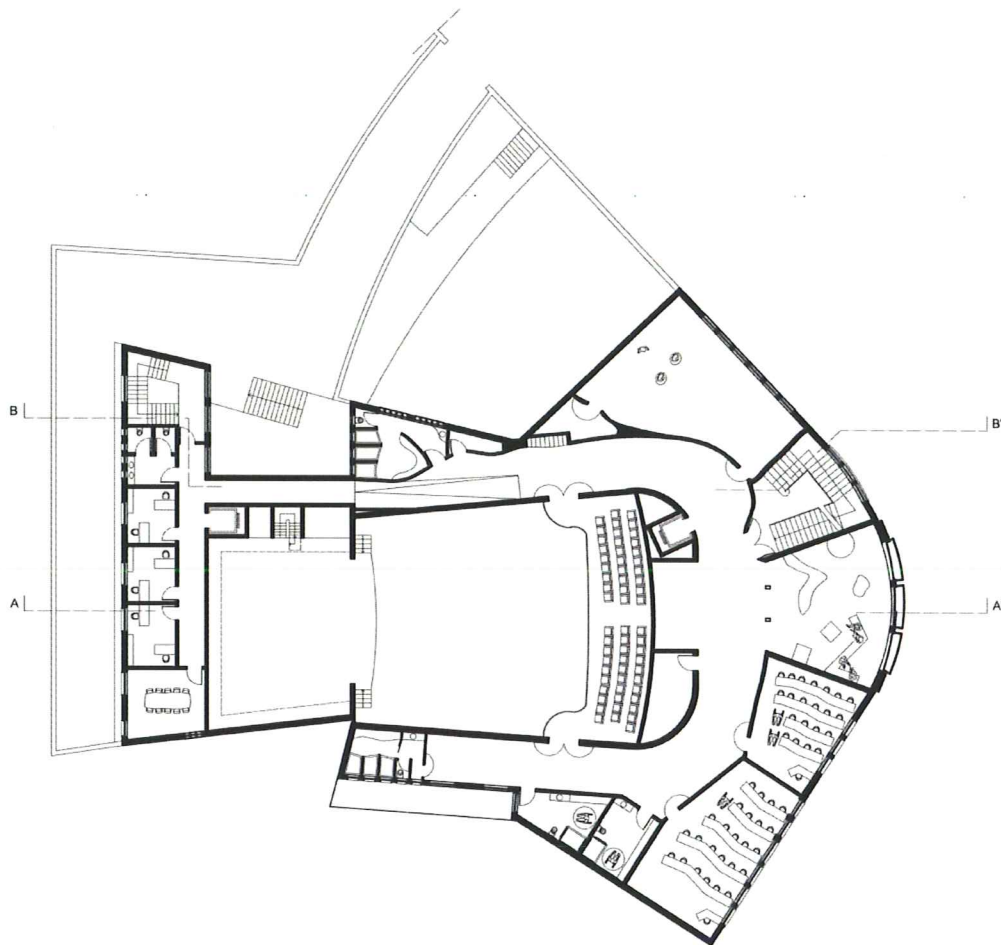
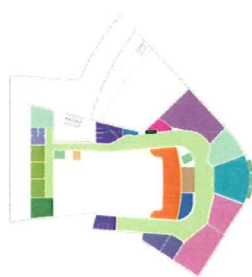


Fig. 148- Cine-Teatro da Guarda. Planta do piso 1. Intervenção.



- | | | |
|--|---|---|
| ■ Acessos verticais | ■ Sala de aulas práticas | ■ Apoio sala aulas |
| ■ Circulação | ■ 1º Balcão | ■ Sala aulas teóricas |
| ■ Sala professores | ■ Sala de convívio | ■ Cacifos |
| ■ Sala de reuniões | ■ Wc | ■ Afixação de avaliações |
| ■ Cabine eléctrica | ■ Wc acessível | ■ Elevador |
| ■ Arrumos | ■ Wc com duche | |

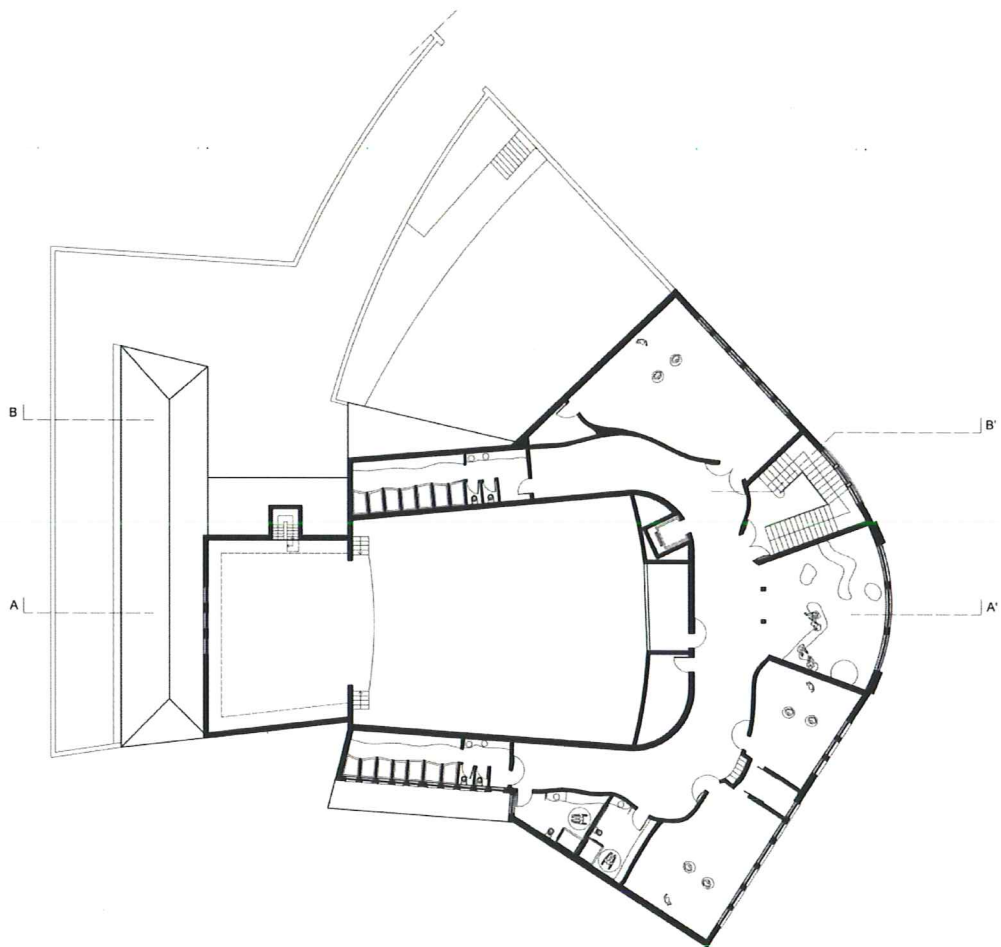


Fig. 149- Cine-Teatro da Guarda. Planta do piso 2. Intervenção.

0 5 10 m



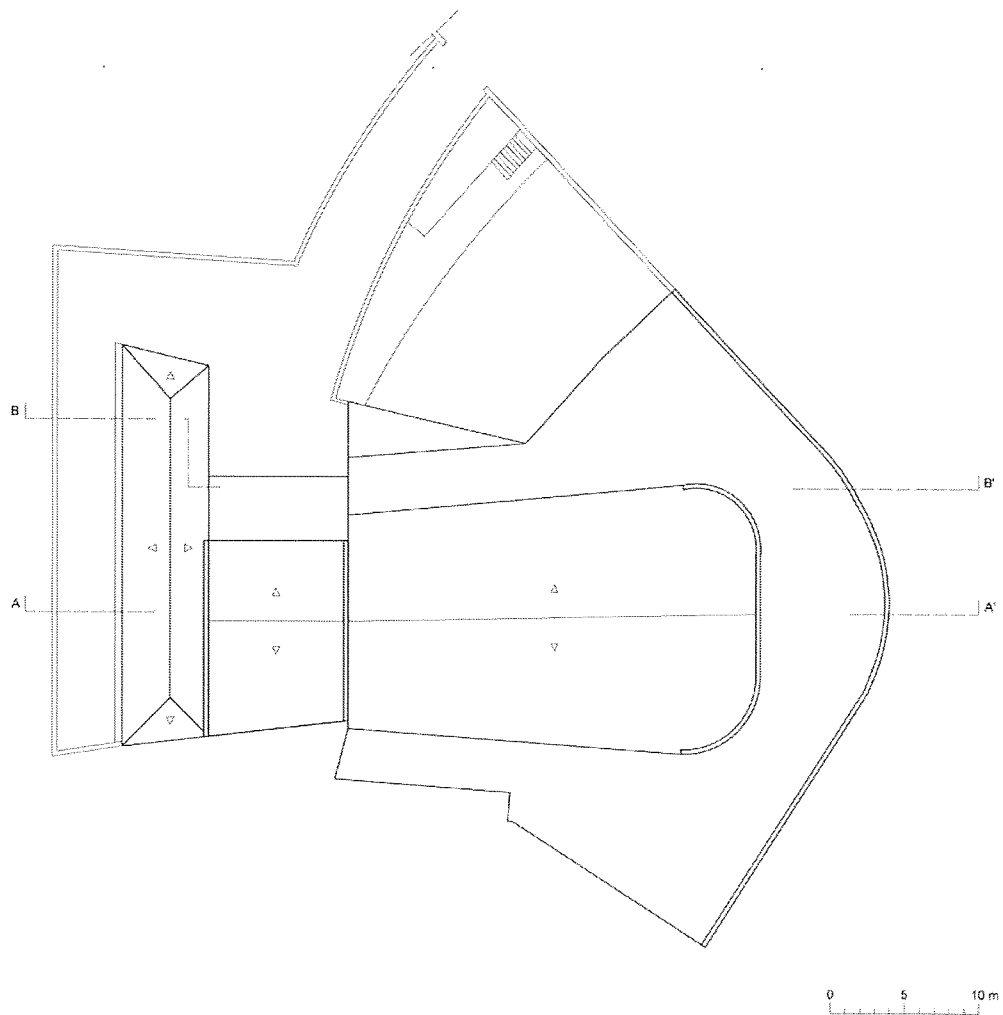


Fig. 150- Cine-Teatro da Guarda. Planta de cobertura. Intervenção.



Fig. 151 - Cine-Teatro da Guarda. Alçado principal. Intervenção.

0 5 10 m



Fig. 152- Cine-Teatro da Guarda. Alçado posterior. Intervenção.

0 5 10 m

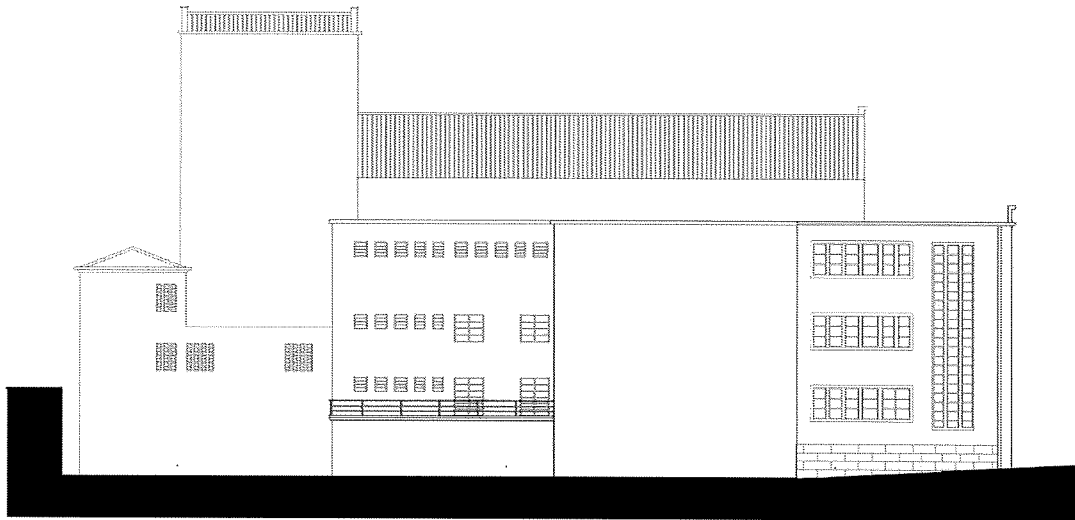


Fig.153 - Cine-Teatro da Guarda. Alçado lateral esquerdo. Intervenção.

0 5 10 m

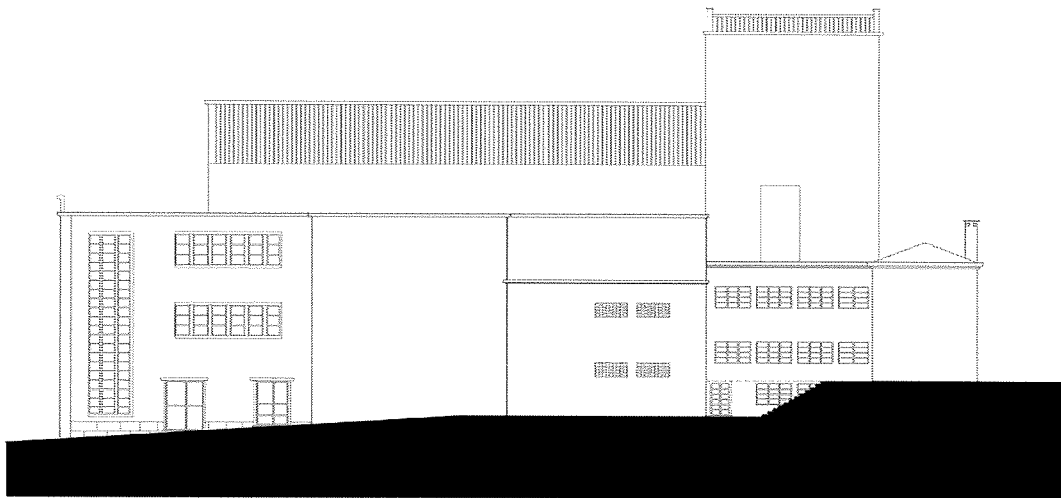


Fig. 154 - Cine-Teatro da Guarda. Alçado lateral direito. Intervenção.

0 5 10 m

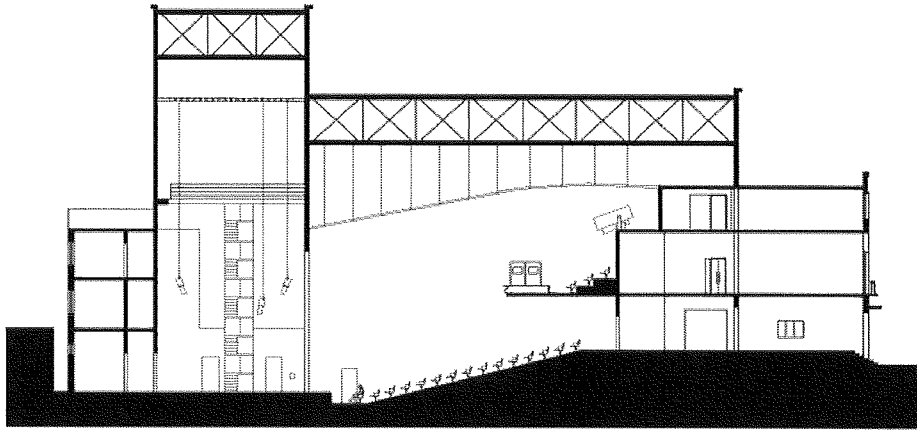


Fig. 155- Cine-Teatro da Guarda. Corte AA'. Intervenção.

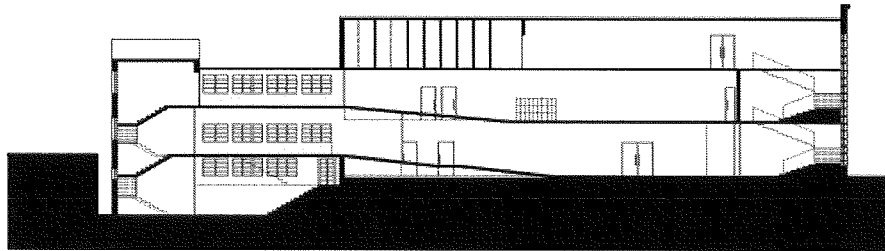
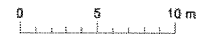


Fig. 156- Cine-Teatro da Guarda. Corte BB'. Intervenção.



Reflexões finais

No final do século XIX, a introdução do cinema em Portugal alterou indubitavelmente os hábitos socioculturais e de fruição de lazer vividos até então.

A ida ao teatro, as *soirees* e os bailes privados das altas sociedades foram trocados pelo cinema.

Ainda assim, ir ao cinema significava muito mais do que ver um filme.

Era um acto social onde as pessoas se encontravam e conheciam. As senhoras continuavam a vestir os seus melhores trajes para, durante todo o espectáculo que começava com a chegada ao cinema, serem vistas pelos outros.

O estatuto de classe era conferido aos espectadores que se sentavam nos melhores lugares, e pela frequência com que iam ao cinema.

De forma experimental, as primeiras imagens mudas eram projectadas em locais onde houvesse naturalmente concentração de pessoas, como as feiras e teatros.

As sessões cinematográficas faziam parte integrante dos espectáculos existentes. Assim, foram conquistando o seu importante papel enquanto nova forma de lazer e entretenimento.

Numa primeira fase surgiram os animatógrafos.

A sua caracterização arquitectónica não era significativa. Ocupavam geralmente uma pequena frente urbana e a sala não passava de um espaço com cadeiras dispostas em função do ecrã, com a máquina de projecção em posição oposta.

Paralelamente ocupavam-se os teatros.

Sofriam alterações para receber a cabine de projecção, e alteravam a sua nomenclatura. O que se verificou no caso do Teatro S. João do Porto, que passou a designar-se S. João Cine.

De facto, esta ocupação era uma mais-valia para o cinema. As suas salas de projecção tinham assim capacidade entre 1000 e 2000 lugares.

Porém, a evolução e grande aceitação deste novo espectáculo impuseram a necessidade de criação de um espaço próprio para as projecções cinematográficas.

Mais tarde, no final dos anos 20 e inícios de 30 ocorreram alterações que modificavam esta realidade.

Por um lado, a introdução do sonoro em Portugal suscitou a necessidade de novos espaços, com melhores condições.

Por outro, o betão armado começava a ser utilizado como material estrutural, e facilitava a construção de grandes vãos.

E por fim, o Estado Novo, que vigorava na época, percebeu a capacidade de influência do cinema na população. Era a melhor forma para transmitir a sua propaganda.

A censura seleccionava os filmes e permitia que se mostrasse apenas aquilo que considerava moral e educativo para a sociedade.

Em 1927 promulgou o Decreto-Lei nº13:564. Obrigava à conjugação dos programas cinema e teatro no mesmo edifício.

Estes factores foram determinantes para o aparecimento dos Cine-Teatros.

Sobretudo nas cidades província, os novos equipamentos de lazer destinados ao cinema tinham, obrigatoriamente, que responder também ao programa teatro, enquanto nas grandes cidades, pela variedade de teatros que existia, eram admitidos os enormes cinemas isolados num só edifício, sem possibilidade da utilização para outras funções.

Apesar das obrigatoriedades que impunha, o estado não interveio directamente na construção dos novos espaços. Ocupava-se antes dos equipamentos para os seus serviços, como as Câmaras Municipais, Correios ou Palácios da Justiça.

Assim, a promoção dos Cine-Teatros foi deixada a cargo de particulares.

Eram geralmente empresários locais, associados ou isolados, que viam no cinema uma importante forma de negócio.

Estes edifícios afirmavam o seu carácter de equipamento moderno e enquadravam-se na envolvente, criada pelo regime.

Nos casos abordados, verifica-se que cada um foi obra de um autor diferente. Tratam-se maioritariamente de arquitectos. Contudo, surgem projectos de técnicos e engenheiros civis. Como exemplo, podem citar-se os Cine-Teatros Avenida, com projecto do técnico João Manuel D'Oliveira, em Idanha-a-Nova, e o S. Luís, do engenheiro Fernão Pereira, em Pinhel.

Na realidade, os Cine-Teatros eram precedidos por outros espaços cinematográficos.

Constataram-se três situações diferentes.

Nuns casos, substituíam antigos coliseus ou teatros, como o Cine-Teatro da Guarda e o Teatro-Cine da Covilhã, que substituíram o Coliseu da Guarda e o Teatro Covilhanense, respectivamente.

Estabeleciam-se geralmente no mesmo lugar, devido às dimensões que estes já possuíam.

Noutros, tomavam o lugar dos barracões onde se realizavam as sessões cinematográficas, onde não se observavam as mínimas condições de segurança e salubridade. Ou implantavam-se ainda nas suas imediações. O que se verificou no Cine-Teatro Avenida, de Idanha-a-Nova e no Cine-Teatro Gardunha, do Fundão.

Quando era possível e rentável, faziam-se apenas obras de adaptação ao novo programa e melhoravam-se as condições de higiene e conforto, como por exemplo no Cine-Teatro S. Luís, em Pinhel.

A sua designação provinha, geralmente, da toponímia da cidade, ou relacionava-se com aspectos característicos da implantação ou da região.

Os Cine-Teatros abordados foram maioritariamente inaugurados pela Companhia de teatro Amélia Rey Colaço - Robles Monteiro, com as peças “O caso do dia”, do dramaturgo Ramada Curto, e “Ceia dos Cardeais”, “Prémio Nobel” ou “Essa mulher” de Júlio Dantas, como as mais apresentadas.

Localizavam-se nas ruas mais importantes e centrais das malhas urbanas.

Tornavam-se pontos de referência e asseguravam uma clara vontade de centralidade junto aos equipamentos promovidos pelo regime.

Eram frequentemente implantados em gavetos ou em grandes frentes urbanas, que se tornavam capazes de definir quarteirões.

As torres, quando presentes, evidenciavam a entrada principal.

Ali encontrava-se um átrio com a bilheteira, as montras publicitárias e a designação do edifício.

Os painos cegos nas fachadas referiam-se à Sala de Espectáculos onde, em alguns casos, se colocavam os painéis publicitários.

Apresentavam os salões e *foyers* enquanto espaços de socialização, com as melhores localizações nos edifícios. As suas varandas e envidraçados permitiam um maior contacto com as praças e ruas.

A Sala de Espectáculo era rectangular, ou em leque.

Possuía geralmente plateia, com divisão entre cadeiras almofadadas e de madeira, 1º e 2º balcões com camarotes e frisas.

Havia uma clara distinção entre classes sociais. O único contacto que tinham era dentro da Sala de Espectáculos.

Aos mais desfavorecidos era reservada a geral, habitualmente estabelecida no 2º balcão, com os piores lugares e por isso mais baratos.

Possuía os seus próprios espaços de socialização, bilheteira e entrada independente do restante edifício.

As cabines de projecção situavam-se comumente acima do último balcão que a Sala de Espectáculos apresentava. Contudo, também era possível que se estabelecesse ao nível da plateia, como no caso do Cine-Teatro Avenida em Castelo Branco.

Os camarins eram dispostos junto ao palco, numa posição lateral ou posterior, de forma paralela.

O palco e a cabine de projecção, por serem os locais onde ocorria maior risco de incêndio possuíam cabines de bombeiro onde, durante os espectáculos, deveria estar presente o chefe do piquete dos bombeiros.

Do mesmo modo que o século XX introduziu alterações na sociedade e nas suas formas de lazer, também a aproximação do século XXI o fez.

O aparecimento da televisão, em 1957, passou a constituir uma alternativa ao cinema.

A possibilidade que tinha em transmitir novidades que antes, tardiamente chegavam às cidades província, fascinou os espectadores.

Os locais de afluência de público passavam a ser os cafés e associações onde houvesse um televisor. Todos queriam o lugar mais próximo. Alteravam-se os horários e jantava-se mais cedo para que, antecipadamente, todos se reunissem em torno do aparelho.

Mudavam-se as conversas e as formas de vestir. Podia-se ver mais longe.

À medida que os lares tinham o seu próprio televisor, as famílias ficavam em casa.

A crise do cinema começava, mas não ficava por aqui.

Quando nos anos 70 surgiu o primeiro centro comercial, com as novas salas de cinema, mais pequenas e confortáveis, capazes de oferecer variadas projecções, os Cine-Teatros começaram a encerrar.

Tornavam-se grandes demais e difíceis de rentabilizar.

A degradação era um facto e a falta de público agravava a situação.

As vistorias efectuadas aos Cine-Teatros impunham novas regras de funcionamento, mas nem sempre os proprietários reuniam condições financeiras suficientes para a sua realização.

Assim, “o edifício cultural mais moderno do século XX converteu-se no mais débil e problemático”¹⁴⁴.

Mais tarde, as novas tecnologias vinham contribuir para a alteração dos hábitos socioculturais.

Nos anos 90, a internet começava a ser utilizada enquanto forma de lazer e sociabilidade.

A sua oferta de informação e de interacção social tornavam-na numa nova forma de encontro e de partilha.

Com este avanço tecnológico, as pessoas facilmente passaram a ter acesso às mais variadas formas de entretenimento.

Com o avanço desta tecnologia, os espaços de lazer e sociabilidade tomam outros contornos. As ferramentas de interacção social de que a internet dispõe, permitem a interacção dos usuários em tempo real e facilitam o conhecimento de novas pessoas. Criam um mundo virtual, em que o computador é o elo de ligação.

Aqui, os elementos que muitas vezes podem condicionar as relações sociais, como o sexo, aparência ou classe social, tornam-se ambíguos. A verdade é que não se sabe ao certo a identidade do outro indivíduo.

Desta forma, o contacto entre pessoas, e as diferentes formas de lazer, estão praticamente ao alcance de cada um, nas suas próprias casas.

Para os usuários que vêm na internet uma forma de lazer e sociabilidade, os antigos espaços de encontro deixam de ter o mesmo significado. Assim, podem ficar no conforto das suas casas enquanto interagem e disfrutam dos seus momentos de lazer.

A localização dos Cine-Teatros é um factor que desperta interesses imobiliários, mas o programa tornou-se incapaz de se adaptar às necessidades actuais, pois o cinema já não necessita de um grande equipamento urbano e central.

Muitas Câmaras Municipais têm vindo a apostar na sua recuperação. No entanto, nem todos estes equipamentos terão a possibilidade de ser recuperados e de novo entregues à cidade e à sociedade. Muitos serão os que, pela sua implantação, esperam ruir para que os seus terrenos se destinem a outros fins de interesses camarários e imobiliários.

¹⁴⁴ CAPITEL, Antón - *1925-1965: diversidade urbana de los edificios culturales en el ámbito ibérico*. In SEMINÁRIO DOCOMOMO IBÉRICO, 3, Porto, 2001 - *Cultura: origem e destino do Movimento Moderno. Equipamentos e infra-estruturas culturais. 1926-1965: actas*. p.134. Cit por SILVA, Susana Constantino Peixoto da. *Arquitectura de Cine-Teatros: Evolução e Registo (1927-1959)*. Edições Alameda, 2010. p.174.

O aparecimento de centros culturais a par do prolongado encerramento dos Cine-Teatros pode ainda levar ao esquecimento da sua existência por parte dos conterrâneos. Infelizmente foi possível comprovar este facto durante a pesquisa inicial, com os habitantes de Idanha-a-Nova que não lembravam a existência do seu equipamento cultural.

De facto, no que respeita aos Cine-Teatros, ainda muito está por fazer.

Restam por fim as memórias vivas que um dia também desaparecerão e aquelas que se espera conservar através do levantamento minucioso de todos estes equipamentos, antes mesmo que os documentos ainda existentes envelheçam demais e, igualmente aos edifícios a que se referem, não resistam à degradação que o tempo os sujeita, e juntos acabem por desaparecer, sem deixar memória da sua existência.

Só assim se entenderá verdadeiramente o seu significado e importância.

Para não esquecer o papel que os Cine-Teatros tiveram e o que representaram para a sociedade e ainda representam na cidade, torna-se fundamental a intervenção nestes espaços de forma a dar continuidade à sua actividade enquanto equipamento público.

Desta forma foi realizada uma proposta de adaptação para o Cine-Teatro da Guarda, para o qual se estabeleceu como programa, a sua transformação em academia de dança.

A intervenção baseou-se sobretudo na memória dos espaços existentes.

Tendo como tema arquitectónico o movimento no espaço, o antigo programa foi adaptado, valorizando não só a Sala de Espectáculos mas também os espaços de estudo e circulação.

A concluir pareceu-nos que teria sido importante a realização de uma lista de Cine-Teatros activos e inactivos. Mas, infelizmente tal não foi possível incorporar neste trabalho devido às limitações de tempo que o mesmo impôs.

As inúmeras dificuldades de obtenção de informações, e a sua difícil interpretação revelaram-se um processo demorado e de grande esforço.

A realização deste trabalho permitiu também a sedimentação e aprendizagem de novas formas de pesquisa, onde foi possível constatar toda a problemática em volta dos Cine-Teatros, e o contacto com inúmeras pessoas ligadas ao espectáculo, que facilitaram a sua compreensão.

Resta referir a nossa grande satisfação por termos contribuído para uma problemática que afecta inúmeras cidades e antigos equipamentos culturais, esperando com isto ajudar a valorizar os espaços ainda susceptíveis de recuperar.

Fontes e referências bibliográficas

Arquivos

Inspecção-Geral das Actividades Culturais (IGAC)

IGAC, Processo nº 09.06.0001 “Teatro-Cine de Gouveia”

IGAC, Processo nº 09.07.0001 “Cine-Teatro da Guarda”

IGAC, Processo nº 09.10.0001 “Cine-Teatro S. Luís - Pinhel”

IGAC, Processo nº 09.12.0022 “Cine-Teatro Jardim - Seia”

IGAC, Processo nº 05.02.0070 “Cine-Teatro Avenida - Castelo Branco”

IGAC, Processo nº 05.03.0001 “Teatro-Cine da Covilhã”

IGAC, Processo nº 05.04.0001 “Cine-Teatro Gardunha- Fundão”

IGAC, Processo nº 05.05.0015 “Cine-Teatro Avenida - Idanha-a-Nova”

Arquivo Municipal da Covilhã

Arquivo Municipal de Castelo Branco

Câmara Municipal da Guarda

Câmara Municipal de Seia

Departamento de Urbanismo da Câmara Municipal do Fundão

Obras citadas e consultadas

ALBERT, Pierre; TUDESQ, André-Jean. *História da Rádio e da Televisão*. Lisboa: Editorial Notícias, 1981.

BANDEIRINHA, José António. *Keil do Amaral - Obras de arquitectura na Beira*. Lisboa: Argumentum, 2010.

BARATA, José Oliveira. *História do Teatro Português*. Lisboa, 1991.

BASTOS, Sousa. *Diccionario do teatro Portuguez*. Lisboa: Arquimedes Livros, 1908.

BENTO, José. *Fundão - Património histórico e cultural*. Lisboa, 1991.

CACHINHO, Herculano. *Centros comerciais em Lisboa. Os novos espaços de consumo*. Lisboa: Universidade de Lisboa, 1991.

CARDOSO, Gustavo; COSTA, António Firmino da; CONCEIÇÃO, Cristina Palma; GOMES, Maria do Carmo. *A sociedade em rede em Portugal*. Porto: Campo das Letras, 2005.

CARNEIRO, Luís Soares. *Teatros Portugueses de Raiz Italiana*. Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Arquitectura do Porto, Porto, 2002.

- CARVALHO, Alberto Arons de. *A RTP e o serviço público de televisão*. Coimbra: Edições Almenida. SA, 2009.
- Cine-Teatro Avenida - Castelo Branco - Equipamento Municipal*. Castelo Branco: Câmara Municipal de Castelo Branco, 2000.
- CORBIN, Alain. *História dos Tempos Livres*. Lisboa: Teorema, 2001.
- COSTA, Campos. *Covilhã - Memórias da Cidade*. Covilhã: Edição do autor, 1998.
- COSTA, João Bénard da. *O Cinema Português nunca existiu*. Lisboa: C.T.T. Correios de Portugal, 1996.
- Covilhã de hoje e de sempre, propaganda - cultura - turismo*. Covilhã, 1958.
- Covilhã, Câmara Municipal da. *140 anos/obras cidade da Covilhã 1870-2010*. Covilhã: Município da Covilhã, 2010.
- CRUZ, Duarte Ivo. *De Volta aos Teatros*. Livraria Civilização Editora, 2008.
- . *Teatros de Portugal*. Lisboa: Inapa, 2005.
- . *Teatros em Portugal: Espaços e Arquitectura*. Media Texto, s.d.
- DELGADO, Rui. *História da Covilhã (1800 a 1926) - II História e Cultura*. Covilhã: Câmara Municipal da Covilhã, 1992.
- DIETRICH, Jochen. *Cine Teatros de Portugal*. Leiria: Tipografia LIS, 1998.
- FERNANDES, José Manuel. *Cinemas de Portugal*. Lisboa: Inapa, 1995.
- FERNANDEZ, Sérgio. *Percurso da Arquitectura Portuguesa 1930-1974*. Porto: FAUP, 1988.
- FERREIRA, António Fonseca. *Cine-Teatros: Lisboa e Vale do Tejo - Valorização Cultural, Reabilitação do Património*. Lisboa: Comissão de Coordenação da Região de Lisboa e Vale do Tejo, 2002.
- FERREIRA, Jaime. *A Guarda formosa na primeira metade do século XX*. Guarda: Câmara Municipal, 2000.
- FERRO, António. *Teatro e Cinema: 1936-1949*. Lisboa: SNI, 1950.
- FRANÇA, José-Augusto. *Os anos vinte em Portugal*. Lisboa: Editorial Presença, 1992.
- GOMES, Paulino, e António VEIGA. *Covilhã - Percursos de uma história secular*. Paços de Ferreira: Héstia Editores, 2003.
- GUERRINHA, José. *Conhecer Gouveia : Serra da Estrela*. Gouveia: Edição do autor, 1985.
- . *Gouveia (Serra da Estrela)*. Coimbra: Edição do autor, 2005.
- MARCELO, Ana Sofia. *Internet e novas formas de sociabilidade*. Tese de mestrado em Ciências da Comunicação apresentada à Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2001.
- MORÃO, Humberto Correia. *Recortes de história da Covilhã*. Covilhã: Câmara Municipal, 2008.
- NUNES, António Lopes Pires. *Castelo Branco, uma cidade histórica*. Castelo Branco, 2002.
- PASCOAL, Marta. *Lazer e Divertimento*. Lisboa: Editorial Presença, 2004.
- PINA, Luís de. *A aventura do cinema Português*. Lisboa: Editorial Vega, 1977.
- . *História do Cinema Português*. Lisboa: Publicações Europa América, 1986.
- . *Panorama do Cinema Português*. Lisboa: Terra Livre, 1978.

- PINTO, António Costa. *O Estado Novo - Das origens ao fim da autarquia 1926-1959*. Vol. II. Lisboa: Editorial Fragmentos, Lda, 1987.
- Portuguesa, Cinemateca, Museu do Cinema, e ed. lit. António RODRIGUES. *Cinema e Arquitectura*. Lisboa: Cinemateca Portuguesa, Museu do Cinema, 1999.
- RIBEIRO, M. Feliz. *Os mais antigos cinemas de Lisboa*. Lisboa: Instituto Português de Cinema; Cinemateca Nacional, 1978.
- RODRIGUES, Adriano Vasco. *Guarda - Pré-História, História e Arte*. Guarda: Santa Casa da Misericórdia da Guarda, 2000.
- RODRIGUES, Maria João Madeira; SOUSA, Pedro Fialho de; BONIFÁCIO, Horácio Manuel Pereira. *Vocabulário técnico e crítico de arquitectura*. 3ª Edição. Coimbra: Quimera Editores, 2002.
- SANTOS, A. Videira. *Para a história do Cinema em Portugal*. Lisboa: Cinemateca Portuguesa, 1990.
- SANTOS, Manuel Tavares dos. *Castelo Branco na história e na arte*. Edição do autor, 1958.
- SANTOS, Vítor Pavão dos; COSTA, João Bérard da. *O Cinema vai ao Teatro*. Lisboa: Arquivo Nacional de Fotografia, 1996.
- SERRÃO, Joel; MARQUES, A. H. de Oliveira. *Portugal da Monarquia para a República*. Vol. Vol. XI. Lisboa: Editorial Presença, 1991.
- SILVA, José Aires da. *História da Covilhã*. Covilhã: Litografia Coimbra, 1996.
- SILVA, Susana Constantino Peixoto da. *Arquitectura de Cine-Teatros: Evolução e Registo (1927-1959)*. Edições Almenida, 2010.
- SLEVIN, James. *Internet e Sociedade*. Traduzido por Maria da Graça Pinhão. Lisboa: Temas e Debates, 2002.
- TEVES, Vasco Hogan. *RTP 50 anos de história*. Lisboa: Tipografia Peres, 2007.
- TORGAL, Luís Reis. *O cinema sob o olhar de Salazar*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000.
- TOSTÕES, Ana, e Coord. Dalila RODRIGUES. *Arte Portuguesa da Pré-História ao Século XX :Arquitectura Moderna e obra global a partir de 1900*. Fubu Editores, 2009.
- TOSTÕES, Ana, e et al. *Arquitectura Moderna Portuguesa 1920-1970*. Lisboa: IPPAR, 2004.

Artigos em periódicos

- ADAIXO, Susana. "O Cine-Teatro já não mora aqui..." *Terras da Beira*, 2000: On line.
- MANSO, Francisco. "O Cine-teatro da Guarda." *A Guarda*, Janeiro 2006: Edição on line.
- RIBEIRO, C. P. (Dezembro de 2010). O cinema do SPN/SNI - o ideal de Ferro, a realidade de chumbo. *O olho da história*, pp. 1-15.

Endereços electrónicos

“Atlas de Portugal” (online).

Em: http://www.igeo.pt/atlas/Cap4/Cap4c_3.html, (consultado em Agosto de 2011).

“Câmara Municipal de Castelo Branco” (online).

Em: <http://www.cm-castelobranco.pt/index.php?link=cineteatro>, (consultado em de Maio de 2011).

“Câmara Municipal da Covilhã” (online).

Em: <http://www.cm-covilha.pt/simples/?f=2283>, (consultado em Março de 2011).

“Centro Comercial Apolo 70” (online).

Em: <http://www.apolo70.com/historia.php>, (consultado em Agosto de 2011).

“Empresa Municipal de Gouveia - DLCG (Desporto Lazer e Cultura de Gouveia)” (online).

Em: http://www.dlcg.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=109&Itemid=163, (consultado em Abril de 2011).

“Empresa Municipal de Pinhel - Falcão Empresa Municipal” (online).

Em: <http://www.cm-pinhel.pt/falcaoempresamunicipal/cine-teatro/Paginas/default.aspx>, (consultado em Maio de 2011).

“Jornal A Guarda” (online).

Em: <http://www.jornalaguarda.com/index.asp?idEdicao=131&id=4270&idSeccao=1110&Action=noticia>, (consultado em de Maio de 2011).

“Jornal Nova Guarda” (online).

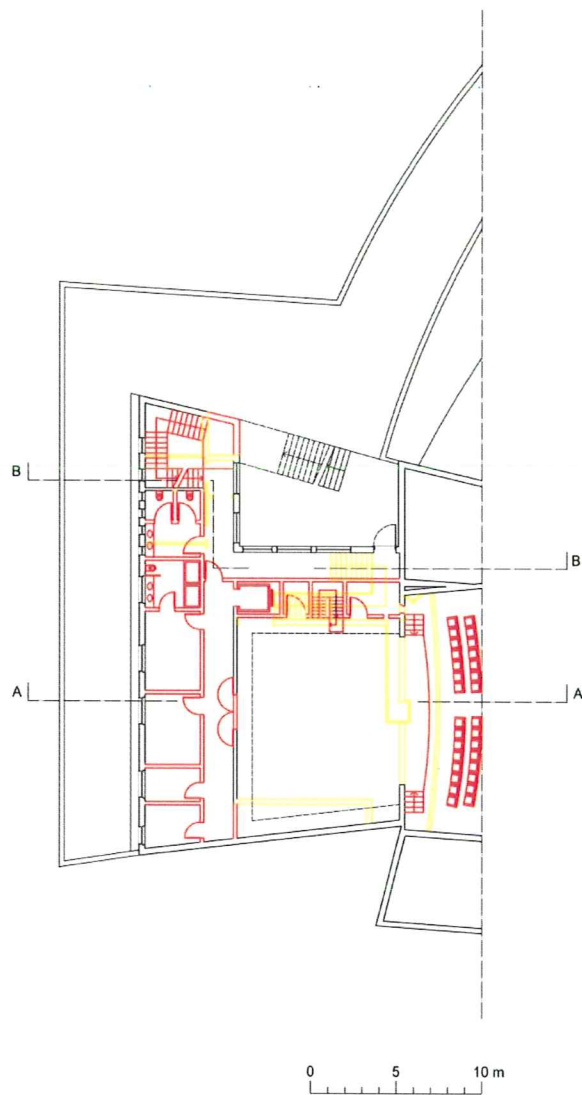
Em: <http://www.novaguarda.pt/noticia.asp?idEdicao=138&id=7788&idSeccao=1631&Action=noticia>, (consultado em Maio de 2011).

“Jornal Terras da Beira” (online).

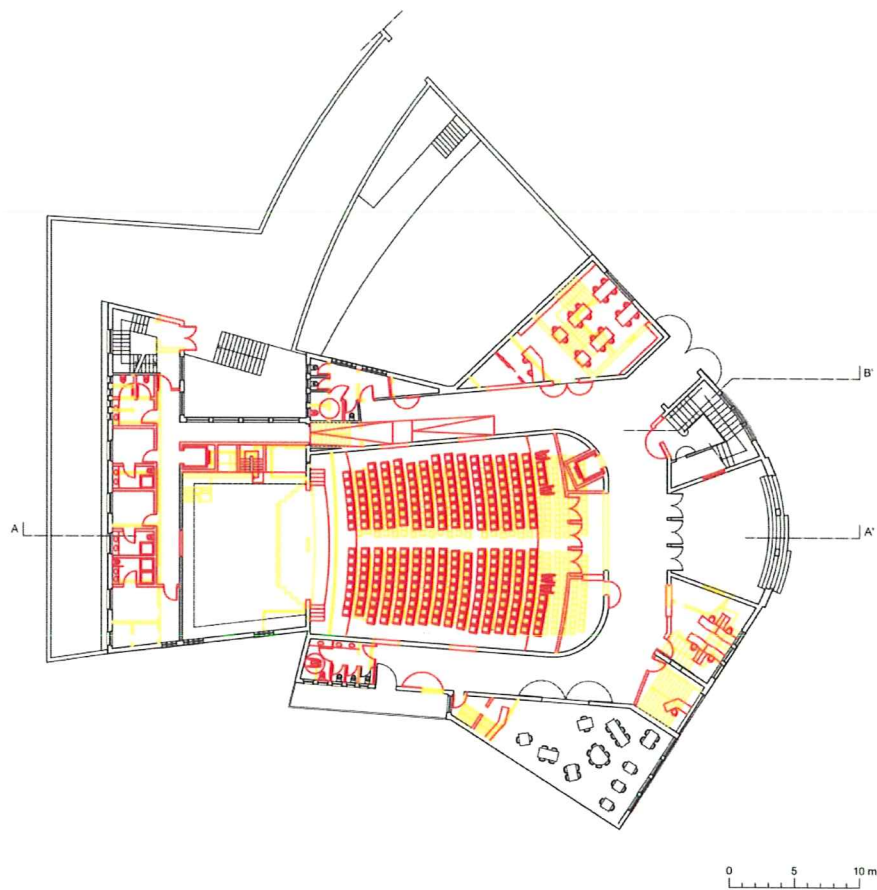
Em: <http://www.freipedro.pt/tb/170200/gua3.html>, (consultado em Maio de 2011).

Anexos

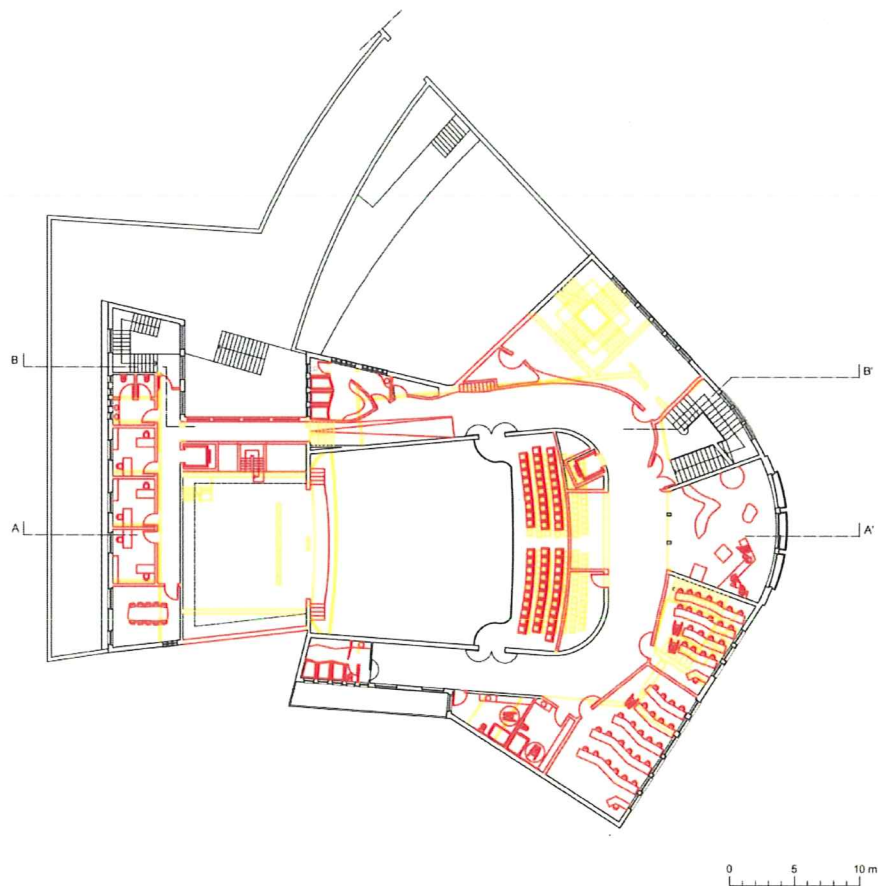
Amarelos e vermelhos do projecto de intervenção



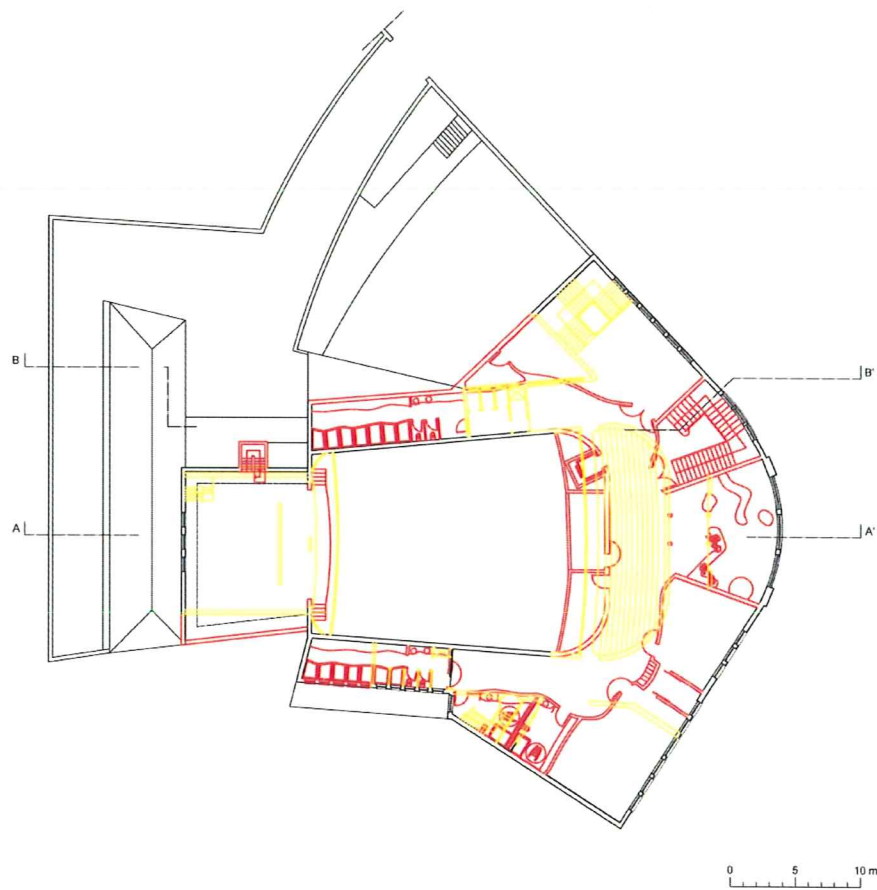
Cine-Teatro da Guarda. Planta piso -1.



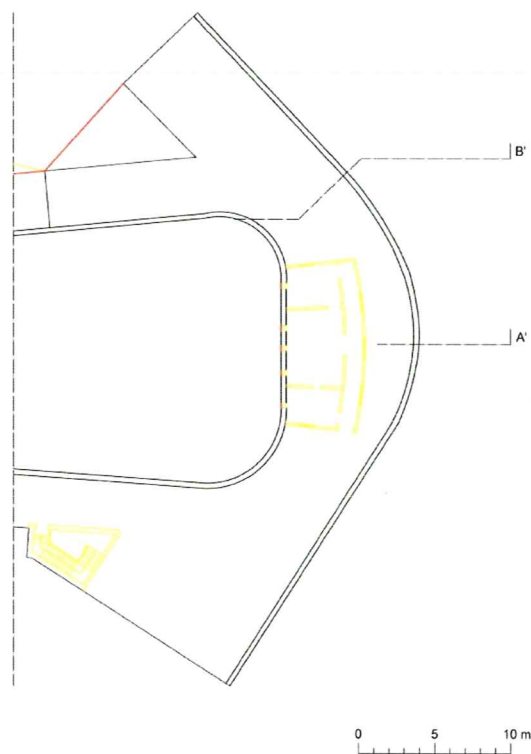
Cine-Teatro da Guarda. Planta piso 0.



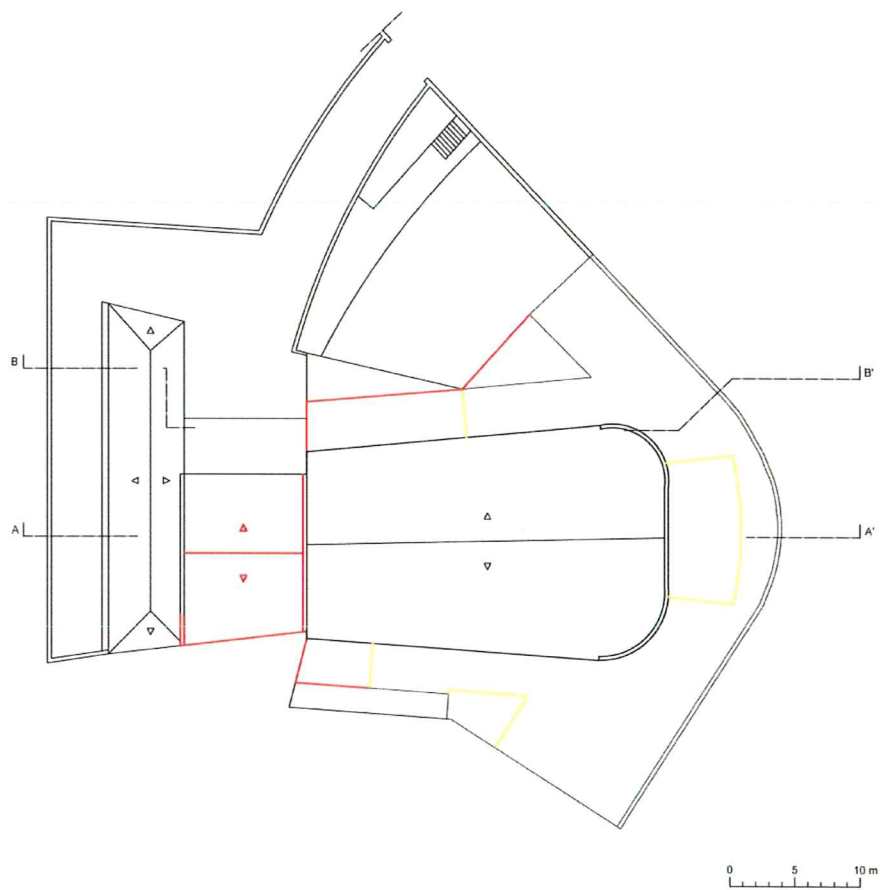
Cine-Teatro da Guarda. Planta piso 1.



Cine-Teatro da Guarda. Planta piso 2.



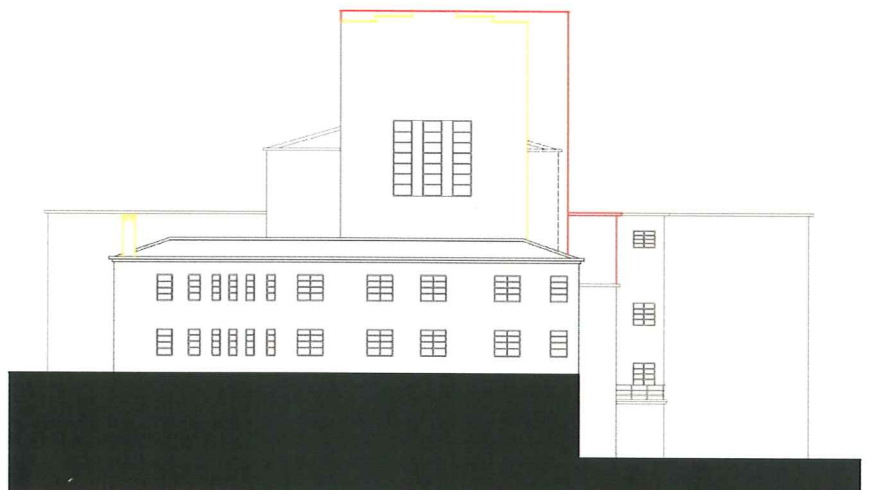
Cine-Teatro da Guarda. Planta piso 3.



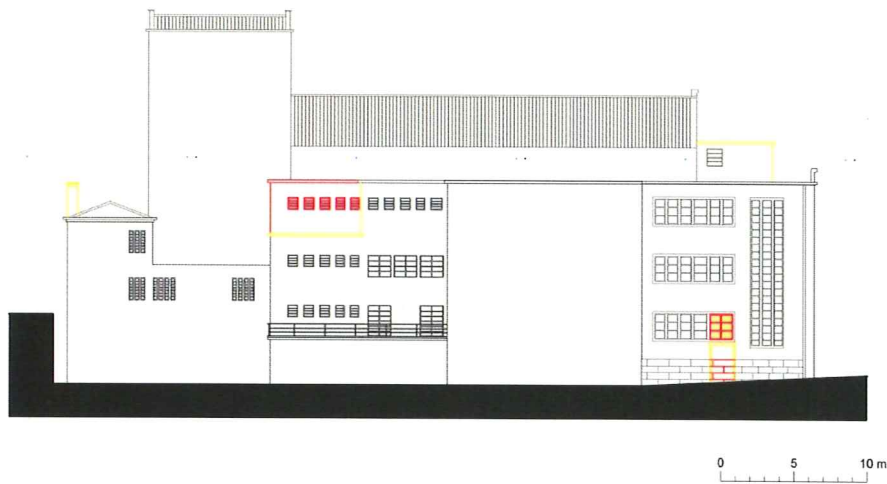
Cine-Teatro da Guarda. Planta de cobertura.



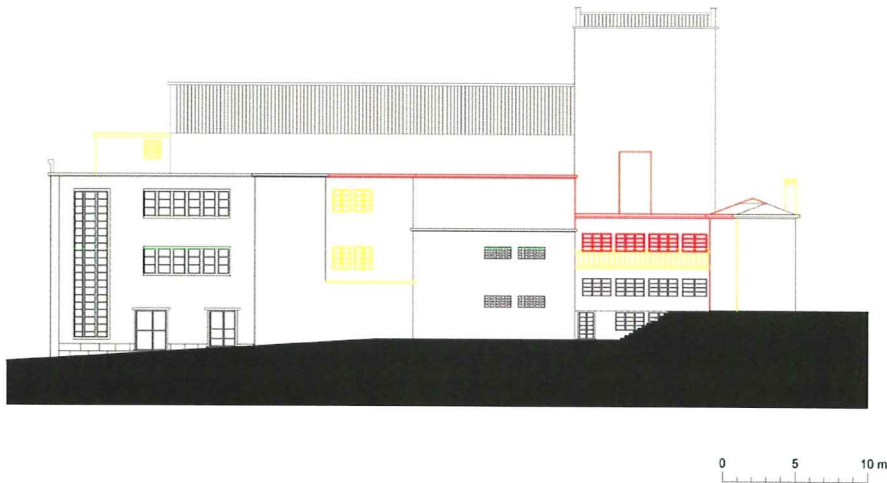
Cine-Teatro da Guarda. Alçado principal.



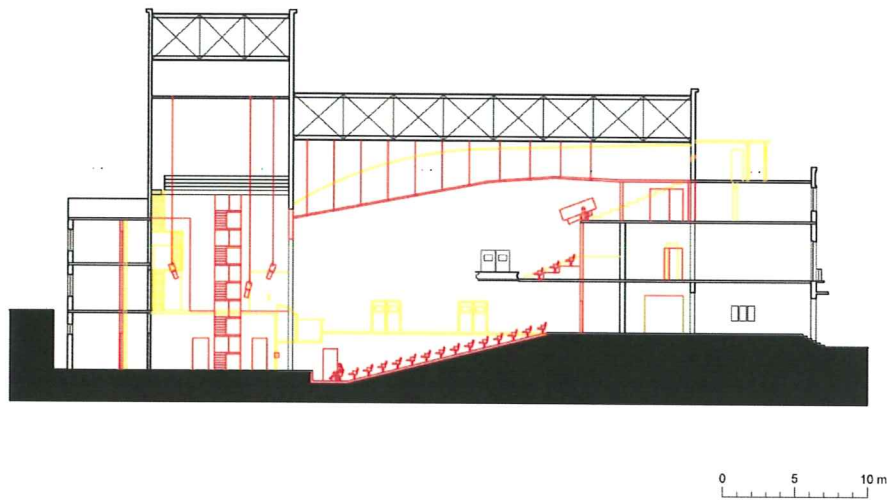
Cine-Teatro da Guarda. Alçado posterior.



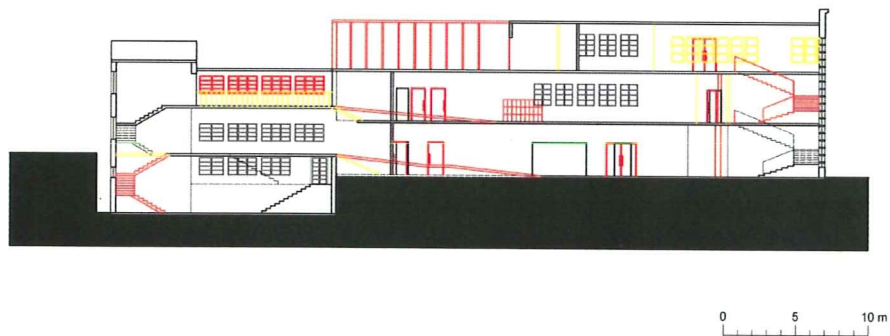
Cine-Teatro da Guarda. Alçado lateral esquerdo.



Cine-Teatro da Guarda. Alçado lateral direito.



Cine-Teatro da Guarda. Corte AA'.



Cine-Teatro da Guarda. Corte BB'.